

REVISTA DA SEMANA



N.º 37

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

11-9-48



Neste numero:
MODAS DE PRIMAVERA



AÇUCAR PEROLA

★

Produto econômico,
 de grande pureza,
 seco, dissolvendo-se
 inteiramente, dando
 maior rendimento
 que qualquer outro.



★

FÁBRICA
RUA PEDRO ALVES, 319
 TEL. 43-4830
 RIO DE JANEIRO
 CAIXA POSTAL 1224

COMPANHIA USINAS NACIONAIS

As máscaras, o navio e os passarinhos

MEU irmão Paulo tinha saído da fase da escultura e começava a desenvolver um talento novo. Dera para assobiar com perfeição. Também imitava locomotivas, pios de pássaros, cantos de sabiás, apitos de fábricas. Era sobretudo muito impressionante quando se punha a fazer de navio pedindo socorro. O "bu, bu, bu" do navio nos punha arrepiados. Eu e meu irmão mais novo ficávamos escutando e, ao mesmo tempo, "vendo" a massa escura das águas, as luzinhas do navio perdido, a agonia dos passageiros. E meu irmão, "bu, bu, bu", pedindo socorro. Até que um de nós, no auge da aflição, suplicava que aparecesse uma lancha salvadora. Meu irmão se punha de pé e soltava o apito da resposta. Chegava socorro. Era um alívio. Na fase da escultura, tínhamos sido muito infelizes. Primeiro porque no quintal da nossa casa não havia barro que prestasse. Meu irmão não via inconveniente em ir buscar barro em uma construção próxima. Estavam fazendo uma casa ali perto da nossa. Era só andar um quarteirão, encher uma ex-lata de banha e voltar. Eu e meu irmão mais novo, seus discípulos obedientes, começávamos o trabalho. Tirávamos pedregulhos, deixávamos a massa bem batida. Meu irmão, nesse particular, adotava a técnica geralmente usada para se fazer biscoitos. Depois de pronta a massa, ele tomava conta e nós ficávamos vendo. As vezes, saía um passarinho, outras vezes um velho barrigudo. Elefante ele não fazia porque era muito fácil, qualquer um podia reconhecer por causa da tromba. Mas gatos e cachorros, isso sim. Não demorou a descobrir que podia fazer caras humanas. Depois disso, foi brincadeira preparar máscaras de carnaval. Com o modelo em barro, endurecido, era só colar folhas de papel molhado e esperar que secasse. Tirávamos a máscara da forma, cortávamos os buracos dos olhos, pintávamos as sobranças e tudo o mais, e estava a máscara pronta. Daí vieram os admiradores mais chegados, dos outros quarteirões, querendo máscaras. Fizemos então um plano grandioso. Produzir esse material carnavalesco em grande escala e ficarmos ricos. Tínhamos apenas começado a vender nossas primeiras máscaras e já compreendíamos que o sucesso estava ali. Havia apenas um senão. As máscaras exalavam um cheirinho dos diabos. A goma de farinha que eu preparava escondido de minha mãe, parecia um mingau inofensivo. Mas, depois de seco, danava-se a cheirar mal. Isso foi imediatamente sanado quando encontrei um vidro de loção para cabelos que meu pai usava aos domingos. Depois de pronta, a máscara era lavada com "Fleurs d'Amour" e ninguém mais implicou. Ninguém é um modo de dizer. O primeiro a achar ruim foi meu pai. Primeiro pensou que estava evaporando. Depois percebeu que havia uma forte sociedade na sua loção. Não querendo ser inimigo das artes nem da indústria, primeiro me deu conselhos. Depois escondeu o vidro de loção. A freguesia, porém, estava firme. Fizemos uma redução nos preços por causa do cheiro. Começou a perseguição do barro. Os operários já não podiam nem ver meus irmãos rondando a construção. Corriam com eles. Isso foi sanado devido à solidariedade e também à variedade dos nossos fãs. Um conversava com o operário, o outro localizava o barro e outro aparecia com a lata de banha. Foi então que veio a primeira queixa. A segunda. A terceira, e por fim nosso prestígio começou a ficar abalado. Meu irmão, desgostoso com a incompreensão dos grandes, voltou sua atenção para os passarinhos e os apitos. Não dava lucro, mas era divertido. A gente ficava debaixo da laranjeira, sem dizer palavra. Meu irmão começava a piar. Piava de macho, piava de fêmea, chamava filhotes. Os passarinhos, inocentes, iam na onda. Mas o canto do sabiá-laranjeira era o mais emocionante. A sabiá fêmea vinha, não se sabe de onde, inquieta, respondendo ao chamado, pulando de galho em galho. E nós lá em baixo, imóveis, fascinados. Meu irmão enganava qualquer passarinho. Foi justamente nessa fase que a construção ficou pronta e a nova moradora veio nos fazer uma visita. Estávamos certos de que se tratava de pedir indenização pelo barro. Mas não. Era uma visita apenas, para tomar contacto. Ainda que a aparência fosse de paz, meu irmão Paulo achou mais prudente não aparecer. Ficou no quintal. A dona da casa nova não conhecia o bairro, vinha de longe. Meu irmão, no quintal, a piar de pardal, de bico-de-lacre. E a visita encantada com os passarinhos. Minha mãe não tinha coragem de dizer que aqueles passarinhos todos eram o filho dela. Era tímida, concordava com as belezas que a nova vizinha encontrava em tudo. Meu irmão passou a fazer o navio pedindo socorro. A visita perguntou se o mar não estava um pouco longe para se ouvir tão bem os navios. Minha mãe disse que estava perto, ouvia-se até o rumor das ondas quando havia ressaca. Nesse momento, a visita se ergueu para sair. Não sei o que deu no meu irmão, mas ele resolveu apitar como fábrica. Solto um silvo agudo, prolongado, perfeito. Minha mãe, dessa vez, ignorava que fosse ele. A visita estava entusiasmada com o progresso do bairro em que ia morar. Com certeza era a fábrica de botões, que lhe haviam dito que estavam montando por ali. Era um grande melhoramento, sinal de progresso. Minha mãe não sabia de nada, ficou contagiada, achando que tudo ia se valorizar. Meu irmão apitou de novo e a visita achou que devia ir embora. Despediram-se e houve troca de oferecimentos e gentilezas. Só quando meu irmão continuou a apitar dentro de casa foi que minha mãe caiu em si. Ficou pensativa, mas não reclamou. A nova vizinha foi que passou ainda algum tempo querendo localizar a fábrica e depois desanimou.

LÚCIA BENEDETTI

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Sumário

COLABORAÇÃO

As máscaras, o navio e os passarinhos
(Lúcia Benedetti) 3

BIOGRAFIA

A vida de Whistler (Henry Thomas e
Dana Lee Thomas) 36

CARICATURA

Bom humor 18

REPORTAGENS

Invasão portuguesa na praça Tiradentes
(Demóstenes Varela) 6/11
O caminho da salvação nacional (Texto
e fotos de Ney Machado) 12/15
Um romance de Jorge Amado no cinema
..... 24/29
Tipos e aspectos do Rio Grande do Sul
(Plínio Bueno) 30/35

CONTOS

A dolorosa verdade (Jorge Arnaldo
Fortes) 19
Conflito (Lola Kneip de Melo) 20/21
Visita para o jantar (Umberto Peregrino)
..... 22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4
O Mundo Marcha 5
Broadcast 23
Música 43
Vida Literária 49

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty) 37
A personalidade da semana (Sarah
Marques) 38
Muro das lamentações 43
O espírito feminino através dos tempos
..... 44
Mães e filhos (Zóia de Laet) 45
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) 46
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 47
Modas de Primavera, a partir da pág. 38

FOLHETIM

"Melissa" (Le Grand Cannon Junior-
John Fulton) 57/58

ILUSTRADORES

Abelardo Zaluar
Armando Pacheco
Luis Canabrava

NOSSA CAPA

Figura em nossa capa de hoje a rainha das "sereias" de Hollywood, Esther Williams, da Metro-Goldwyn-Mayer. Ex-campeã de natação, Esther Williams tem sabido aproveitar a sua plástica e os seus conhecimentos técnicos em todos os filmes em que aparece. Sua consagração foi na suntuosa película "Escola de Sereias", que, na especialidade, dificilmente poderá ser ultrapassada. Há pouco, Esther Williams voltou aos Cines Metro, no telenovela "Festa Brava", ao lado do novo e já vitorioso ator mexicano Ricardo Montalban.



a Semaninha EM REVISTA

OS FRETES FERROVIÁRIOS



O Departamento Nacional de Estradas de Ferro convocou uma reunião de diretores de ferrovias para debater os problemas de suas empresas. Para se avaliar a situação dramática em que se encontram, basta que se leia um dos tópicos da convocação, que estabelecia como parte do programa "o tombamento das misérrimas ferroviárias e o cadastro de suas reivindicações". Falar-se em "misérrimas ferroviárias" neste país que clama por transporte, é muito engraçado. Miséria por que? Por falta de transporte? Absolutamente. As mercadorias mofam nas estações à espera dos comboios. O fazendeiro exporta queijo de Minas e o revendedor no Rio recebe penicilina láctea, ou qualquer coisa semelhante. Por que, então, tanto "miséria"? A resposta foi dada em uníssono: material obsoleto do parque ferroviário. O mal provocado pelo material imprestável, que, desafiando a aposentadoria, teima em rodar por sobre os trilhos, atinge quase todas as ferrovias. E — este é

um ponto que não poderemos estranhar — atinge principalmente as empresas controladas pelo governo. A Estrada de Ferro Central do Brasil já foi um modelo de ferrovia para toda a América do Sul. Não se riam, isto foi verdade, há muitas dezenas de anos, quando da sua inauguração. Nunca lhe faltou transporte de carga ou de passageiros. Nunca lhe faltou o apoio oficial. Esta estrada tem consumido rios de dinheiro dos cofres públicos para cobrir os seus "deficits". Por que esta empresa não dá lucro? Em parte, porque é de seu dever não apresentar saldos, bastando, apenas, que atenda economicamente ao transporte das mercadorias do interior para as capitais e dos artigos manufaturados das capitais para o "hinterland". Mas nem isso a Central faz mais. Já se foi esse tempo... Nem dá lucro, nem proporciona economia. Uma passagem para Belo Horizonte, para São Paulo, para qualquer lugar, custa uma fortuna! Quase tanto como uma passagem aérea pela V.A.S.P. Os fretes de gêneros de primeira necessidade não sofrem exceção. O saco de arroz paga tanto de frete quanto vale pela mercadoria que contém. Por que isto? Má administração, nada mais. Há décadas que esta estrada — esta e outras pelo Brasil a fora — serve de sinecura para figuras que nunca entenderam de administração ferroviária. Nunca entenderam de administração alguma.

Quanto mais "política", tanto menos "técnica" se torna a sua direção. Nos últimos anos, a Central mergulhou no "eleitoralismo". -O que seus "diretores" sabem é proteger afilhados que entram pela janela; é encher as salas de secretárias, tanto mais bonitas quanto estão mais próximas da chefia; é comprar trens que não cabem na abertura de túneis e doidices semelhantes. O que as estradas produzem não é empregado em renovar seu material e em ampliar seus serviços. Depois de anos de desorganização, de salários altos para os dirigentes, de eleitoralismo escandaloso, o sr. presidente do Departamento Nacional de Estradas de Ferro diz muito austero à imprensa: "Chegamos à conclusão, depois de mais de cinquenta reuniões plenárias, de que não é possível baratear os fretes ferroviários". E dá a razão: por incapacidade do material rodante, obsoleto, caindo aos pedaços e por não existir capitais para a renovação do nosso parque ferroviário. Foi a esta conclusão que chegaram os conspícuos diretores das nossas ferrovias. Brevemente não teremos mais trens. Restarão apenas, depois de tanta imprevidência, as estações abandonadas do interior, como lembrança do trem de ferro que um dia passava por ali...

LEGISLANDO EM PROVEITO PRÓPRIO...



Parece incrível, mas é verdade. Contra disposições expressas da Constituição e da boa moral pública, surgiu, na Câmara Federal, um projeto de aumento dos subsídios dos deputados, com efeito retroativo, importando em receber cada um, de pancada, 84.000 cruzeiros, — e mais 7.000 mensais, de agora em diante. Sem maiores comentários, limitamo-nos a transcrever, aqui, os nomes dos 151 he-

Santos, Galeno Paranhos, Graccho Cardoso, Heitor Collet, Pedro Vergara, Bruno Teixeira, Celso Machado, Teodomiro Fonseca, Roberto Grossenbacher, Vivaldo Lima, Luis Cláudio, Afonso Matos, Alvaro Castelo, Antero Leivas, Deodoro de Mendonça, Batista Pereira, Antônio Feliciano, Herófilo Azambuja, Osvaldo Lima, João de Abreu, Antônio Martins, Duque Mesquita, João Martins Filho, Afonso de Carvalho, Luis Régis Pacheco, José Alkimim, Luis Silveira, Manuel Anunciação, Edgard Fernandes, Nelson Parijós, Luis Carvalho, Bias Fortes, Dolor de Andrade, Rogério Vieira, Benício Fontenele, Fróis da Mota, Carvalho Sá, Altamirando Requião, Medeiros Neto, Alves Palma, José Armando, Campos Vergal, Heribaldo Vieira, José Fontes Romero, Arcia Leão, Aristides Milton, Ruy Almeida, Gurgel do Amaral, César Costa, Machado Coelho, Melo Braga, Sigfredo Pacheco, Agrícola de Barros, Pereira Mendes, Hans Jordan, Asdrubal Soares, Rocha Ribas, Jurandir Pires, Fernandes Flores, Argemiro Fialho, João Botelho, Mourão Vieira, Alencar Araripe, José de Borja, Romão Junior, João Abdala, Eurico Sales, Aramis Ataíde, Carlos Medeiros, Plínio Cavalcanti, Carlos Nogueira, Felipe Balbi, Antônio Silva, Vargas Neto, José F. Pereira, Francisco Monte, Manuel Duarte, Hugo Carneiro, Carvalho Leal, Pe-

droso Junior, José Jofili, Fernandes Teles, Osvaldo Studar F., Vieira de Rezende, Osório Tuiuti, Pessoa Guerra, Lameira Bittencourt, Ulyssy Lins, Gofredo Teles, Manuel Vitor, Damaso Rocha, Pedro Dutra, Pacheco de Oliveira, João Leal, José Alves Linhares, Emilio Carlos, Juscelino Kubitschek, Ataliba Nogueira, Ceará Nunes, Pinheiro Machado, João Aguiar, Aluízio Ferreira, Régis Pacheco, Jonas Correia, Joaquim Ramos, Mário Mafra, Martiniano Araújo, Olinto Fonseca, Luis Lago Araújo, Leopoldo Peres, Wellington Brandão, Freitas Diniz, Paulo Nogueira Filho, Nicolau Vergueiro, Costa Pôrto, Castelo Branco, José Maria, Duarte de Oliveira, Epilogo de Campos, Manuel Novais. Nessa lista haviam sido incluídos os nomes dos deputados Domingos Velasco, José Leomil, Alfredo Sá, Pereira da Silva e Antenor Boga. Todos estes protestaram e alguns acusaram o autor do projeto de lhes haver falsificado as assinaturas. "E' estelionato!", bradou o sr. Domingos Velasco. Um escândalo... Que homens necessitados queiram receber um pouco mais, ainda que infringindo aquelas regras, vá lá. Mas que até milionários como os srs. Batista Luzardo e o perfumista Hugo Carneiro se apressem a assinar um projeto desses, francamente...

O JOGO TEM SETE CABEÇAS...



O jogo tem sete cabeças. E sete fôlegos, também. Agora mesmo, surgiu na Câmara dos Deputados um deslavado e infeliz projeto, em que um deputado do P. S. D., — o partido do general Eurico Gaspar Dutra, que fechou o jogo, — tendente a restabelecer o império da jogatina, sob a alegação de que o jogo continua a existir, clandestinamente, tolerado pelas autoridades e sem pagar tribu-

tos... Assim, para tal irregularidade o deputado pessadista só vê um remédio: a regulamentação do jogo, restringindo-o — diz ele — às estações termas e balneárias. Ora, não há nada mais difícil de caracterizar do que uma estação termal ou balneária. Desde que em qualquer canto de serra haja um simples olho d'água, aí teremos uma estação hidro-mineral. Sim, porque ninguém pode negar que a água pertence ao reino mineral... Qualquer localidade situada em nosso vasto litoral pode ser considerada uma estância balneária. E, assim, a jogatina campearia livremente, de norte a sul do Brasil, como nos áureos tempos da ditadura! Uma maravilha... Tudo isso porque há em alguns Estados governos acumpliciados com os "profiteiros" da batota e porque, por aí, existem autori-

dades corruptas, fazendo o negócio de ignorar onde existe o jogo ilícito e mudando de calçada, para não perturbar os contraventores... Em suma: queria o singular deputado pessadista encontrar no crime, na imoralidade, na clandestinidade do jogo, uma justificativa para a oficialização do próprio jogo! E' fantástico, que em um grande partido — o partido majoritário — haja pessoas capazes de macular o seu mandato, aparecendo na Câmara como advogado dos banqueiros de roleta, como patrono dos donos de cassinos! Por que o nobre deputado pela Bahia não se lembrou, antes, de apresentar um projeto no sentido de serem responsabilizadas as autoridades corruptas, ou de fazer um discurso protestando contra tais vergonhas?

ANO XLVII
N.º 37 — 11-9-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:
B. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00
ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00
O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cld. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", A. rua Cap. Salomão, 87 — Tel. 4-1589 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, A. rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



O Brasil recebeu entre demonstrações de carinho e aprêço, no dia 2 passado, o sr. Luis Batlle Berres, presidente do Uruguai, juntamente com sua esposa e comitiva. S. excia. permaneceu nesta capital até o dia 9, sendo alvo, durante a sua estada entre nós, de grandes homenagens prestadas pelo governo e povo... Resolveu-se cá na terra que os aumentos de salários terminarão com os nossos problemas. Estamos com delírio-aumentista. Depois dos comerciários, militares, funcionários públicos e magistrados, anuncia-se agora o aumento do subsídio dos deputados, que pretendem passar a vinte contos por mês. Será um ato violentamente inconstitucional, porque ninguém pode legislar em proveito próprio, e os deputados desta legislatura podem, quando muito, aumentar os vencimentos dos seus sucessores, a serem eleitos nas próximas eleições... Os alemães de Berlim vão melhorar de finanças. Terão, pelo menos, uma só moeda, segundo acertaram as quatro potências... Todo o mundo pensa em dinheiro. Na França a Assembléia Nacional concedeu ao "premier" Robert Schumann um voto de confiança para que ele formasse um gabinete capaz de salvar o franco. "Salvai o franco e salvareis a liberdade", declarou o líder da Assembléia. E disse ainda que o problema da carne é capaz de derrubar o governo naquele país, pois que o preço desta subiu para vinte e três vezes mais desde 1938... Aqui no Rio continua a crise da carne... O reitor da Universidade do Brasil, professor Inácio de Azevedo Amaral, resolveu demitir sumariamente o cargo de diretor do Instituto de Puericultura da Universidade o catedrático Martagão Gesteira. Demissão arbitrária e contra os regulamentos da própria Universidade, motivada num ressentimento pessoal do reitor, que se "queimou" com uma observação do professor Gesteira a respeito de um pedido de garantias do reitor contra os estudantes. O ministro da Educação não concordou com a demissão e procurou o presidente da República. E agora?... Ao ser discutido na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara o projeto que viria regularizar os jogos de azar e permitir a reabertura dos cassinos, o relator do mesmo, deputado Plínio Barreto, opinou contra, achando que "oficializar o jogo é desvirtuar o povo". Aprovado unanimemente o parecer, está enterrado o projeto... O romanista Jorge Amado vai ser incluído no processo movido contra o ex-senador Luis Carlos Prestes e demais dirigentes comunistas, sob a acusação de ter injuriado o Brasil no estrangeiro. Jorge Amado participou há pouco do Congresso de Escritores de Wrocław, na Polônia, um congresso de intelectuais em prol de melhor entendimento entre os homens. Os outros brasileiros naquele conclave foram: Oscar Niemeyer, Alvaro Lins, Arnaldo Estrela, Cláudio Santoro, Vasco Prado e Vera Jacovino... A confusão é geral e em vista disso Bernard Shaw pediu ao governo norte-americano, por intermédio do "Times", que nomeie uma comissão para formar uma nomenclatura política. Os ditadores falam em liberdade, os comunistas em socialismo, os políticos falam em decore, a oposição diz-se eterna vigilante, e assim por diante. Será que tais palavras mudariam de significado?... Faleceu o advogado Augusto Pinto Lima, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil... Desapareceu também o escritor Fernando Nery... Depois de cinquenta reuniões plenárias, os diretores de ferrovias nacionais afirmaram que não é possível o barateamento dos fretes nas estradas de ferro. Isso poderia acontecer se grandes capitais fossem investidos no nosso parque ferroviário, permitindo que as estradas renovassem o seu material obsoleto... Ora, saíam os Territórios: Anuncia o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que em 1946 os Territórios do Acre e do Guaporé apresentaram um saldo no movimento de exportação-importação. De outro lado informa-se que o capitão Clóvis Nova da Costa está fazendo do Território do Guaporé um posto avançado de trabalho e progresso no extremo norte do País... Anuncia a Comissão Central de Preços que o preço do cafézinho não subirá... Foi apresentado no legislativo riograndense um projeto-lei que proibirá as pessoas fisicamente capazes o exercício de vendedor de bilhetes de loteria. Digno de aplausos o projeto. Há muita gente sem um braço ou uma perna que se daria por satisfeita se pudesse obter um lugar de cambista de bilhetes lotéricos e que nada conseguem devido à concorrência de indivíduos sãos. Estes poderão muito bem arranjar novos empregos. Por que o legislativo carioca não promulga uma lei semelhante?... O senador Joaquim Pires apresentou um projeto de lei autorizando o governo a encampar a Navegação Aérea Brasileira. Correu o boato de que a V.A.S.P. desejaria comprar aquela empresa, não tendo conseguido realizar o negócio porque interesses políticos federais teriam impedido que o governo paulista, principal acionista da V.A.S.P., tomasse conta da aerovia em crise... O câmbio negro de filmes para máquinas fotográficas, chapas de Raios X e cinema estão se agravando. A "Kodak" nos vende máquinas caríssimas e não nos manda os filmes. Por que não regulariza esta situação?... Está ameaçando ruir novo edifício; desta vez é o da rua Gomes Pereira, 130, na Urca. O prédio, que já está em final de construção, foi edificado pela firma Brandão S. A. Dizem que foi empregada areia da praia no concreto e as colunas centrais estão se desmanchando... Araci Abella passou de acusada a acusadora. O advogado de Araci denunciou o delegado Adilar Teixeira por crime de prevaricação e abuso de autoridade... O deputado Hermes Lima fez da tribuna da Câmara violentas acusações ao ministro do Trabalho, sr. Morvan Dias Figueiredo, acusando-o de "executor fiel, e até mesmo algumas vezes exagerado, das instruções que recebe da Federação das Indústrias de São Paulo, e que, por isso, não está à altura do cargo em que foi investido". Continuando, declarou aquele parlamentar: "Os interesses que defende são os dos patrões e nunca do operariado". Que dirá a isso o sr. Morvan? Houve um desequilíbrio na Bolsa do Café, motivado pela falta em caixa de seiscentos mil cruzeiros, dinheiro que não entrou devido a certas facilidades concedidas a dois operadores pelo diretor-gerente da Bolsa. Que deslindem o "gato", são os nossos votos, mas não aumentem novamente o preço do café moído, "reajustado" recentemente... Duas cidades da Carolina do Norte mostraram-se extremamente reacionárias em relação a Henry Wallace, alvejando com tomates e ovos o candidato do Partido Trabalhista, quando o mesmo tentava realizar seus comícios de propaganda... O "Serpa Pinto" quase naufragou nas docas de Lisboa... Quando o preço da farinha sobe, os padeiros aumentam imediatamente o preço do pão, mesmo que tenham em "stock" toneladas de trigo. Agora a farinha desceu, mas os interessados alegaram à C.C.P. que só descerão o preço do pão quando estiver esgotada a reserva de farinha. Dois pesos e duas medidas. E o povo sempre levando na cabeça... Ocorreu violento desastre de trem próximo de São Paulo, colidindo uma composição de carga com um trem de subúrbio. Houve mais de cinquenta feridos, sendo que dez em estado grave. Ao encerrarmos esta seção não havia notícias de mortes... O movimento teatral continua intenso. Dulcina ainda não conseguiu apresentar a peça "Mulheres" devido à permanência de "Chuva", que alcançou nesta temporada a sua vigésima-primeira semana de representação... Uma nota triste, lamentável sob todos os aspectos: os pracinhas que voltaram inválidos da Itália tiveram ordem de despejo dos alojamentos da Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas. O governo extinguiu a Comissão. Parece que foi a única economia que fez no orçamento das forças armadas... Por hoje é só... Até sábado...

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

A saúde do Bebê

A partir do presente número, os nossos leitores contam com uma nova seção de interesse geral, especialmente para as jovens mães de família. Trata-se de uma coluna dedicada a assuntos médicos, sob o título acima, destinada a ventilar, em forma de conceitos acessíveis e de conselhos práticos, alguns dos mais graves problemas com que as mesmas se defrontam.

Para dirigi-la, contamos com a colaboração de um ilustre médico que por longos anos se dedicou às atividades da clínica no Estado da Bahia, recentemente fixado no Rio. O dr. Saboia Ribeiro, autor de numerosos trabalhos relativos à medicina, entre os quais uma valiosa tese de doutoramento dedicada à psicogênese da arte dum dos nossos mais estranhos poetas, "Ensaio nosográfico de Augusto dos Anjos", e o livro "Sexo, Casamento e Maternologia", ainda há pouco aparecido em 2.^a edição, refundida e aumentada, da Editora Aurora, é também escritor de méritos reconhecidos, tendo tido mesmo um livro, "Contos dos rincões dos frutos de ouro" (Cenas da vida nas terras do cacau da Bahia), premiado pela Academia Brasileira de Letras.

E', pois, com a maior satisfação que desde agora o incorporamos ao grupo dos nossos colaboradores permanentes, na certeza de que os nossos leitores concordarão plenamente com a felicidade desta escolha.

"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.



Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 --
TIJUCA -- RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr\$ 20,00

INVASÃO PORTUGUESA NA PRAÇA TIRADENTES

A PRIMEIRA COMPANHIA LUSITANA DE REVISTAS QUE VISITA O NOSSO PAÍS DEPOIS DA GUERRA TROUXE GRANDES NOMES DO TEATRO DE LISBOA E MAGNÍFICAS BAILARINAS REGIONAIS ★ O FADO SEM SER CANTADO FAZ MAIS SUCESSO QUE OS OUTROS

Reportagem de DEMÓSTENES VARELA
Fotos de A. VIEIRA

A invasão portuguesa na praça Tiradentes começou através de uma cabeça de ponte que o empresário Piero Benardon estabeleceu junto a David Serrador, que se encontrava em Portugal, cuidando da filmagem de sua película sobre a vida de Castro Alves. David Serrador conseguiu a adesão de uma quinta-coluna constituída por elementos da Empresa Pascoal Segreto e, em breve, oficiais de ligação faziam viagens de reconhecimento, — os de lá para examinar o teatro, aqui no Rio, e os daqui para verificar os elementos integrantes do elenco, em elaboração do lado de lá. Depois de algumas semanas de guerra de nervos, em que, pelo menos de dois em dois dias, era mudado o dia D, designado para o ataque aéreo, finalmente a legião teatral portuguesa se fez aos ares, desembarcando de surpresa no Rio de Janeiro e, logo em seguida, ocupando o Teatro Carlos Gomes, aliás sem nenhuma resistência. Ali, estabeleceu a Companhia Portuguesa de Revistas o seu reduto, bombardeando desde então a cidade do Rio de Janeiro com verdadeira saraivada de piadas e números de sucesso. Evidentemente, seria desejar de mais que os cariocas não capitulassem aos encantos das artistas visitantes. Por mais espartanos que eles fossem, não podiam senão ter-se rendido a tanta graça e a tanto talento. A companhia do Carlos Gomes estreou com a revista "Alto lá com o charuto!", de vários autores, merecendo os aplausos gerais da crítica e do público. Irene Isidro, a "estrela", é uma atriz de grandes méritos. Canta, representa com graça e



Em cima: Irene Isidro, a primeira figura feminina da companhia e comandante da invasão da Praça Tiradentes, em encantador travesti



Os camarins coletivos das coristas, responsáveis por dois grandes sucessos da revista: a dança do "Corridinho" e o canto de "Margarida vai à fonte"



JOÃO VILLARET, um grande ator dramático, que mesmo na revista sabe manter o seu posto. Provou-nos que o fado falado pode vencer o fado cantado



MARIA ADELINA tem uma linda voz e uma cara de boneca, dessas que outrora eram vendidas em caixas de bonbons...

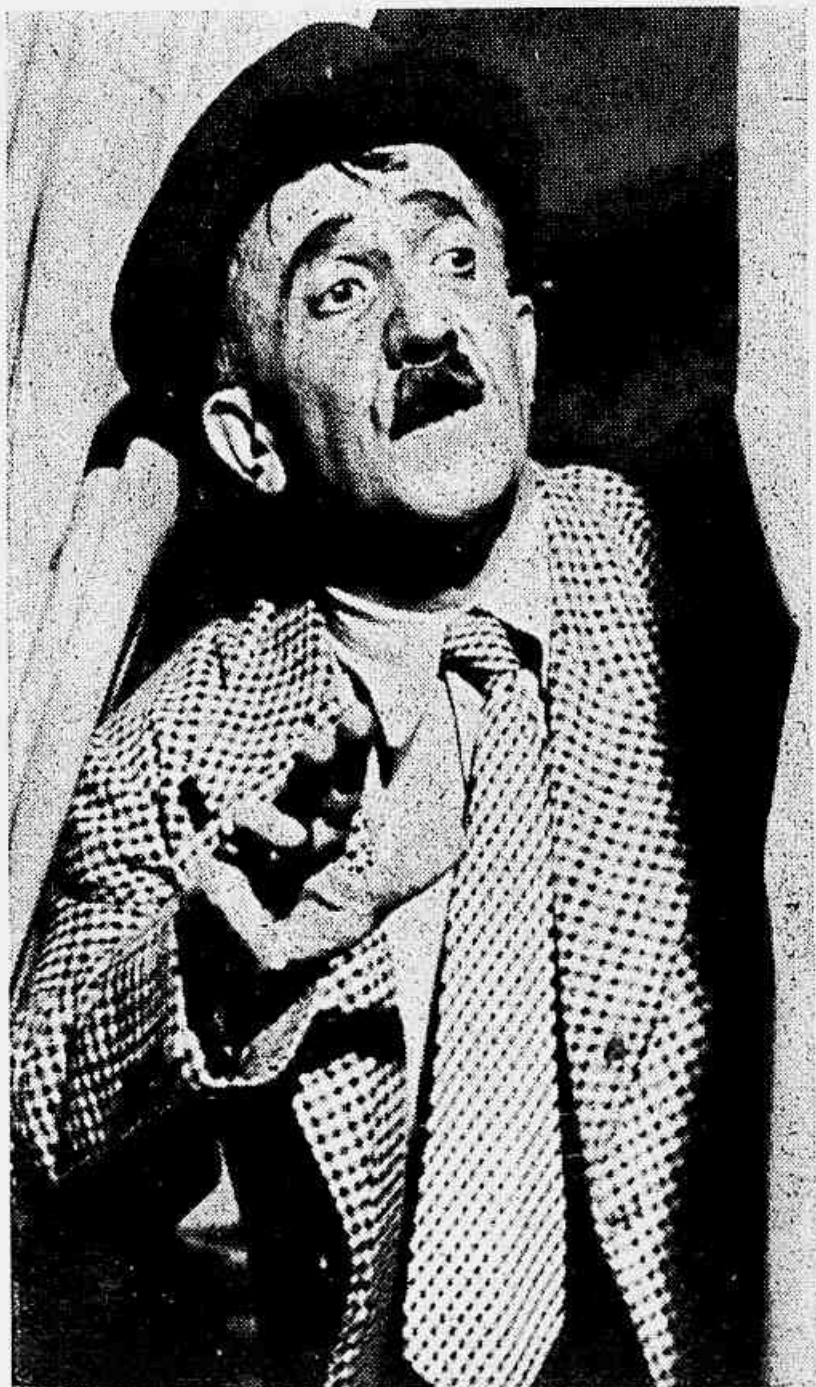


A fadista Marcia Condessa. Sucesso discreto. Foi engolida por João Villaret, no primeiro ato

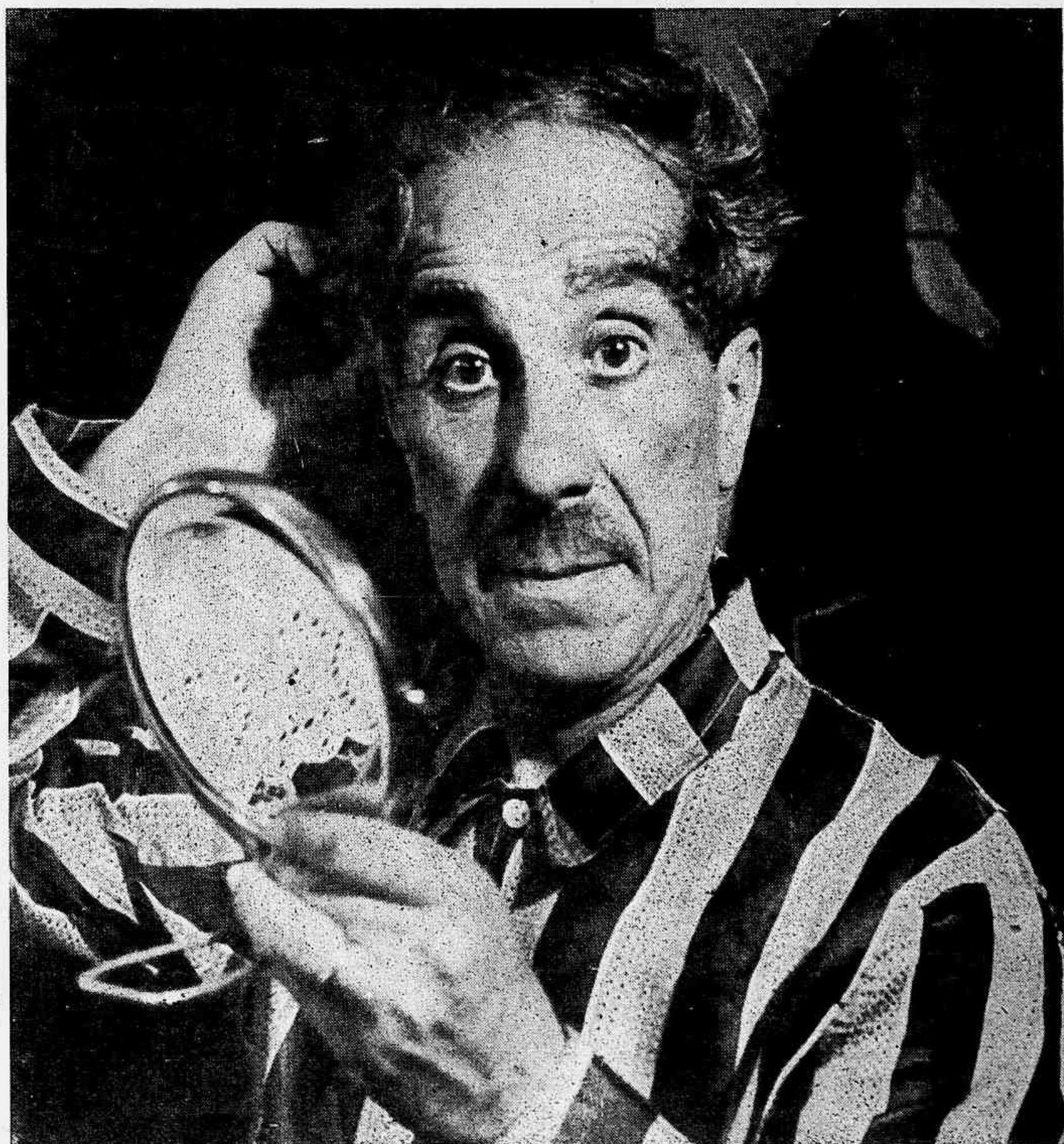
malícia, tem recursos dramáticos que não são vulgares. Antônio Silva, um dos comicos de maior relêvo do elenco, é espontâneo, cheio de vivacidade, dotado de rica veia satírica. Não lhe fica atrás seu colega Ribeirinho. Ambos são nossos conhecidos do cinema. Antônio Silva de filmes como "O Costa do Castelo", e Ribeirinho de películas como "A vizinha do lado". O número que fizeram, vestidos de mulher, na revista de estréia, bastaria para consagrá-los. Como todas as companhias portuguesas que nos visitam, a atual também trouxe uma fadista: é Márcia Conde quem, em "Alto lá

(Continua na página 56)

Em baixo: Carlos Alves, o "compère" da revista. Quando não é engraçado, impressiona pela resistência física e pelo suor que derrama

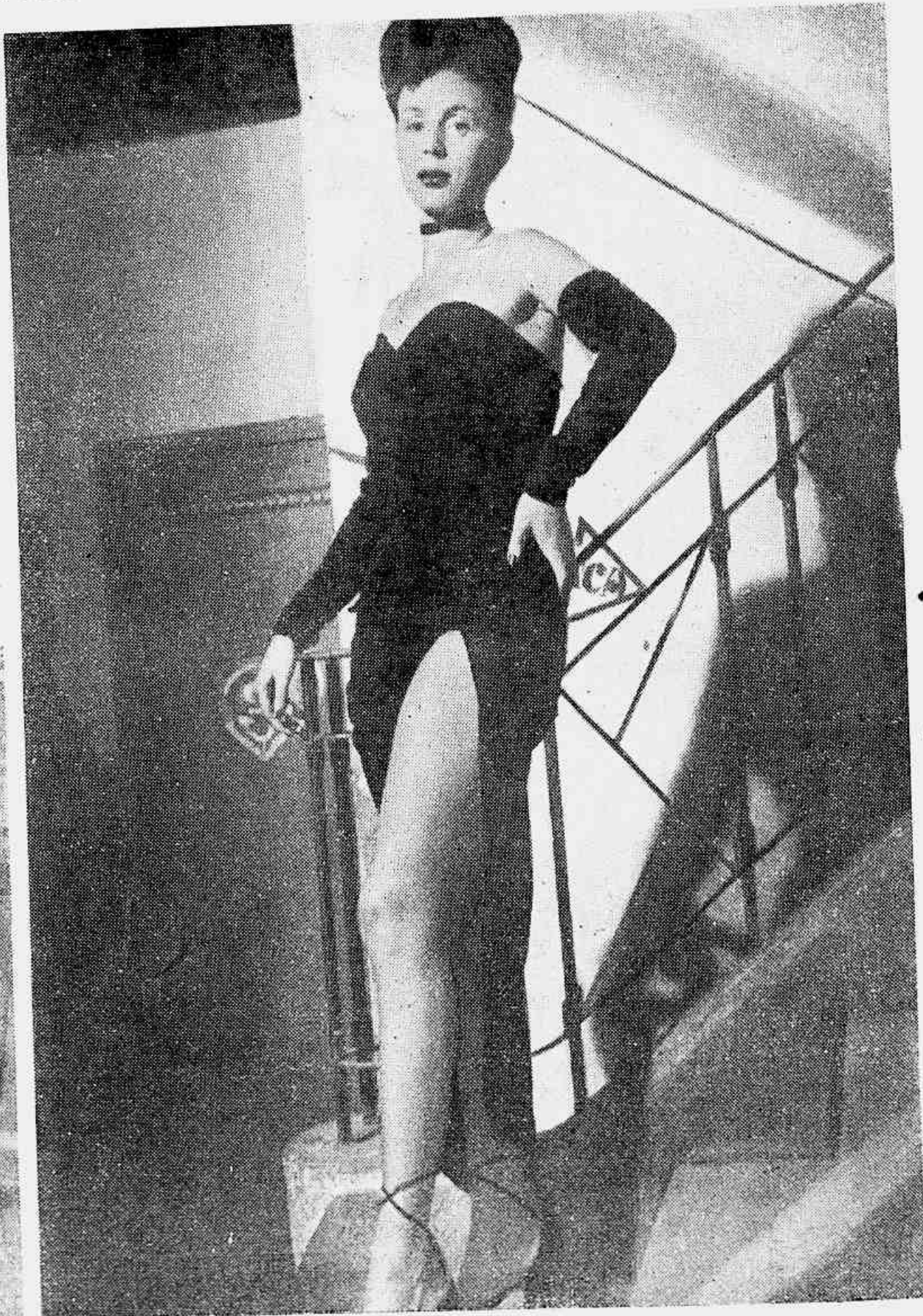
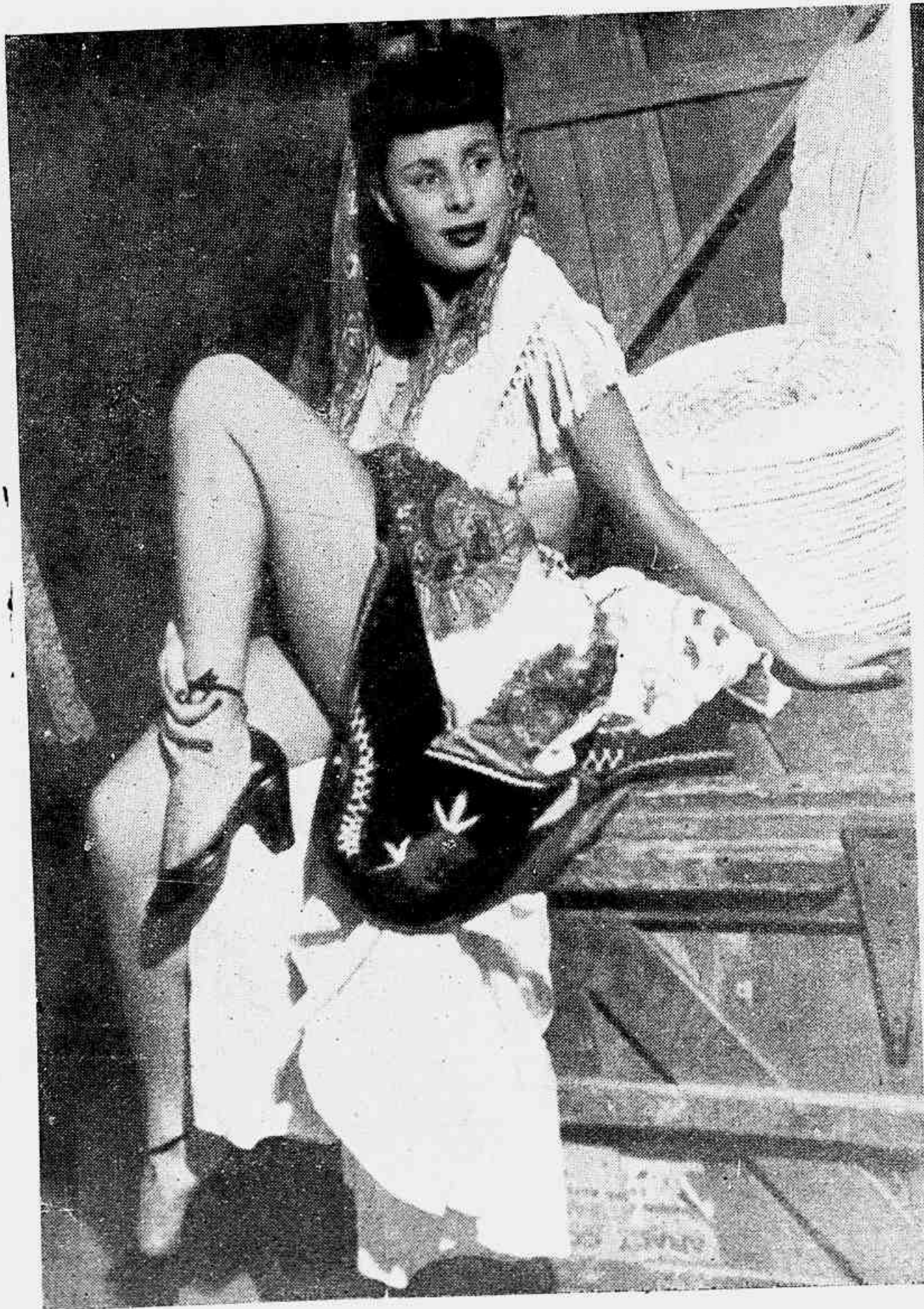


Em cima: Ribeirinho, no papel de uma sopra (sopra é cozinheira, em Lisboa) e, em baixo, Antônio Silva, preparando-se para representar. Ambos são nossos conhecidos de filmes portugueses





A primeira figura desta página é Irene Isidro e a segunda é Fernanda Rosa. Em baixo, está a linda e elegante Maria Tereza, em duas atitudes. É a mais sofisticada das garotas que vieram dar um ar de sua graça em terra carioca, com "Alto lá com o charuto!" Na página ao lado: algumas atrizes e "girls" que estão conquistando a Praça Tiradentes





EUNICE COLBERT



SALUQUIA RENTINI



MODESTA ROSA



VIRGÍNIA



FERNANDA ROSA



VALENTINA



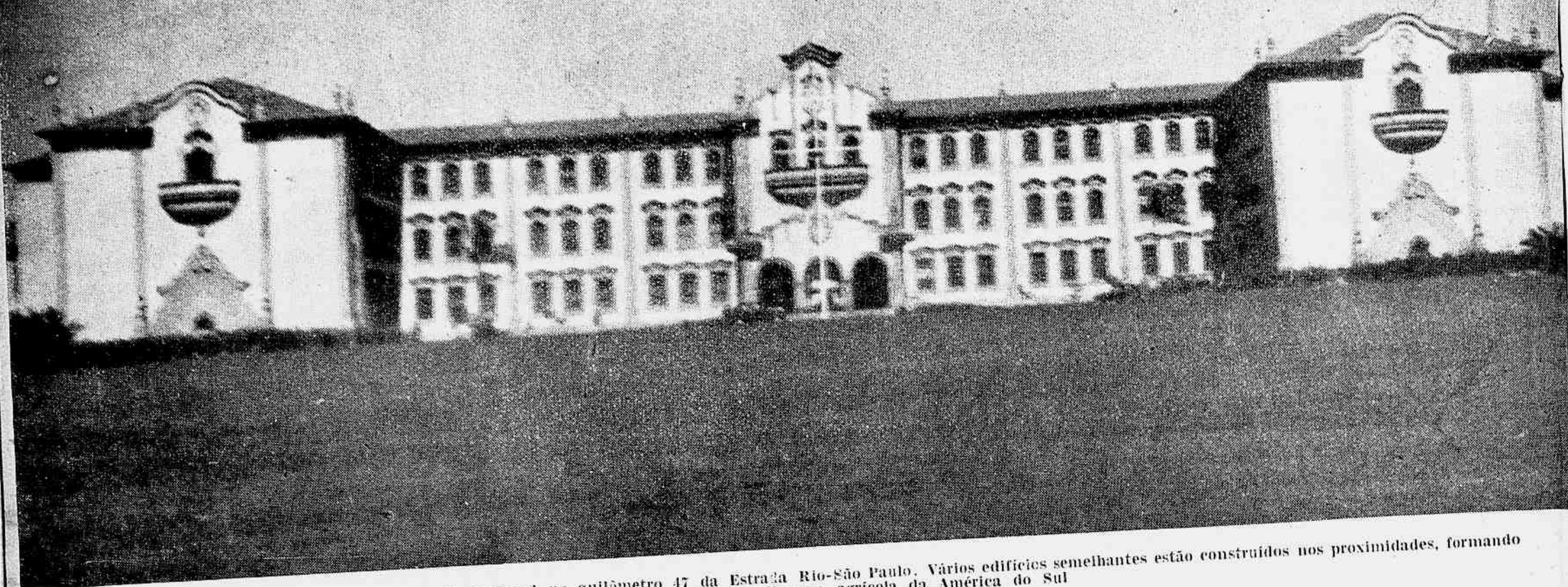
MARIA SILVA



MARIA TERESA



VINA



Fachada do edifício principal da Universidade Rural no quilômetro 47 da Estrada Rio-São Paulo. Vários edifícios semelhantes estão construídos nas proximidades, formando o maior núcleo de aprendizagem agrícola da América do Sul

O CAMINHO DA SALVAÇÃO NACIONAL

UMA CIDADE UNIVERSITÁRIA NASCE PERTO DO RIO ★ ENSINO GRATUITO, INCLUSIVE ALOJAMENTO,
PARA UMA PROFISSÃO ABANDONADA ★ OS ALUNOS MAIS CAROS DO MUNDO ★ COMO SE VIVE E COMO
SE ESTUDA NO MAIOR CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS AMÉRICAS

Texto e fotos de NEY MACHADO

O ensino no Brasil é um descalabro. Todo o mundo sabe disso. Não temos escolas suficientes, as que possuímos vivem superlotadas e mesmo na Capital Federal o problema é idêntico. Ainda há pouco, alunos da Escola Politécnica, insurgindo-se contra um projeto-lei apresentado pelo padre deputado Medeiros Neto para admissão simples dos ex-cadetes navais às escolas superiores, declararam que somente a Escola Politécnica su-

porta seiscentos alunos a mais da sua lotação. Mas hoje vamos falar num problema inverso: a maior universidade da América do Sul, recém-inaugurada na estrada Rio-São Paulo, que vive clamando por estudantes. A principal preocupação dos dirigentes da Universidade Rural é esta: conseguir alunos que povoem os magníficos pavilhões de aulas, que habitem os moderníssimos dormitórios. Quando abordamos em reportagem ante-

rior a importação crescente de alimentos enlatados, recebidos dos Estados Unidos, Argentina, Uruguai e até dos países arrasados da Europa, publicamos estatísticas mostrando como nossa produção agrícola tem decrescido. Isso até certo ponto é natural. Desde que as fábricas paguem mais, os trabalhadores do campo largarão a pá e o ancinho em troca das máquinas. Para haver o retrocesso, a volta do homem do campo à gleba, será

A esquerda: Uma turma de universitários realiza nos terrenos do quilômetro 47 trabalhos de agrimensura. Possuem aparelhamento completo. E', por certo, a única universidade do Brasil onde não existe para os alunos o problema da escassez do material de treinamento. A direita: Os universitários novamente em contacto com a terra. Os serviços de terraplanagem e aterro contam com a colaboração dos alunos que, deste modo, ampliam ao máximo os seus conhecimentos. Quem sabe se amanhã precisarão construir uma estrada na sua fazendola?



necessário que o trabalho da lavoura seja compensador, permitindo-lhe tirar da terra tanto quanto lhe dava o seu salário de operário. Para que tal aconteça será preciso que novos métodos de aproveitamento do solo sejam postos em prática. Será possível acontecer isso no Brasil, onde quase nada é feito com método? Não me diga que não. Dê um pulo até o quilômetro 47 da Rio-São Paulo. São exatamente oitenta quilômetros, partindo-se da Praça Mauá. Quando voltar você perguntará, entre incrédulo e entusiasmado: — Por que não se fez isso há mais tempo?"

UM DIA, EM 1938...

Mais exatamente, em Novembro de 1938, o ministro Fernando Costa lançou a pedra fundamental da universidade rural. O ministro era um entusiasta da fundação e muito colaborou para o andamento das obras. As fanfarras do D. I. P. (que o diabo lhe guarde a alma) atrovavam o nome do senhor Getúlio Vargas como o idealizador e propulsor do empreendimento. Tudo balala. O verdadeiro idealizador da Universidade Rural, o homem que planejou, orçou, executou e pôs todo o seu patriotismo para que a obra se concretizasse, ficava no olvido. Vamos revelar agora o seu nome: Heitor Grilo, o mesmo secretário de Agricultura da Prefeitura há pouco demitido, às voltas com o abastecimento e com... a compra das girafas. Substituiu Fernando Costa, Apolônio Sales, o prodígio, que, apesar das suas piraúdas, não conseguiu desmanchar o que já estava delineado. No princípio deste ano, precisamente em Março, a Universidade pôde abrir suas portas para os estudantes de agronomia. Está construída sobre uma planície levemente ondulada, cortada ao meio pela estrada Rio-São Paulo, a poucos minutos da estação de Campo Grande, ponto terminal da eletrificação da Central. Brevemente será ligada a essa estação por um ramal de trem elétrico. Cobre seis mil hectares, ou sejam sessenta mil metros quadrados.

A UNIVERSIDADE E O MINISTÉRIO

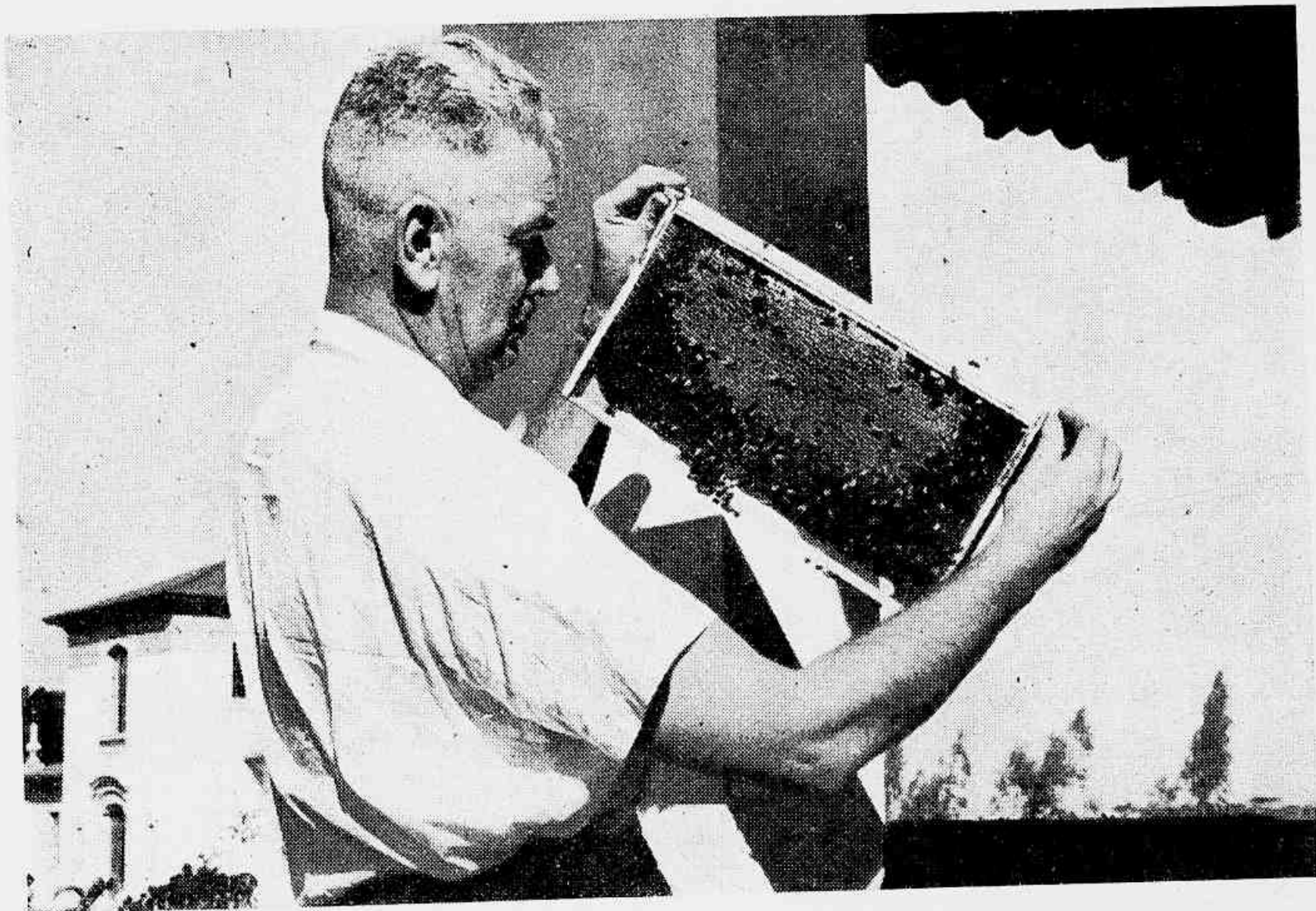
Para se avaliar o acerto do dinheiro empatado nessa obra gigantesca basta dizer o seguinte: toda a universidade rural, composta de mais de uma dezena de enormes edifícios, construídos com todo o conforto moderno e mais os pavilhões de dormitório, o cinema, a praça de esportes, o refeitório, as estradas que ligam os diversos prédios, os jardins e todas as obras menores custaram cento e setenta e cinco milhões de cruzeiros. Parece muito, à primeira vista. Compare-se porém quanto custou o edifício do Ministério da Educação, um mínimo de arte moderna, alvo turístico, etc.: cento e cinquenta milhões de cruzeiros! Com um pouco mais construíram dezenas de pavilhões, cada um valendo por um ministério. Não existe mármore, azulejos com figurinhas marca-patente (que já estão se despregando), mas, em compensação construíram o seguinte: a Universidade Rural propriamente dita, com meia dúzia de lindos pavilhões onde funcionam os cursos de química, física, mecânica agrícola, cada um no seu próprio pavilhão. Todas as edificações seguem a mesma linha arquitetônica, no velho estilo colonial. Em pontos diferentes levantam-se os pavilhões de Ecologia Agrícola, Instituto de Experimentação Agrícola, Instituto de Óleos, de Meteorologia, de Fermentação, e os Cursos de Especialização e Extensão Agrícola. Entre um e outro prédio, surgem o apiário, o aviário, o imponente estádio, o curral e tanta coisa mais. Rodeando os edifícios estão as hortas, os canteiros para floricultura em grande escala e, mais atrás, os campos da lavoura. De um lado fica a lagoa artificial onde fazem a piscicultura e de onde segue a água para a irrigação das hortas e dos campos. Todos esses departamentos, inclusive a Universidade, ficam subordinados a CNEPA (Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas), dirigido pelo professor Waldemar Rayth de Queiroz, sendo reitor da Universidade o professor Arthur Magarinos Torres Filho.

OS ALUNOS PRIVILEGIADOS

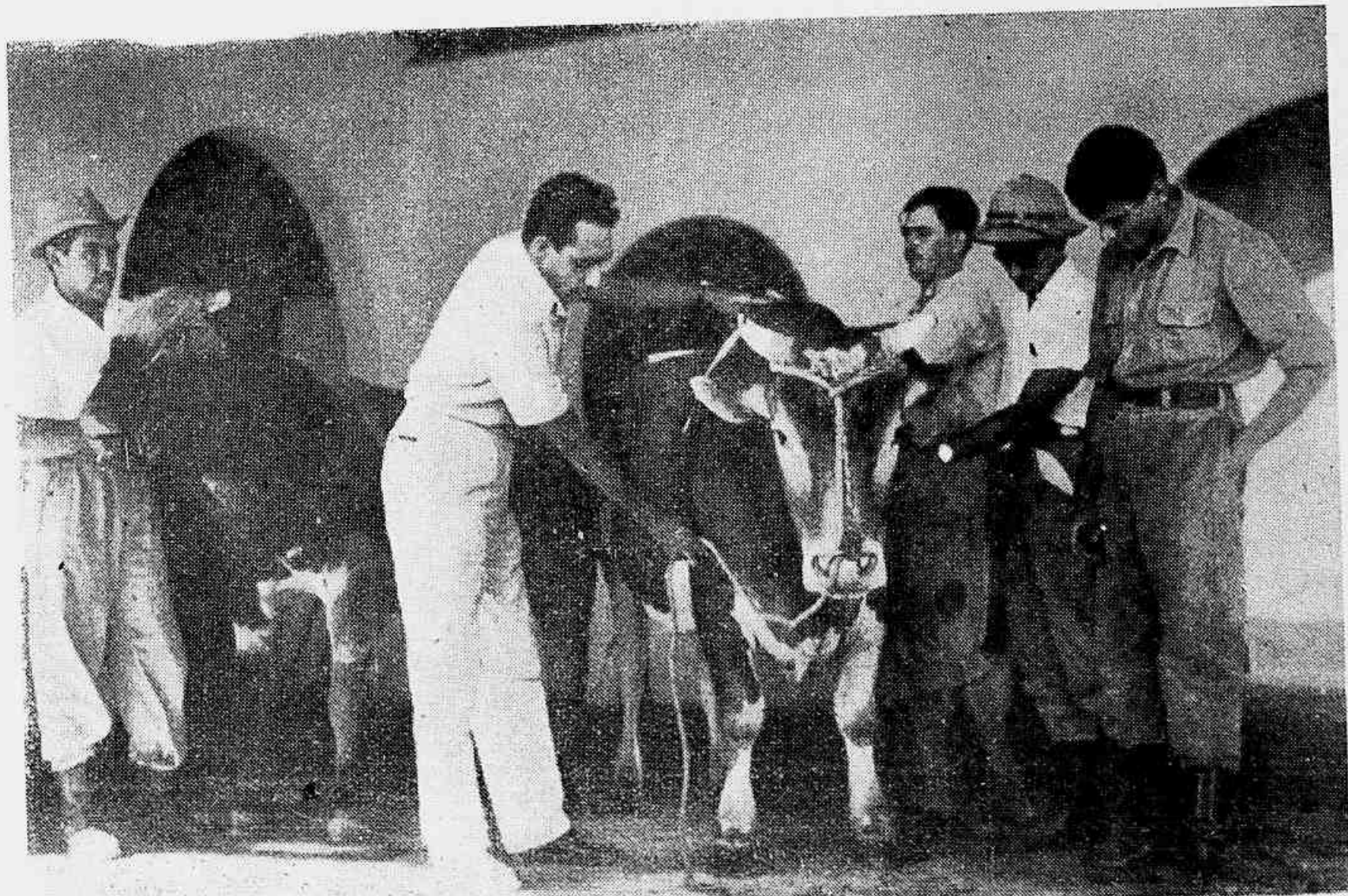
A capacidade dos laboratórios e salas é, atualmente, para dois mil alunos, sendo que os dormitórios comportarão foladamente quinhentos estudantes. Estão ma-



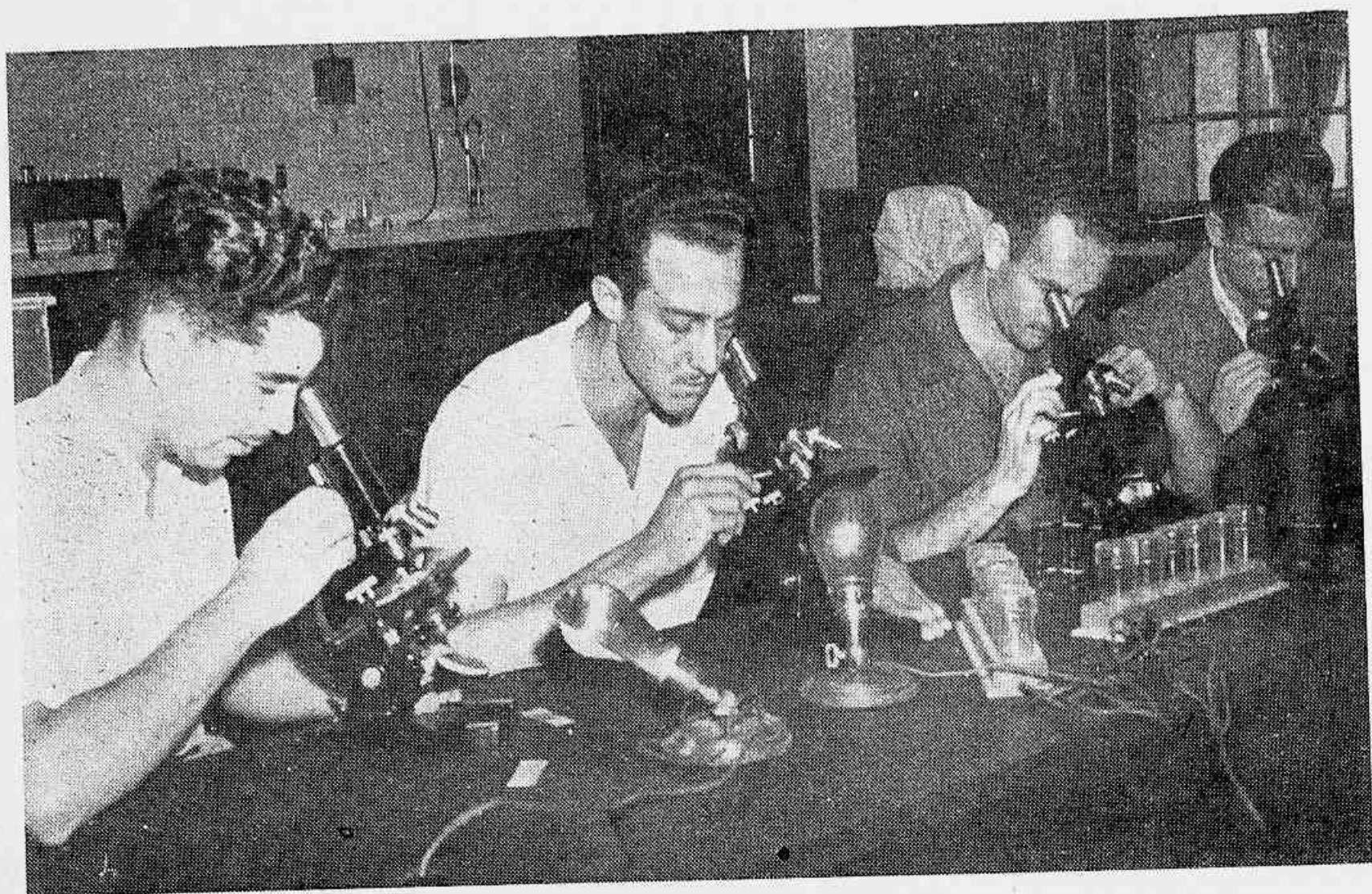
Depois de um trabalho exaustivo arando os campos para as plantações a equipe de tratoristas volta para a garagem. A parte prática e a teórica completam-se esplendidamente na Universidade Rural. Quando termina o curso o aluno está apto para dirigir qualquer fazenda, em qualquer ponto do país



O professor Vantol, diretor do Setor de Apicultura exibindo uma placa de alvéolos cheias de mel. Os apiários da Universidade já estão produzindo lucro, apesar da distribuição gratuita de rainhas e da venda baratíssima do mel e dos sub-produtos



No pavilhão de disseminação artificial, subordinado ao Instituto de Zootecnia, os alunos aprendem a melhorar o rebanho sem dispendar dinheiro. A esquerda da foto está o manequim da vaca que serve de receptáculo, chamado jocosamente pelos estudantes de "Amélia"



Os agrônomos aprendem a conhecer no microscópio os fungos que destroem as plantações. Aprendem também a combatê-los cientificamente. Aparecem na foto, da esquerda para a direita, os estudantes: Francisco Barros, Milon Andrade, Hans Sippel e Marcelo Albuquerque Maciel



Os alunos em contacto com a terra. Os campos são vastos e nêles encontramos toda a variedade de espécies da horticultura. O universitário lava a terra, semeia, lava as hortaliças das pragas daninhas, aduba quando necessário, enfim, aprende a empregar todos os conhecimentos de agricultura desconhecidos pela maioria dos nossos fazendeiros



O professor Vantol, do Setor de Apicultura, dá uma aula prática aos alunos Ernani Tribuzi e Fernando Gomes de Melo. O professor Vantol considera o mel de abelha um grande tônico e um milagroso filtro de rejuvenescimento

tricolados apenas duzentos e vinte e um; cento e trinta e oito na Escola de Agronomia e oitenta e três na Escola de Veterinária. Sendo a Universidade obrigada a contar com uma equipe completa de professores, técnicos, mecânicos e operários, a manutenção de cada aluno sai, em média, por três milhões de cruzeiros anuais. São os alunos mais caros do mundo. A medida que a Universidade for se enchendo de estudantes irá descendo a despesa *per capita*. Quando o Brasil era um "país essencialmente agrícola", não existia esta monumental escola de agronomia. Agora, quando a mesma está construída e funcionando, o Brasil deixou da agricultura. Muito pouca gente tem se mostrado interessada em cursar esta Universidade. Dizemos pouca gente em relação com as demais universidades, pois a Politécnica, por exemplo, conforme foi anunciado pelos seus alunos, tem um excesso de seiscentos alunos. O mesmo acontece com as escolas de Direito, Medicina, Odontologia, Filosofia, etc. No recente curso de Jornalismo matricularam-se mais de trezentos candidatos. Quando a Universidade Rural realizou a última "Semana do Fazendeiro", na qual todas as despesas corriam por conta do Ministério da Agricultura, apareceram somente oitenta fazendeiros. Parece que no Brasil ninguém mais quer plantar batatas. Por que os ex-cadetes da Escola Naval não pedem matrícula na Universidade Rural? Fariam um bem muito maior ao país se trocassem o mar estéril pelos nossos campos fertilíssimos. Outra grande vantagem da carreira de agrônomo: todos os alunos saem dali com emprêgo certo no Ministério da Agricultura, com ordenado inicial de dois mil e setecentos cruzeiros mensais. Com o aumento do funcionalismo o salário atingirá a cifra dos cinco mil cruzeiros. Ao receberem o diploma de bacharel, quando não se destinam às fazendas paternas, têm os seus três pacotes assegurados pelo Ministério.

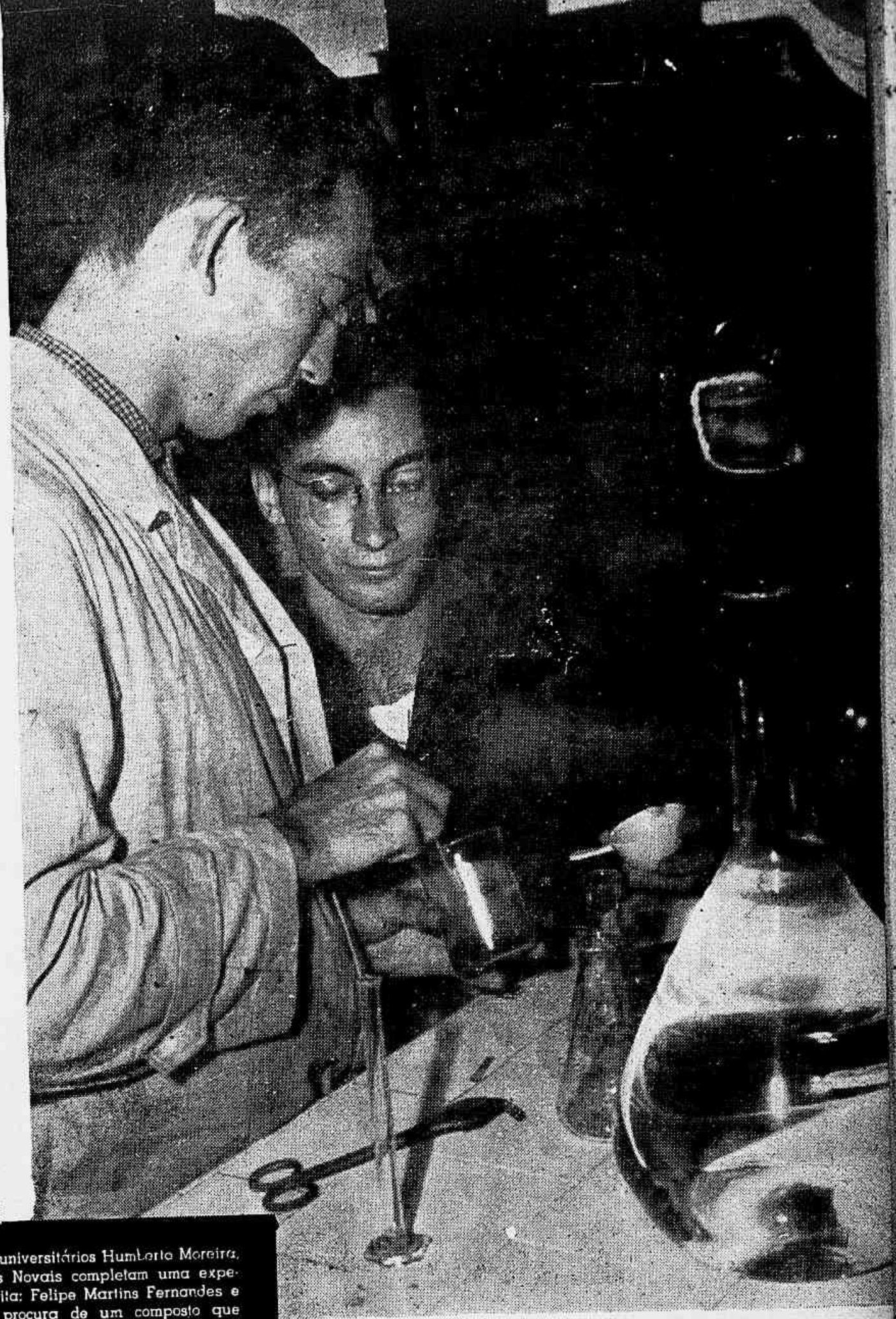
SÓ FALTA A ROUPA LAVADA

O aluno da Universidade Rural tem casa, comida, cinema duas vezes por semana, campos para esporte, clima do melhor, professores eméritos, salas de aula e laboratórios suntuosos quase de graça. Paga, apenas, a comida (café de manhã com mingau, ovos, etc., almoço e jantar) à razão de doze cruzeiros por dia. Para dormir em apartamentos de três pessoas, com sala de estudos anexa, não pagam nada. Com os trezentos e sessenta cruzeiros que pagam mensalmente não conseguiriam almoçar e jantar durante quinze dias no Rio ou em São Paulo. Os professores são dos melhores e entre os dezenove catedráticos da Escola de Agronomia e os dezesseis da Escola de Veterinária, podemos destacar, entre outros, os mestres Angelo Moreira, Costa Lima (considerado um dos maiores entomologistas do mundo, senão o maior), Melo Leitão, renomado zoologista, Waldemar Rayth, Otávio Domingues, Rocha Lagoa (zootecnistas) e muitos outros. A Universidade possui ainda um serviço médico que assiste gratuitamente os alunos, professores e funcionários da organização. Com todas essas vantagens nós nos espantamos de a procura para as matrículas não ser maior. O Brasil deveria recomençar (ou começar?) desta Universidade, espécie de marco 0 para reequilíbrio da produção agrícola nacional. Se não aparecem alunos, faça-se uma lei especial. Ao invés de recrutarem-se rapazes para o exército, tragam-nos, mesmo à força para este centro de cultura. Nas guerras modernas ganha também aquele que produz mais pão.

CRIAÇÃO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Com menos de um ano de funcionamento e com um número reduzido de alunos a Universidade Rural ocupa três mil pessoas nas suas diversas seções. Destas, um terço está residindo no local, em casas construídas pelo Ministério da Agricultura e alugadas por preço baixo aos professores e funcionários. Já começou a funcionar uma escola para os filhos dos trabalhadores e que também atende aos moradores dos arredores, mesmo aqueles que não têm nenhuma ligação com a CNEPA. Nesse grupo escolar estão matriculados trezentos alunos. E'

(Continuação da página 56)



Em cima, à esquerda, os universitários Humberto Moreira, Maria da Costa e Teomilas Novais completam uma experiência de química. A direita: Felipe Martins Fernandes e Paulo Lopes Rodrigues à procura de um composto que temia em não aparecer. Em baixo, à esquerda: a universitária Sílvia Grijó Pereira durante um trabalho no gabinete de química. A direita: a câmara de hibernação dos casulos de bicho da seda. O elemento feminino ainda é escasso nas Escolas de Agronomia e Veterinária, sendo a universidade que menor número recebe de estudantes do sexo frágil.



IDÉIA E AÇÃO A SERVIÇO DE UMA CLASSE LABORIOSA

O DÉCIMO ANIVERSÁRIO DO
INSTITUTO DE APOSENTADO-
RIA E PENSÕES DOS EMPREGA-
DOS EM TRANSPORTES E
CARGAS

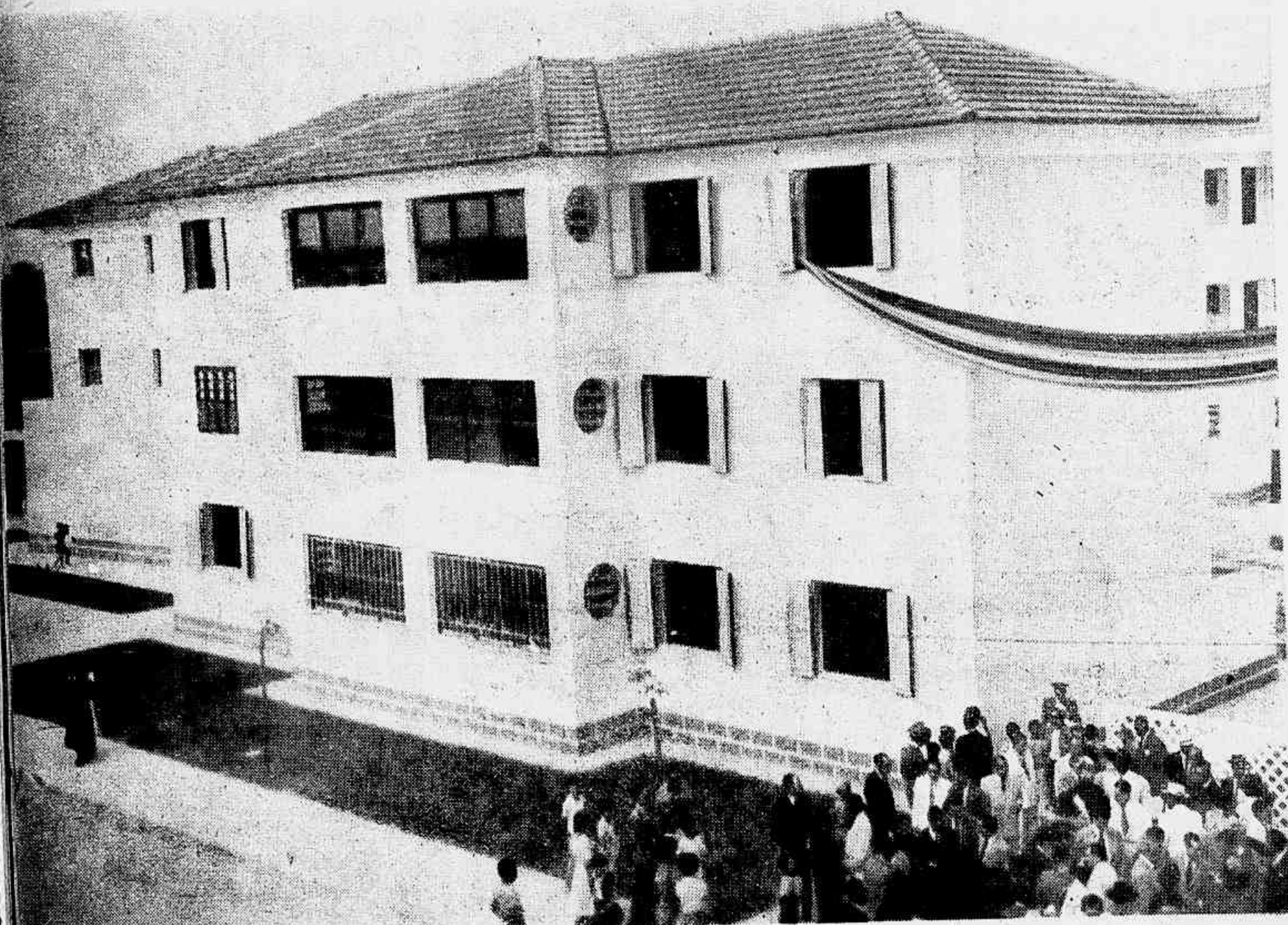
Executando um programa de ação inspirado nos altos propósitos do general Eurico Gaspar Dutra, cujo governo tem se destacado por notáveis realizações no terreno da assistência social, viu o sr. Hilton Santos, atual e operoso presidente do I.A.P.E.T.C., passar o 10º aniversário desta autarquia, sob as manifestações de contentamento e as bênçãos de milhares de famílias que já recebem benefícios resultantes da sua ação incansável, do esforço dedicado e honesto com que vem trabalhando no sentido de transformar em confortadora realidade as promessas que todos viram e ouviram sair dos seus lábios, vindas do coração, ao assumir a direção do Instituto, alvo que era das esperanças de uma classe laboriosa.

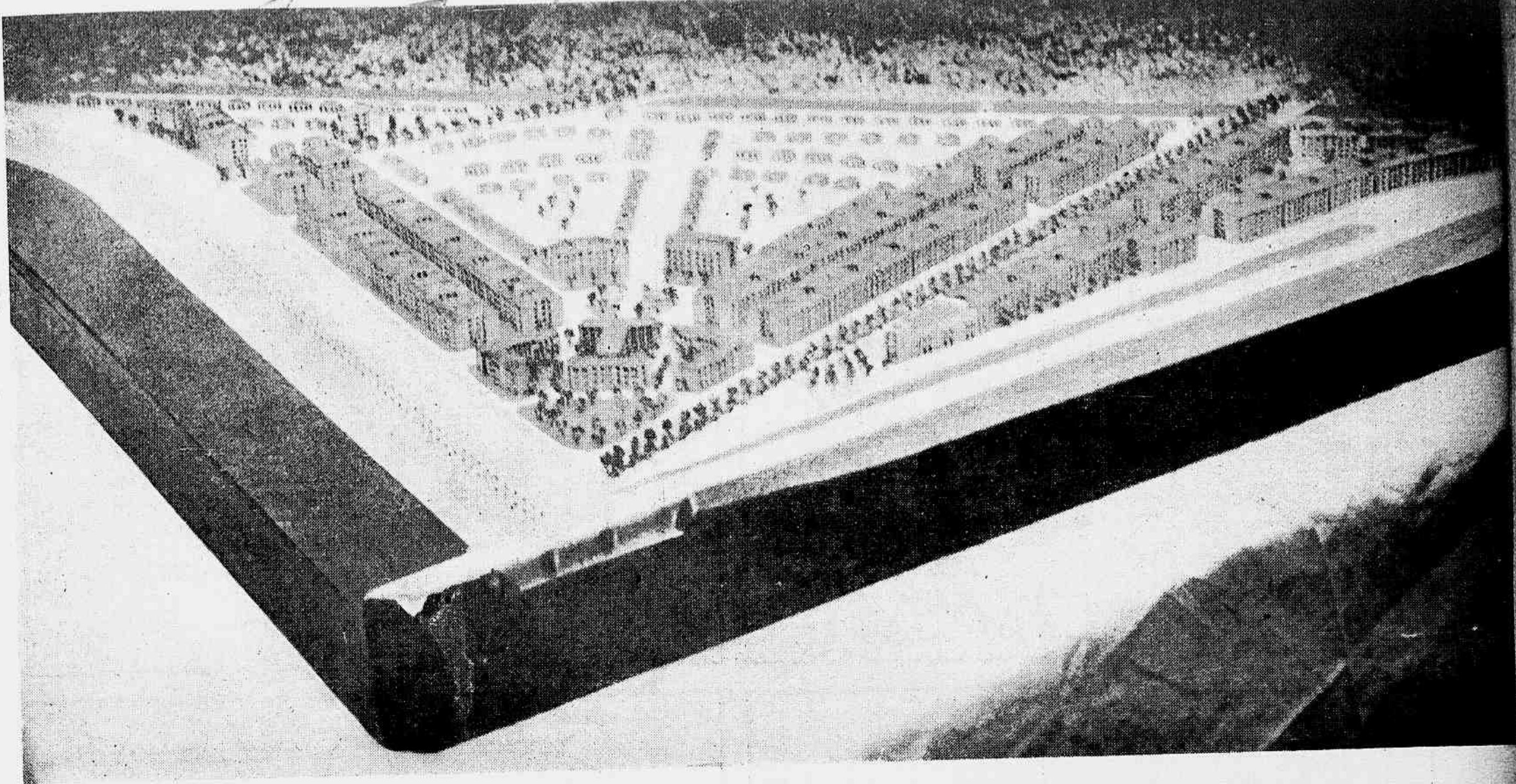
A inauguração do Hospital do Instituto — fato que ainda repercute agradavelmente no seio da numerosa classe — e do núcleo residencial de Ramos, cuja entrega aos associados constituiu o ponto culminante das festas do dia 26 de agosto, para citar apenas os acontecimentos de que nos lembramos neste momento, são atestados eloquentes e decisivos de que a atual administração do I.A.P.E.T.C. está sinceramente empenhada na execução de um vasto plano de defesa e amparo dos seus associados. E tanto isto é verdade que já se anunciam novos e arrojados empreendimentos em benefício dos trabalhadores, como poderão verificar os leitores pela transcrição que fazemos a seguir do último trecho do discurso com que foi saudado o presidente da República no dia da inauguração do conjunto residencial de Ramos, pelo operário Aniceto Silva, que falou em nome dos trabalhadores vinculados ao Instituto.

"Meus senhores! Lança-se agora a pedra fundamental de novo núcleo residencial, em Parada de Lucas, ao

★

EM CIMA — O general Eurico Gaspar Dutra quando assinava a ata da fundação de outro núcleo a ser construído em Parada de Lucas. NO CENTRO — Um bloco de apartamentos do núcleo residencial de Ramos. EM BAIXO — A esquerda: aspecto parcial do "lunch" oferecido pelo I.A.P.E.T.C. às pessoas presentes à inauguração; à direita: o ministro Morvan Figueiredo assinando a ata do núcleo residencial de Parada de Lucas





longo da avenida Brasil, com 230 casas e 1.744 apartamentos, num total de 1.974 residências, conjunto esse que, dentro da nova orientação para obras desse vulto, terá também creche, ambulatório, serviço de alimentação, escola, cinema, parque infantil, além dos espaços adequados para os necessários estabelecimentos comerciais.

Meus companheiros! Nova mentalidade aclara os horizontes do homem do trabalho no Brasil. Dirigentes e dirigidos, ombro a ombro, dividem o peso da máquina do progresso para o bem-estar social. O trabalhador honesto, com orgulho e altivez, dirige-se sem peias ao supremo magistrado da Nação.

E assim é que, sem hesitação, com liberdade e confiança, lanço a idéia de se gravar o nome do general Eurico Dutra nesse novo elo de realizações do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas, que tudo tem feito e, esperamos, mais ainda continuar a fazer por seus segurados e beneficiários, para tranquilidade do trabalhador e de suas famílias — tranquilidade cada dia mais necessária para que cada um se dedique de corpo e alma à produção, único meio de engrandecermos mais e mais o nosso Brasil.

Nós conduziremos, agora, essa urna ao local da nova construção. Ao chegarmos ao nosso destino, estará solenemente batizado o novo grande conjunto residencial como **NÚCLEO RESIDENCIAL PRESIDENTE DUTRA**!"

Nestas páginas estampilhamos os aspectos mais expressivos da festa que foi bem o ponto alto das comemorações do 10º aniversário do I.A.P.E.T.C.

O ato inaugural do "Conjunto Residencial Presidente Dutra" foi honrado com a presença do chefe da Nação, que ao mesmo presidiu; do sr. Morvan Dias Figueiredo, ministro do Trabalho; do cardeal Dom Jaime Câmara, que lançou a bênção ao conjunto; do presidente Hilton Santos,



altas autoridades, representantes da Imprensa, funcionários e suas famílias e delegações de Sindicatos ligados ao Instituto.

★

EM CIMA — Maquete do núcleo residencial de Parada de Lucas, cuja construção será agora iniciada. NO CENTRO — O dr. Hilton Santos, presidente do Instituto, assinando a ata da fundação do núcleo de Parada de Lucas. EM BAIXO — O presidente da República quando assinava a ata da solenidade, tendo ao lado a sra. Olga Santos, exma. esposa do presidente do I. A. P. E. T. C.



BOM HUMOR





CONTO DE JORGE ARNALDO FORTES
Especial para "REVISTA DA SEMANA"
ILUSTRAÇÃO DE ABELARDO ZALUAR

Há muito que me orgulhava de "ter cara" de caridoso. Não que me sentisse merecedor do título; isso não. Mas que tinha muito boas razões para me crer assim. E se me orgulhava disso — sem motivo aceitável, dado que não sou responsável pelo aspecto da minha fachada — era simplesmente pela mesmíssima razão que nos enchem de orgulho os nossos pés quarenta e dois, o volume d'água do rio Amazonas, o apetite da nossa avó octogenária, a medalha de remo conquistada por nosso pai em sua juventude: a velha e imprescindível, se bem que estúpida, vaidade. Aliás, aqui para nós, que um cidadão se enveja de sua cara de "bonzinho", é vaidade que não faz mal a ninguém, com por cento inofensiva. De qualquer maneira sempre fui perfeitamente cômico desta e de outras modestas vaidades. Sempre o fui também de que são todas perfeitamente dispensáveis, por inoperantes e estúpidas. Mas nada consegui na minha cruzada contra a vaidade. Nem nunca o conseguirei, estou certo. O mais que posso conseguir — apenas isto — é ocultá-la aos olhos do público. Sou capaz de ocultar o júbilo que me vá por dentro; mas é bruto "vai cá por dentro", de modo que nada lucro na trapaga. Podem julgá-lo desprezível, mas sei que o não sou. Na política, na diplomacia, talvez me valesse esta habilidade, aliás comum; na minha profissão, nada vale. De nada me adianta "ser tido" por isto ou por aquilo. Adiantar-me-ia "ser" de fato. E como ainda não "sou" — talvez nunca o seja — é persistir na encenação, até à desmoralização final.

Como em tudo isso vai só vaidade — baseada em filosofia barata, de quinta classe (mais uma: classificar-me na quinta!), — regresso ao ponto de partida, à minha cara de sujeito bondoso, para não ferir as vaidades do leitor...

Como ia dizendo no início desta conversa mole — hay que encher lingüça! — eu me julgava com cara de "bonzinho" de amigo do próximo, desses a quem todos correm nas horas de aflição. Não que fosse muito solicitado pelos meus amigos: eles me conhecem; mas pelos

estranhos... que barbaridade! Mal posso andar pelas ruas na velha e decantada luta pela vida, mal dar o meu passeiozinho... O engraçado é que em geral não se trata de mendigos mendigos, não trata-se apenas desses camaradas que vieram do estado do Rio e perderam o dinheiro da passagem de volta, desses que precisam tirar carteira profissional para se empregar, dos que deram de esmola o dinheiro do almoço ou dos que têm uma irmãzinha em Maceió que se queimou num fogareiro a querosene e que por isso necessitam de três pratinhas para uma média com torradas de Petrópolis.

No começo, logo que comecei a andar vestido de civilizado — de paletó e gravata — ficava sempre abalado e comovido por tantas desgraças que afligiam os meus semelhantes. Comigo as coisas corriam tão suavemente... Muito saí de casa, e ainda saio, com o cobre justo da passagem e nunca o perdi; minha carteira profissional, quando a tirei, foi-me dada de graça; nunca tive coração tão bom a ponto de presentear o dinheiro do almoço, como não tenho irmãs em Maceió, e as que tenho, aqui mesmo, graças a Deus nunca foram agredidas por fogareiros. Ainda mais: quando minhas irmãs sofrem acidentes, ocorrência comum, nunca me vejo assaltado pelo desejo de tomar médias com torradas de Petrópolis...

Creio que isso esgota o assunto; ou melhor, prova irrefutavelmente que muito pouco me têm atingido os males desse mundo.

Voltando uma vez mais ao que interessa, aqui declaro que fui e ainda sou uma vítima querida dessa turminha que em geral não precisa; que apenas perde, esquece, doa, que não pode porque querem explorar, a doença de um parente em Mato Grosso impede-lhe o trabalho trazendo simultaneamente o desejo inadiável de chupar caramelos, etc., etc.

Com certeza estão pensando que me queixo. Faço questão fechada de afirmar que não; não me queixo. Narro apenas. Mas já me queixei. Ah... já! E isso ocorreu quando certas dúvidas se puseram a perturbar o meu sono tranquilo de ci-

dão justo, amigo do próximo. E estas dúvidas foram obra de um indivíduo que, como eu, "tinha cara de bonzinho"...

Foi assim: labutava eu numa firma comercial desta praça do Rio de Janeiro, onde fazia serviços de rua, entre os quais o incremento da prática de sessões cinematográficas ao meio-dia; este, apenas no princípio do mês. A propósito: o chefe da dita firma, meu patrão portanto, sempre me tratou como a um igual, com todo o respeito e consideração, o que é um grande estímulo para qualquer empregado. Até hoje não compreendo por que me deu o aviso prévio tão de repente... Mas voltando ao bom caminho (à história), estava eu uma bela tarde de Janeiro em plena comunhão com a natureza, ali no Passeio Público, cumprindo um dos meus servinhos de rua (estava um calorão dos diabos!), quando me vi interrompido por um cavalheiro que se via às portas da insolação. Isso eu podia compreender. Mas o diabo é que o único meio de salvação, ele estava certo, era uma horinha de repouso e frescor na sala refrigerada do fronteiro cinema Metro. Isso eu me recusai preempitoriamente a compreender. Não, assim também era demais! Se houvesse capital suficiente em meu bolso... eu sim é que me salvaria da insolação! O camarada esbravejou qualquer coisa que não entendi sobre as elites e o proletariado, e se afastou ainda me lançando olhares fuzilantes. O calor era demasiado para batebocas; fiquei calado e prossegui na sesta.

Nessa mesma tarde encontrei o meu

amigo Silênio, um excelente tipo que conheço desde pequeno. Separados pela cavacão da vida, só de longe em longe nos encontramos, quando aproveitamos a oportunidade para demoradas palestras. Aconteceu que mal trocamos o aperto de mão e já um camarada que queria assistir ao "Hamlet" interpelava o Silênio sobre a possibilidade de lhe inteirar a torrinha. Fiquei deveras admirado com o desprezo a mim conferido e passei a olhar o amigo com redobrado respeito, embora com uma certa mágoa. Ali estava um meu superior em matéria de filantropia fisionômica, indubitavelmente. Depois que partiu o shakespeariano, ainda sem a torrinha inteirada, atirei-me logo ao elogio do colega, meu vencedor numa eliminatória de alta significação. Fiz-lhe ver a superioridade patente e provada do seu coração sobre o meu. Ou pelo menos, que suas feições refletiam muito mais intensamente a chama do amor ao próximo do que as minhas, as de quem se considerava super-campeão.

Silênio é inteligente. Logo notou a pontinha de insinceridade em meu elogio, fruto de algum recalque, e passou a me olhar com mais atenção. Desfie então o meu rosário de aventuras no reino dos pedintes de ocasião. Ele a tudo ouviu calado, ora sério, ora sorrindo. Quando cansei, disse-me assim:

— Você tem mesmo certeza de que é com cara de caridosos que eles nos acham? Eu tinha. De que mais poderia ser?

(Continua na pág. 51)

A Dolorosa Verdade

Conflicto

Conto de **LOLA KNEIP DE MELO**
Especial para "REVISTA DA SEMANA"
Ilustração de **ARMANDO PACHECO**

A chuva passara. Apenas o asfalto molhado e os grossos pingos que ainda caíam das árvores encharcadas atestavam que, minutos antes do aparecimento daquele tímido sol, a natureza chorara naquele dia, como o coração de Marta chorava agora, silenciosamente.

Por que Aurélio o lembrara, por que? Seria mais caridoso, de sua parte, fingir, pelo menos, uma relativa ignorância àquele respeito. Era tudo tão antigo, há tantos anos ela não pronunciava, sequer em pensamento, aquele nome! Ignorava que ele soubesse tudo tão bem, como demonstrava naquele momento, sobre um dos períodos mais dolorosos de sua vida. Quando Aurélio começara a falar, tivera vontade de pôr a mão em sua boca, suplicando-lhe: "Não, por Deus, não digas nada! Não vês que o passado morreu, que eu não desejo lembrá-lo, nunca, nunca mais? Não sentes que sou tua, que te amo, como se fosses o primeiro, como se, antes de ti, não tivesse havido ninguém?".

Mas Aurélio não soubera sopitar-se. Quase à queima-roupa, mal ela se acomodara à mesa para o almoço, perguntara-lhe:

— Sabes quem morreu?

Antes que a resposta, afirmativa, chegasse à sua boca, Marta, numa rápida e angustiosa ginástica mental, se interrogava: "Meu Deus, o que hei de fazer? Negar ou dizer logo toda a verdade?". Desviando os olhos, procurou responder com bastante serenidade:

— Sim, sei, o Mauro Barreiros.

Juntou, talvez depressa de mais:

— Coitado! Ainda era relativamente moço... Poderia viver muito mais...

E, com fingida displicência, começou a passar um pouco de manteiga numa cósdea de pão.

Aurélio insistiu:

— Estás pesarosa, não estás?

Quase num susto, a moça redarguiu:

— Eu, por que? Naturalmente, todos nós que o conhecemos, devemos estar penalizados... Era uma ótima criatura, bom amigo...

Com uma pontinha de ironia na voz, ele tornou a perguntar:

— Só por isso? Só por isso, tens certeza?

Marta olhou-o bem no fundo dos olhos, que se haviam tornado opacos e duros. Um calafrio de angústia percorreu-a e ela apertou com força o talher entre os dedos.

— Aurélio, o que queres dizer?

Então, de um jacto, ele falou:

— Pensas que eu não sei... Há muito que eu o sei, há muito tempo. Hoje quis fazer uma espécie de teste contigo. E vi como te puseste pálida e trêmula, prestes a chorar...

Tornou mais fina a linha dos lábios, num trejeito que Marta detestava:

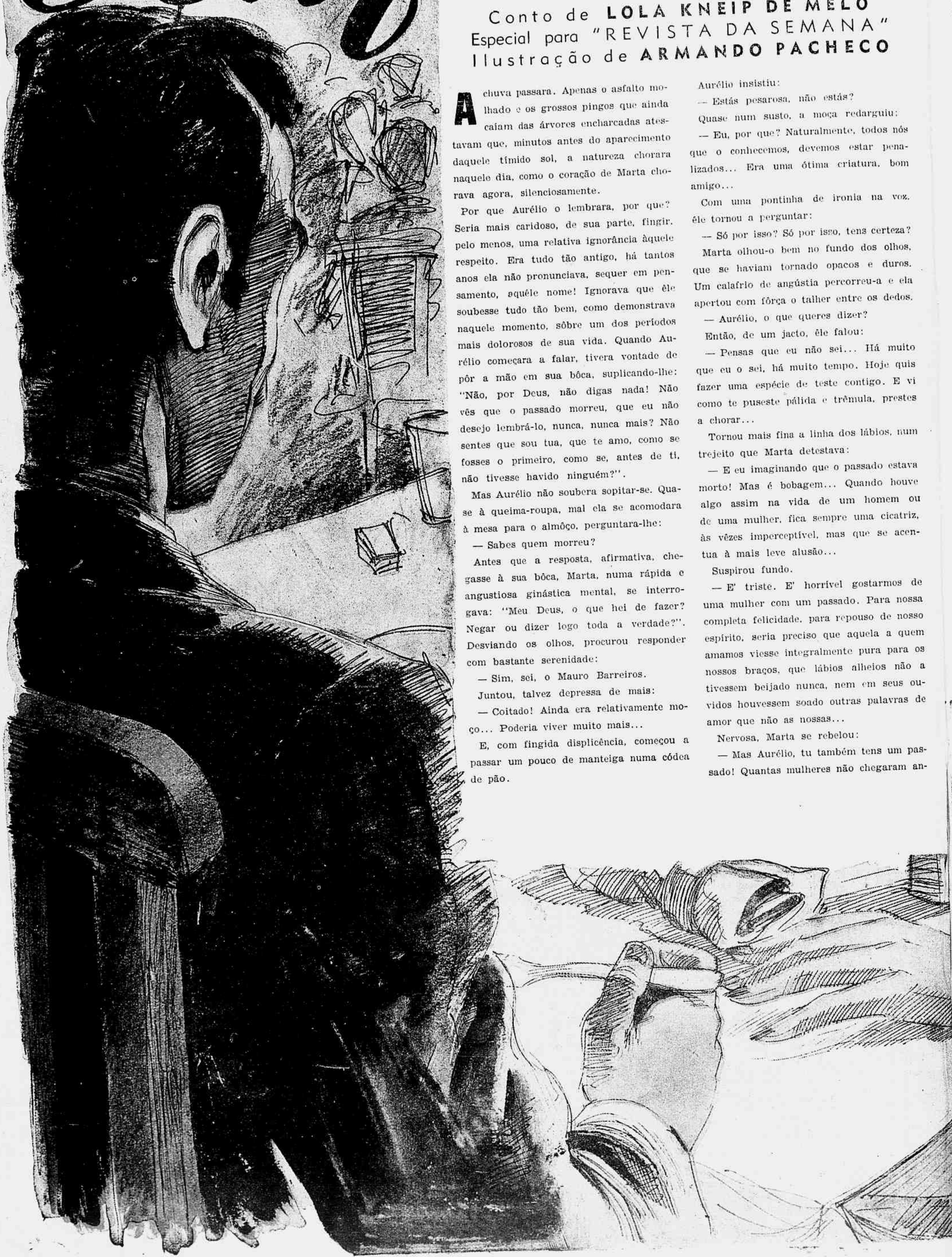
— E eu imaginando que o passado estava morto! Mas é bobagem... Quando houve algo assim na vida de um homem ou de uma mulher, fica sempre uma cicatriz, às vezes imperceptível, mas que se acentua à mais leve alusão...

Suspirou fundo.

— E' triste. E' horrível gostarmos de uma mulher com um passado. Para nossa completa felicidade, para repouso de nosso espírito, seria preciso que aquela a quem amamos viesse integralmente pura para os nossos braços, que lábios alheios não a tivessem beijado nunca, nem em seus ouvidos houvessem soado outras palavras de amor que não as nossas...

Nervosa, Marta se rebelou:

— Mas Aurélio, tu também tens um passado! Quantas mulheres não chegaram an-



tes de mim, a quantas disseste as mesmas coisas que agora me dizes! Não podes negar!

Mas ele negou com veemência:

— E' mentira! Comigo foi diferente. Só a ti eu amei. Só tu me completaste a vida, as outras não foram mais que brincueiros. Pensas que já gostei de alguém como gosto de ti?

— Eu sei, Aurélio. Eu sei. Mas comigo aconteceu o mesmo. Mauro não foi mais...

— Ah! — exclamou ele, com uma nota de exultação na voz. — Então confessas!

Ela cruzou os dedos fortemente, tentando dominar-se, e falou com doçura:

— Mas eu não confesso nem desminto nada, meu querido. Se tu já sabias! Depois, sou incapaz de te esconder qualquer coisa, mesmo que seja contra mim...

Mas Aurélio não ouvia o argumento, perdido em suas próprias cogitações:

— Então, tu de fato o amaste! De fato houve alguma coisa séria entre os dois...

Marta forçou-se de novo a uma desusada meiguice:

— Houve, sim, meu bem, tu sabes. Seria inútil tentar escondê-lo. Mas não é como pensas. Mauro chegou num momento de crise, ajudou-me a passar um mau pedaço, foi um amigo leal que tive quando o desânimo se apoderou de mim e parecia querer pôr-me para sempre à parte de todas as alegrias da vida...

Sem que ela o desejasse, sua voz tomou uma entonação enternecida:

— Se soubesses como ele foi bom!

— Bom?! — quase gritou Aurélio, sem poder controlar-se. — E' sempre bom o homem que visa um determinado fim... E tu te iludiste, confundindo com amor o que não era mais que um mero, um vão desejo...

Olhando-o sem ver, a moça evocou então a figura do morto, alto, distinto, os lábios irônicos e irreverentes disfarçando a grande ternura que, malgrado isso, teimosamente boiava em seus olhos. Ouviu de novo sua voz, pausada e grave:

— Sei que nada sou para ti... Não me amas. Também (os lábios irônicos sorriram mais), se podia ser teu pai! Mas deixa-me ajudar-te a viver. E' só o que te peço: deixa-me ajudar-te a viver. Deixa

que eu te ame, simplesmente, mesmo que nada me dêes em troca."

E, de fato, Mauro o tinha feito, cercando-a da ternura de um cão vigilante. E ela, que não lhe pudera dar amor, concedera-lhe porém uma fiel, permanente amizade. E agora Aurélio dizia...

Impulsivamente, defendeu a memória daquele que a tinha amado:

— Não sejas injusto, nos teus ciúmes! Mauro era por demais bom e distinto, para se assemelhar, de longe sequer, à imagem que dele tentas fazer. Gostei dele, sim, não o nego. Mas não foi amor. Amor é o que eu tenho por ti, é esse sentimento que até hoje não dediquei a ninguém...

Estendeu o braço sobre a mesa e segurou a mão do rapaz:

— Tu sabes que é assim. Por que me torturas, por que?

Ele não respondeu. Suspirou profundamente, levando o copo de bebida aos lábios e sorvendo de um trago seu conteúdo. Pôs-se depois a tamborilar com os dedos na mesa, nervosamente, como quem tenta controlar-se. Afinal, chamou o garçon e pediu a nota da despesa.

Aflita, com um esquisito nó na garganta, Marta em vão esperava uma palavra sua, em vão suplicava mentalmente a carícia daquelas mãos que, subitamente, se tinham tornado indiferentes.

Teve vontade de chorar alto, agarrar-se ao seu pescoço e gritar:

— Pelo amor de Deus, não deixes que um morto, uma sombra, nos separe! Tem confiança em mim, acredita que nada mais resta desse passado, do qual tens tantos ciúmes! Sou tua, tua integralmente, não vês?

Percebendo a aflição estampada em seu rosto, com a maldade do ciumento, Aurélio comentou ironicamente, ao ajudá-la a vestir o agasalho:

— Há coisas que não se pode esconder... A dor, por exemplo, ou a saudade de alguém que amamos um dia.

Então a moça não disse mais nada. Compreendeu a inutilidade de todos os seus argumentos, a fragilidade, a inconsistência de sua defesa, ante aquele vigilante passado que uma vez a protegera e agora ameaçava levantar-se, aniquilando sua vida para sempre.





Por UMBERTO PEREGRINO

Especial para REVISTA DA SEMANA

ILUSTRAÇÃO DE LUIS CANABRAVA

O coronel Leopoldo e d. Lilian, que jantariam conosco, afinal chegaram.

D. Lilian apresentou-se de esplêndido ânimo, como sucedia toda vez que dava despesas a alguém, poupando as suas. E jantar fora para ela significava, primeiro que tudo, isso.

O coronel esforçava-se por parecer fatigado, mas só conseguia exagerar a sua gravidade habitual. Sem demora, com a entonação solene de sempre, entrou a falar do seu dia de trabalho:

— Muito trabalho. Está tudo por fazer. Ninguém quer trabalhar.

O coronel Leopoldo é assim. Quando toma a palavra pode-se contar: 95% do que diz são a seu respeito; os 5% restantes são de maldição contra todo mundo. Não quer dizer que seja pouco maldizente. Não. Ele fala o suficiente para que estes 5% sejam imensos.

Tudo que faz e diz é em nome de um acendrado amor ao Exército. Não desmentirei o coronel neste ponto. Ama, de fato, o Exército. Um amor a seu modo, mas ninguém o terá maior. Um modo, aliás, rigorosamente consentâneo com o coronel Leopoldo. Não obstante, se alguém lho observasse, protestaria com indignação, porque não há quem menos saiba de si, neste mundo, que o coronel Leopoldo. A verdade, porém, é que abraçou o Exército sem rigorosa vocação. Suas preferências eram pela Marinha, onde não teve ingresso por motivos que omite. Voltou-se, então, para o Exército e fez uma carreira apaixonada. Ele não sabe, como já disse, mas o seu incontestável e exaltado amor ao Exército é muito peculiar, muito próprio, pois nasceu e nutre-se de três elementos que são tudo na sensibilidade do velho militar: a farda em si, no seu vistoso, no seu aparato, na sua importância exterior; as honrarias de cada posto, sempre maiores e podendo crescer ainda; por fim, a atividade quotidiana, o expediente, para ser mais exato, porque não é tanto o trabalho como o convívio da repartição que ocupa e delicia o coronel Leopoldo.

Hoje, o coronel vive do que tem sido, um pouco também de que quase é. Quase é general. Exerce função de general e há cerca de nove anos vem vindo em lista. Sua ventura por isso só é inferior à que teria se a promoção acaso viesse. Quanto ao que tem sido, tem sido tudo possível, exceto general.

Logrou um feliz começo de carreira. Não digo feliz no sentido de sereno, entusiástico, vivido; isto é regra em todas as carreiras com toda a gente. Refiro-me à coincidência de seu padrinho ter ido a ministro justamente nessa quadra. Da dupla sorte de possuir um padrinho que além de chegar a ministro ainda o faz em momento providencialmente oportuno, o tenente Leopoldo retirou importância com que se abasteceria a vida inteira, embora nem sempre nem todos o tenham acatado, para seu enfurecido desgosto. Como corolário da importância ganhou comissão na Europa, da qual conserva inúmeras recordações que repete constantemente. Ainda vantajosas consequências desse estágio no Velho Mundo são a propriedade de uma casa que aluga e a venturosa posse de d. Lilian, uma inglesa deparada na França.

As línguas que aprendeu não conserva. Dizem até que não aprendeu nenhuma, versão oriunda dos inimigos que acumulou por conta dessa comissão invejável, de alguns indevidos progressos hierárquicos e de certos defeitos próprios. O coronel, porém, nunca levou desvantagem com os inimigos, porque o seu sistema é dizer sempre deles

Visita para o jantar

(Continua na pág. 51)

BROADCAST



BABÍ DE OLIVEIRA firmou-se na constelação radiofônica através do próprio talento artístico de que é possuidora. Aliando seus conhecimentos musicais ao desempenho de difíceis papéis rádio-teatrais, essa artista sempre interessou as grandes estações. No momento, seu trabalho está sendo aproveitado pela Guanabara. Babí faz parte do "cast" rádio-teatral da PRC-8, atuando nas histórias em capítulos que essa estação irradia.

RÁDIO-FLASHES

*** Renato Murce está à procura de uma legítima e escultural cantora de nossos ritmos populares. Depois de ter encontrado três apreciáveis intérpretes da música mexicana, volta-se, agora, o criador de "Papel Carbono" para o que é nosso. Bem sucedido em todas as suas iniciativas radiofônicas não será nesta que o velho Renato irá fracassar.

Ainda mais, quando todos sabemos de sua lisura em matéria de concursos.

*** Chegou a seu término o "Prêmio Ana Carolina", instituído pelo programa "Artistas Novos do Brasil", que a Rádio Globo transmite sob a orientação da professora Magda da Gama Oliveira. Foram laureadas Ivete Madaleno, Maria da Penha Amorim e Marli Quintela, as quais receberam, respectivamente, 5.000, 2.500 e 1.000 cruzeiros. Julgaram as provas, os pianistas Aires de Andrade Lúcia Branco e Felícia Blumental.

*** Reapareceu o "Trío Guarás", cuja atuação no "broadcasting" carioca sempre mereceu elogios. A guapa rapaziada está viajando no "Trem da Central", revista encenada pelo sr. Walter Pinto. Isto quer dizer que, após a conquista do microfone, veio o triunfo da ribalta, para onde, aliás, estão seguindo diversos elementos de nosso rádio. No elenco do Recreio, por exemplo, figuram nada menos de cinco astros radiofônicos.

*** Emilinha Borba, a eleita das balas "PR" e rainha dos marujos, vem aí em "Poeira de Estrelas", nova produção do cinema nacional. Segundo os entendidos, a vitoriosa intérprete de "Acapulco" conseguiu sua primeira oportunidade diante da câmera, fazendo papel de importância. Aguardemos o filme para confirmação.

*** ...e Peter Kreuder voltou. Desta vez, ele apresentar-se-á, corajosamente, à frente da orquestra da PRE-8, para a requintada plateia do Municipal. Esperamos que não se limite aos costumeiros arranjos, nem tampouco persista na execução de velhíssimas páginas. O público do Rio merece alguma coisa de interessante e, por certo, não irá perder tempo com esses espetáculos.

*** Chucho Martinez continua sendo aguardado no Rio, diante do interesse demonstrado por uma das elegantes "boites" cariocas. Tão logo esteja terminado o entendimento, o conhecido artista embarcará para cá. Sua presença, então, numa das

emissoras locais, será certa. Fala-se, mesmo, que ele cantará ao microfone da Tupi.

*** A Rádio Roquete Pinto, dentro em breve, contará com um conjunto orquestral. Também, conforme afirmativa de sua diretora, a PRD-5 passará a possuir um corpo coral, fator importante na linha de programações de qualquer emissora. Outras inovações serão introduzidas na estação da Prefeitura, inclusive no setor técnico.

*** Mais um prefixo para o Rio. O presidente da República, de acordo com as informações do Ministério da Viação, permitiu que o matutino "Correio da Manhã" montasse uma emissora. Graças a esse ato, o veterano órgão de nossa imprensa pode tornar realidade o sonho acalentado desde a ditadura. Será mais um elemento a serviço da cultura e do progresso.

*** Grande Othelo voltou ao teatro, fazendo uma daquelas caricaturas infernalíssimas. Ele está integrando o elenco do "Teatro Jardim", sem prejuízo de suas atividades radiofônicas. Enquanto isso, Flávio Cordeiro faz seu "debut" na ribalta, aparecendo em "A Inconveniência de ser esposa", posta em cartaz pelo "Teatrinho Íntimo". Flávio, porém, ausentou-se do microfone por vários dias.

*** Ausente do Rio, por um mês, ficará o "Trío Madrigal". E' que seus componentes levaram a efeito uma excursão a Minas, atendendo ao convite da Rádio Inconfidência. Também Aerton Perlingeiro ficará ausente da PRA-3 durante várias semanas, pois viajará para Buenos Aires, a convite da embaixada desse país amigo.

*** Está em negociações com a Rádio Guanabara, o locutor Roberto Ruiz. Caso cheguem a bom termo as conversações, ele irá dirigir o setor de divulgação da PRC-8, além de atuar a seu microfone. Moreira da Silva, por sua vez, assinou contrato com essa estação, a fim de participar das apresentações de "Clube do Samba".

APITO NA BOCA



ARI BARROSO, é o que se pode chamar de faz tudo. Jornalista, teatrólogo, esportista, vereador, "rádio writer", músico e compositor, sua atividade é das mais intensas. Porém, ainda lhe sobra tempo para dizer verdades. Tanto assim que, a propósito de suas músicas, ele afirmava em 1945, a um jornalista que o entrevistara: "Aquarela do Brasil" vendeu, de 1943 a 1944, nos Estados Unidos dois milhões de discos. A quarenta centavos o exemplar, teremos um bruto de oitocentos contos. O governo americano cobra trinta por cento de taxas, ou sejam, duzentos e sessenta mil cruzeiros. Restam quinhentos e sessenta mil cruzeiros. Mas o editor americano fica com a metade, isto é, duzentos e oitenta contos, dos quais o editor brasileiro abiscota um terço. Resta para o compositor Ari Barroso cento e oitenta e seis contos. Aliás, eu me considero o compositor mais roubado deste mundo! Basta dizer que recebo pelo U.B.C. de direitos, apenas dois mil cruzeiros mensais... Você acha que isso dá para viver?"

O RÁDIO PORTUGUÊS É DIFERENTE

Celestino Silveira andou pela terra portuguesa à cata de sensações. Viu corridas de touros; ouviu estrêlas e canastões; sentiu o peso da ditadura salazarista; auscultou os anseios populares e, como homem de rádio, não se furtou aos prazeres de conhecer o "broadcasting" luso. Observou vantagens e deficiências, para chegar à conclusão de que...

— Não se pode dizer que o rádio em Portugal seja melhor ou pior do que o nosso: é apenas diferente. Tem outros pontos de referência e parece satisfazer ao público a que se destina. Tecnicamente, não sinto o menor constrangimento em dizer que a Emissora Nacional, por exemplo, é superior à nossa melhor estação. Seu equipamento é moderníssimo, seus funcionários técnicos de habilidade espantosa, suas orquestras esplêndidas. Quando, um dia, pedi a colaboração dessa emissora para uma reportagem em Fátima, não foi um microfone o que me foi dado, mas um caminhão com todos os pertences para a viagem e a gravação de pouco mais de quinze minutos. Do ponto de vista comercial, publicitário, nosso avanço é, todavia, muito maior. Em Portugal poucos artistas poderão viver exclusivamente do rádio, mas os que atuam ao microfone possuem, de um modo geral, predicados e dos melhores. As nulidades, por isso mesmo que não existe influência do patrocinador, passam de largo.



VIOLETA CAVALCANTI, ao deixar a Nacional, sofreu verdadeiro eclipse. Permaneceu fora do rádio vários meses. Um domingo, Adhemar Casé, a incluiu no seu veterano programa. Violeta mostrou que não perdera a forma. Estava cantando em grande estilo. E, no Programa Casé, a estrêla se manteve, até assinar agora contrato com a Globo, voltando a participar da programação de estúdio de uma das mais populares emissoras brasileiras.

ZEZÉ ESTÁ COM A RAZÃO

Causou espanto a notícia de que Elza Gomes protestara contra a afirmativa de Zézé Fonseca, ao dizer-se esta criadora de "Deus lhe pague". E' que a afirmativa, em si, está certa. Zézé Fonseca não mentiu aos jornalistas portugueses, nem tampouco enalteceu-se de uma coisa que fez com o máximo senso artístico, a ponto de despertar as melhores predições da crítica. Elza Gomes, por certo, esqueceu-se da história. A criadora de tantas novelas radiofônicas, ao tempo da encenação de "Deus lhe pague", andava à procura de emprego no teatro. Procópio Ferreira, vendo a desenvoltura de Zézé Fonseca, dispôs-se a conceder-lhe a chance desejada. O papel que lhe foi confiado, não pode ser considerado ponta. Coube-lhe viver a louca, trabalho que assinalou sua primeira grande vitória no palco. A moça que procurava emprego, com o fito de melhor expandir seus pendores artísticos, sem o saber, criara uma das mais discutidas peças do teatro brasileiro. Isto, aconteceu no Teatro Cassino. Portanto, as palavras de Zézé Fonseca merecem crédito. Querer incompatibilizá-la com o povo português,

na sede de prejudicar sua missão artística, é tarefa das mais ingratas. Ainda agora, empresários de Lisboa colocaram à disposição da estrêla da Globo, sessenta mil cruzeiros mensais para sua apresentação em teatro de revista. Essa proposta, que não foi aceita em virtude de compromissos assumidos com a sra. Amélia Rey Colaço, diz bem do interesse pelo trabalho artístico de Zézé Fonseca.

Estrêla do rádio brasileiro, com brilhantes atuações no teatro, seu nome popularizou-se por todo o território nacional, chegando até à fronteira argentina. Em Portugal, segundo o testemunho de Celestino Silveira, não menor é o interesse do povo luso pela rádio atriz brasileira. Por essa razão, de nada adiantará discutir uma criação que ela, realmente, fez no palco do Teatro Cassino, ao lado de Procópio Ferreira. Mesmo, porque, o mérito maior não seria contradizê-la num assunto que ela tem absoluta razão. Está, isto sim, em igualdade em brilho e talento.

A. MIGUEIS.

UM ROMANCE DE JORGE AMADO NO CINEMA

A ÚLTIMA OBRA DO ESCRITOR BRASILEIRO, PUBLICADA SIMULTANEAMENTE NO BRASIL, ESTADOS UNIDOS, FRANÇA E OUTROS PAÍSES, FOI ADAPTADA POR E. BERNOUDY PARA A ATLÂNTIDA ★ REBATIZADOS OS PERSONAGENS E ALTERADA A NARRATIVA, EM VÁRIOS PONTOS



Anselmo Duarte, que apareceu em "Querida Susana" e, depois, no filme argentino "Não me digas adeus!" (Bajo el cielo del Brasil), é o galã de "Terra Violenta"

Uma das mais ambiciosas realizações do cinema nacional é, sem dúvida, «Terra Violenta», o novo filme da Atlântida. Já está inteiramente filmado, processando-se agora os trabalhos de corte, montagem e regravação de som, tudo sob a direção do técnico americano Edmund Bernoudy, que foi também o diretor do filme.

«Terra Violenta» é, como se sabe, a versão cinematográfica do romance de Jorge Amado, «Terras do Sem Fim», publicado no Brasil, Estados Unidos, França e outros países. Na adaptação para o cinema sofreu o livro modificação na sua trama, e também no nome das suas personagens. Esta última modificação, entretanto, em nada afetou a essência e o espírito do romance de Jorge

Amado e explica-se pelo fato de haverem os diretores da Atlântida encontrado, quando das filmagens em locação no Estado da Bahia, alguns descendentes dos Badarós. Essa família, a que se refere o romance, de fato existiu e ainda existe. Assim sendo, nem aquele aviso que diz «terá sido mera coincidência» valeria coisa alguma no caso de um conflito judicial. O prudente seria trocar os nomes das personagens. E isso foi feito, pela Atlântida, com o consentimento do autor, hoje vivendo na Europa.

Mas toda a grandeza do drama da «terra sedenta de sangue» foi conservada nessa «Terra Violenta» da Atlântida. E, dada a eufonia e ritmo semelhante, o leitor facilmente reconhecerá as personagens de Jor-



Cena do filme que E. Bernoudy adaptou do romance de Jorge Amado, na qual aparecem, no primeiro plano, o ator Graça Melo e a atriz Carmen Gonzalez



O ator Aguinaldo de Camargo, que surgiu com o Teatro Experimental do Negro, no papel do tocaieiro de "Terra violenta"



ge Amado de baixo dos novos nomes que elas apresentam no filme. Isso é o que mostramos nestas páginas, em uma série de fotos inéditas.

★

O filme da Atlântida é a primeira transposição da um «best-seller» de autor nacional realizada na tela desde a infeliz experiência de Chianca de Garcia, na Cinédia, com o romance «Pureza», de José Lins do Rego. «Terra violenta» (foi êsse o título do romance em inglês e francês) apresenta, pela primeira vez, em nosso cinema, uma cena que reúne mil e quinhentos «extras». O «cast» é enorme. Dele fazem parte figuras já experientes do nosso cinema, como Heloisa Helena, Grande Otelo, Celso Guimarães, Anselmo Duarte, etc, e outras que pela primeira vez enfrentam uma «câmera», como Graça Melo, que hoje é o galã da companhia de Henriette Morineau; Aguiinaldo de Camargo, o intérprete de «O imperador Jones», de Eugene O'Neil, com o Teatro Experimental do Negro; e Maria Fernanda, a filha da poetisa Cecília Meirelles, que se revelou como Ofélia, na versão de «Hamlet» do Teatro do Estudante do Brasil.

★

Na versão cinematográfica da Atlântida, os Badarós passaram a ser os Marajós. Outras modificações foram feitas. Assim é que Celso Guimarães faz o papel de Zeca Marajó; Maria Fernanda o de Irene; Anselmo Duarte o do Dr. Carlos da Silva; Nelson Vaz, o do velho Marajó; Sady Cabral o do coronel Manduca Bastos; Heloisa Helena o papel da francesa Nancy; Grande Otelo o de um cantor negro de cabaré; Carmen Gonzalez, o de uma pequena de cabaré; João Angêlo Labanca o de Juquinha Borges; Graça Melo o do coronel Raymundo Figueiredo; e Aguiinaldo de Camargo o de um sicário, empreiteiro de emboscadas.

★

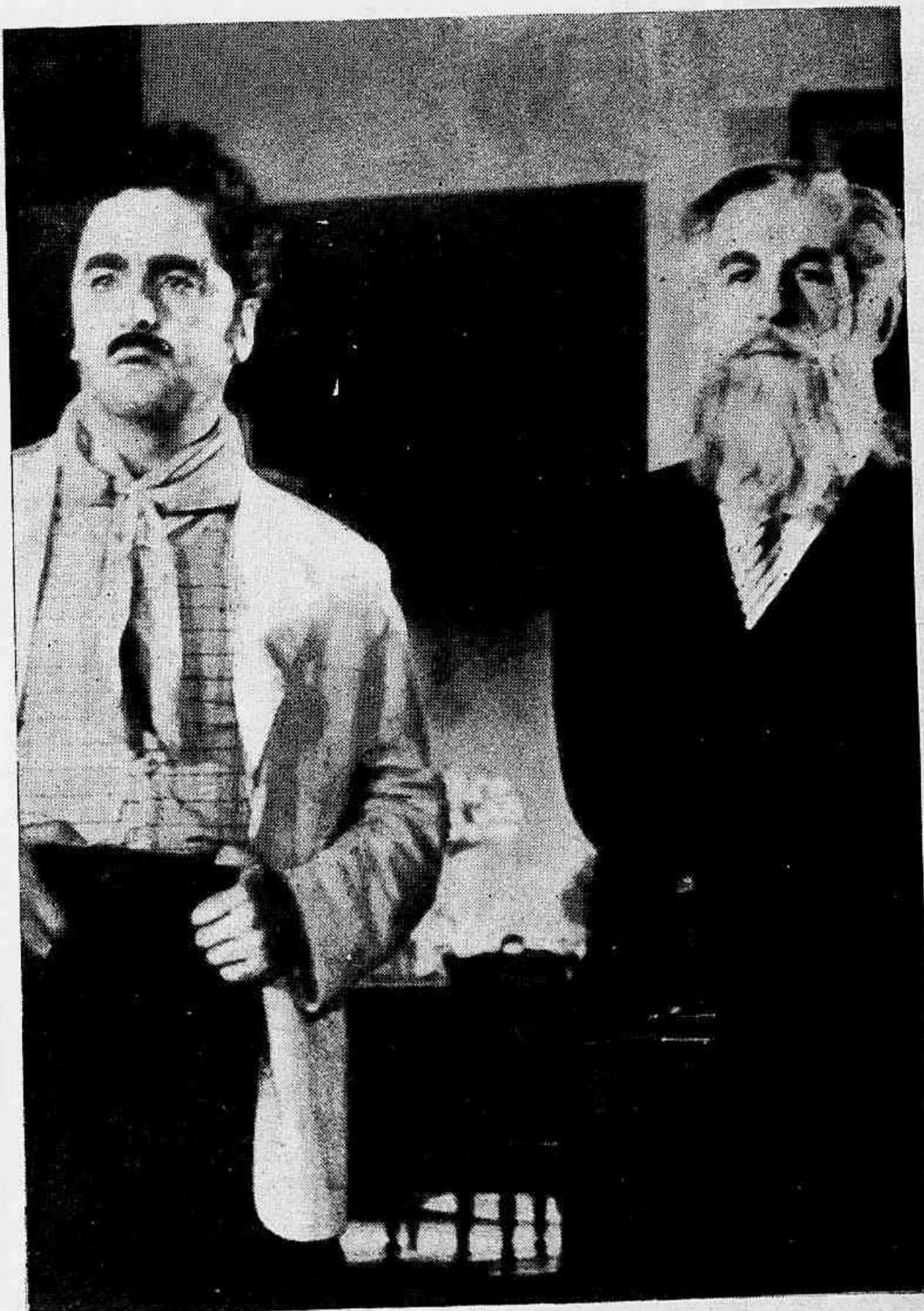
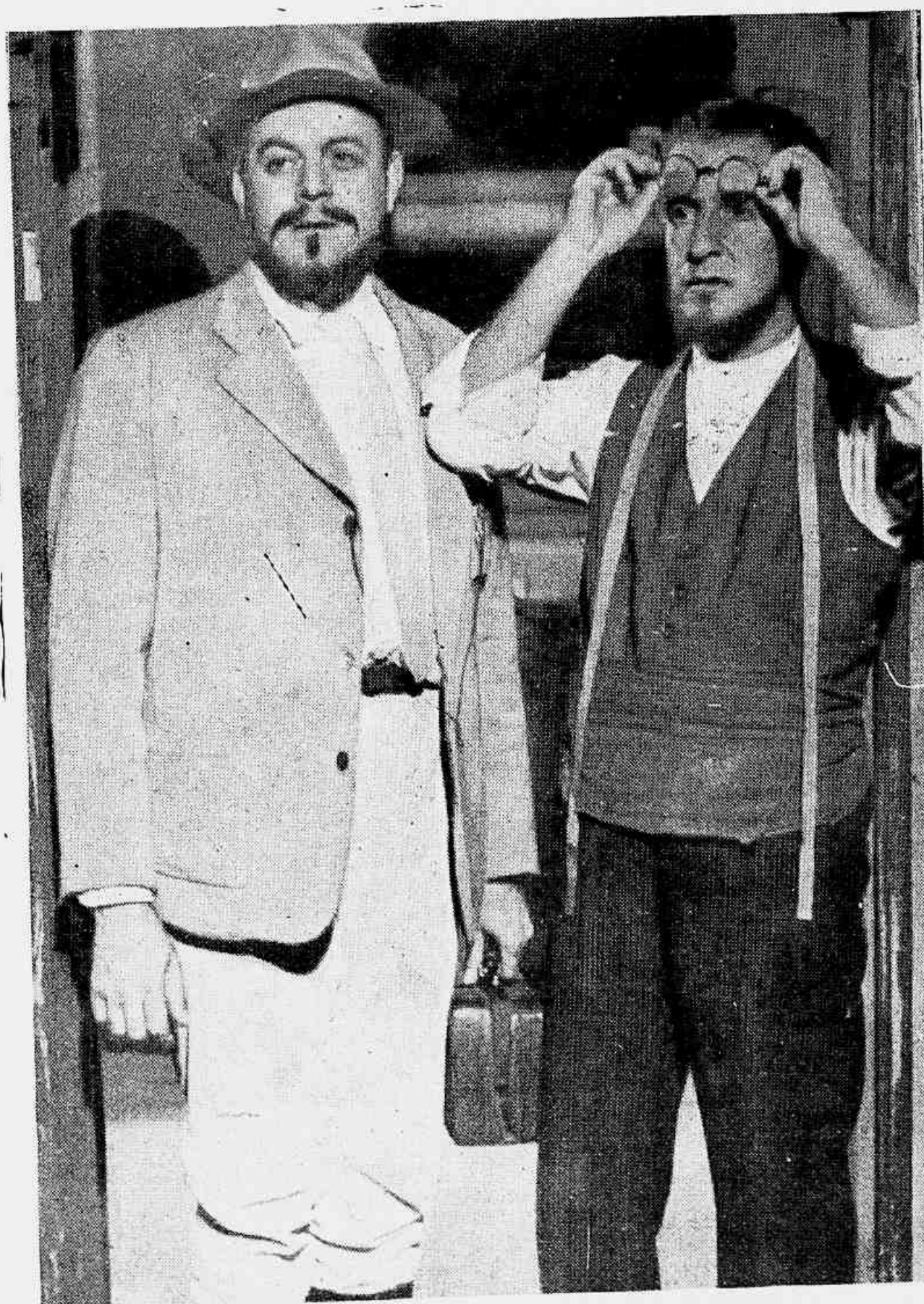
Por várias circunstâncias, — a fama do livro, a excelência do elenco, como ainda, por ser a estréia de Bernoudy como diretor, no Brasil, — o filme «Terra Violenta» está sendo aguardado com vivo interesse, prometendo iniciar uma nova época em nosso cinema. Bernoudy é um homem que trabalhou em Hollywood, como auxiliar de homens como William Wyler e Alfred Hitchcock. Depois, no México, foi responsável por algumas realizações felizes, entre as quais a de «Cantacaro». Vindo incorporar-se ao nosso cinema, tentou fazer alguma coisa na Cinédia, mas ali não encontrou ambiente, indo, depois, para a Atlântida, onde é hoje uma das figuras de mais destaque, prestigiado, sobretudo, pelo sr. Ribeiro Junior, um dos maiores acionistas daquela empresa.

←

A esquerda: Uma cena de «Terra Violenta», com Heloisa Helena e Anselmo Duarte



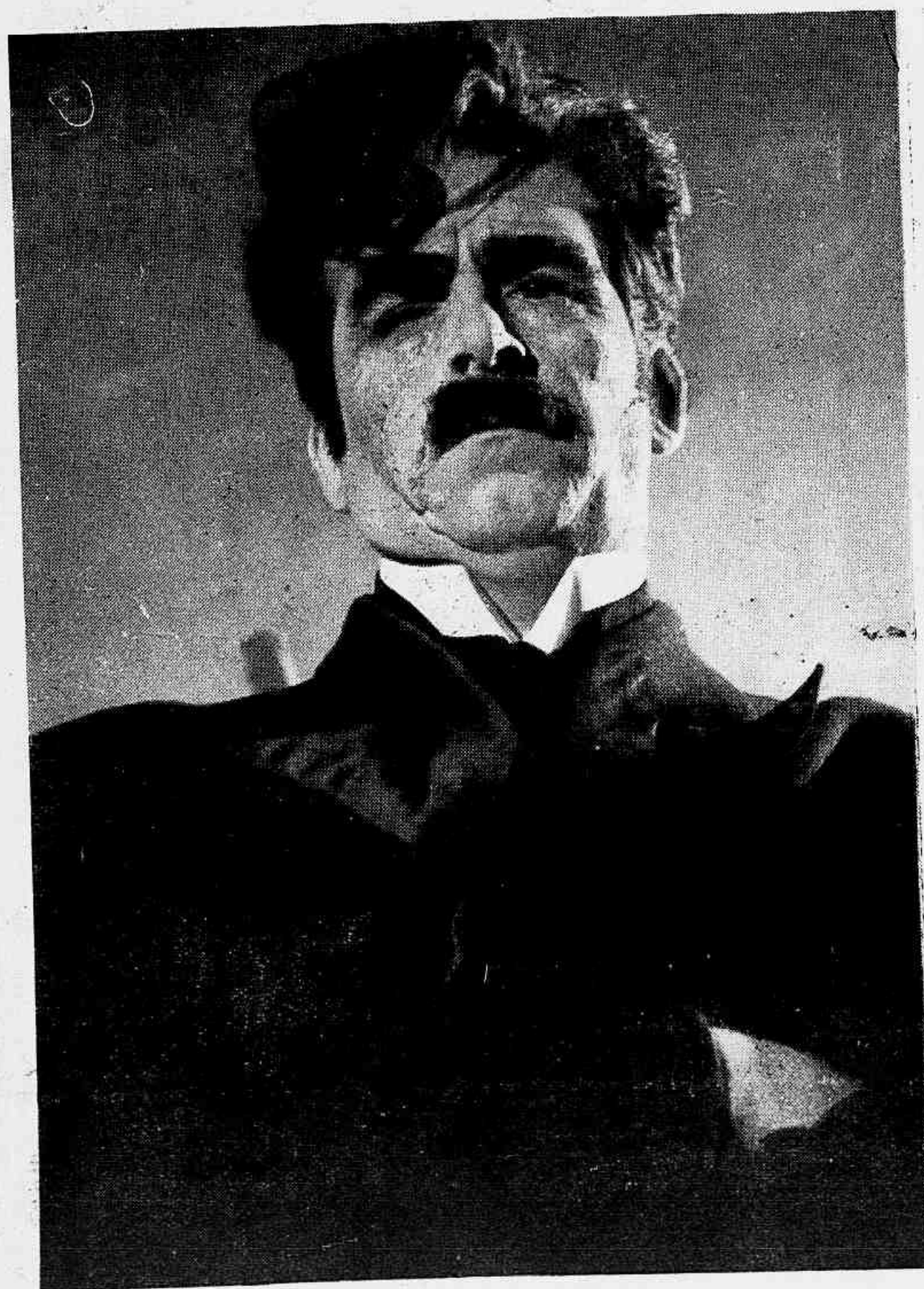
Cena amorosa de "Terra Violenta", com Anselmo Duarte e Maria Fernanda, filha da poetisa Cecília Meireles e apresentada, este ano, no palco, pela primeira vez, como a Ofélia da versão de "Hamlet" que o Teatro do Estudante do Brasil encenou



A esquerda: cena entre João A. Labanca (o dr. Messias) e Jorge Murad (o alfaiate Juquinha Borges) e, à direita, cena entre Celso Guimarães (Zeca Marajó) e Nelson Vaz (o velho Marajó)



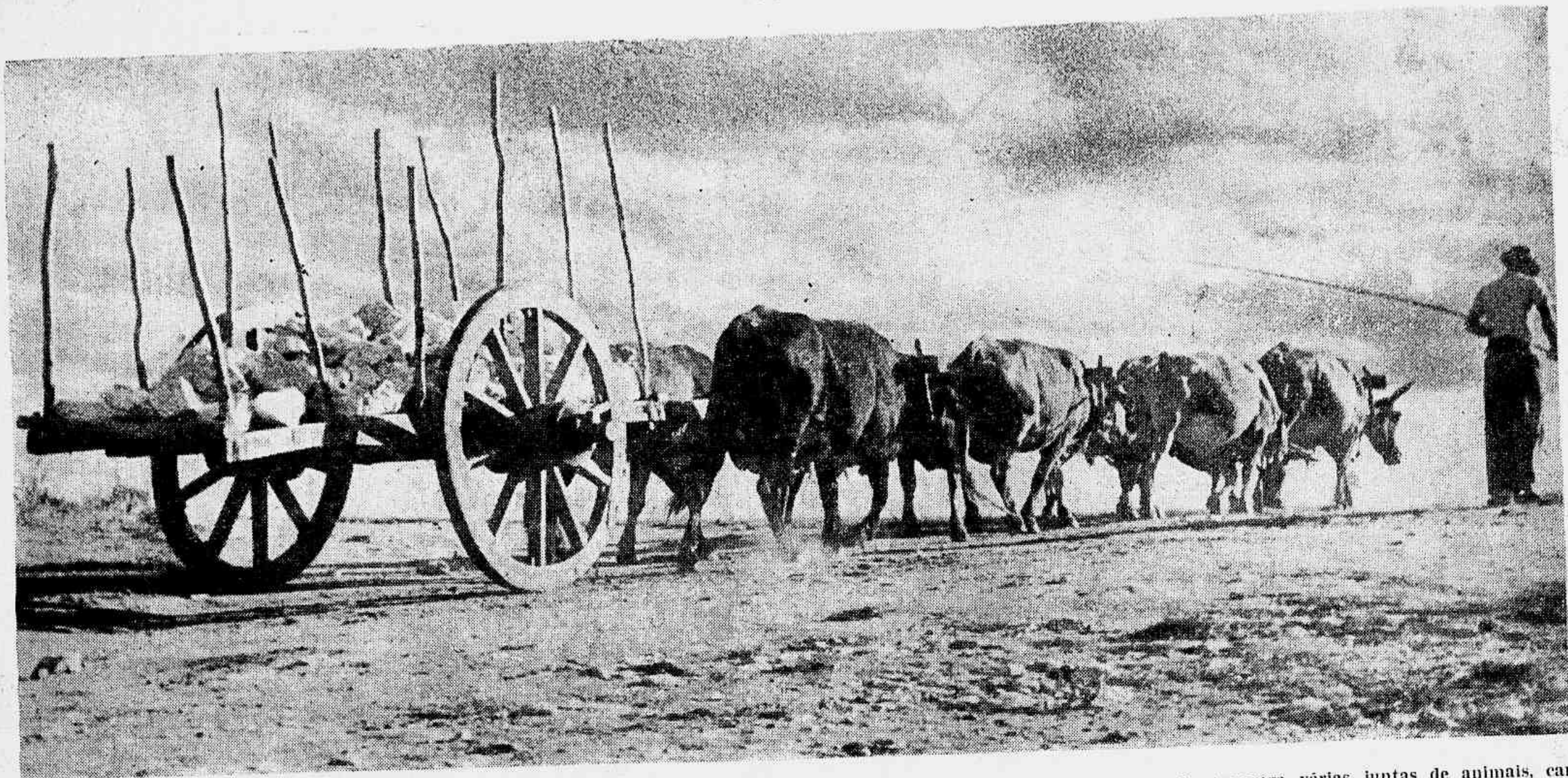
Em cima, à esquerda: cena entre Heloisa Helena e Celso Guimarães, a bordo do na via, "Aracajú"; e, à direita, cena com Grande Othelo e coristas, num cabaré da Bahia de outrora



A direita: Graça Melo, na sua esplêndida caracterização, como o coronel Raimundo de Figueiredo; e, à direita, Celso Guimarães no papel de Zeca Marajó



Cena idílica, do filme "Terra violenta", com Maria Fernanda e Anselmo Duarte. Ela estreia no cinema, depois de ter triunfado em "Hamlet", e ele já fez dois filmes, antes de atuar sob a direção de E. Bernondy



Um detalhe característico da paisagem gaucha: a carrêta e o carreteiro. Ao contrário dos carros de bois do Nordeste, o gaucho emprega várias juntas de animais, cansando menos os bois e distribuindo melhor o peso entre eles

TIPOS E ASPECTOS DO RIO GRANDE DO SUL

DIVISÃO DA TERRA, O SEGRÊDO DO PROGRESSO GAUCHO

Reportagem de PLÍNIO BUENO

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Quem percorre o Rio Grande, admirando-lhe as belezas naturais e as múltiplas manifestações da sua atividade renovadora, sente que o bem estar e a felicidade dos gaúchos se fixam em fatores que o próprio homem criou. A luta cedo o convenceu de que é árdua a tarefa na terra. Não se conseguem os bens necessários à vida, morais e materiais, sem vencer toda a série de empecilhos que o Destino vai semeando na estrada. Os fatos fornecem a prova mais positiva. Não está cheia, a história do Rio Grande, de exemplos convincentes? Basta um retrospecto na formação das fronteiras meridionais da Pátria, e logo surgem em relevo as páginas marcantes da Colônia do Sacramento, célula de que resultou o Rio Grande, das campanhas da Província Cisplatina, da guerra de Rosas, da luta no Paraguai

PAPEL PREPONDERANTE DA COLONIZAÇÃO ★ HÁBITOS E COSTUMES ★ A INDUSTRIALIZAÇÃO NÃO MATOU OS USOS TRADICIONAIS ★ OS FARRAPOS ★ A ÚNICA ORLA MARÍTIMA BRASILEIRA IMPRATICÁVEL ★ NEM ENSEADAS, NEM BAÍAS, NEM PORTOS ★ COMO SE EXPLICA, APESAR DE TUDO, O ÍNDICE ASCENCIONAL DO RIO G. DO SUL

e de dezenas de outras que, ainda nos albores da nacionalidade, valorizaram o pendão patriótico das populações do sul. Caldeado neste clima de competições, o Rio Grande saiu dos entreveros convencido de que lutando é que se progride e, postas de lado as armas da guerra, empunhou petrechos da paz no afã de construir o

monumento que é hoje sua economia, agrícola e industrial.

A COLONIZAÇÃO

Não se pode falar do progresso do Rio Grande sem aludir à poderosa contribuição que colonos de outras terras vieram

trazer-lhe. Italianos e alemães, notadamente, fixando-se em regiões que constituem, hoje legítimo padrão de orgulho, ajudaram a construir uma das faces mais poderosas da economia sulina. Agruparam-se os italianos, no princípio deste século, numa porção de terra menor do que a preferida pelos alemães, a chamada zona colonial italiana, que tem Caxias como capital, mas que ostenta braços como Bento Gonçalves, Guaporé, Farroupilha, Alfredo Chaves, topônimo hoje deformado pelo inexpressivo Veranópolis, Nova Prata, Antônio Prado, Flores da Cunha e Garibaldi. A agricultura tomou toda a atividade inicial dos primeiros núcleos, vindos do sul da Itália, e a vinificação de preferência, ao lado do trigo. Quando os desbravadores tomaram conta do chamado Campo dos Bugres, local on-

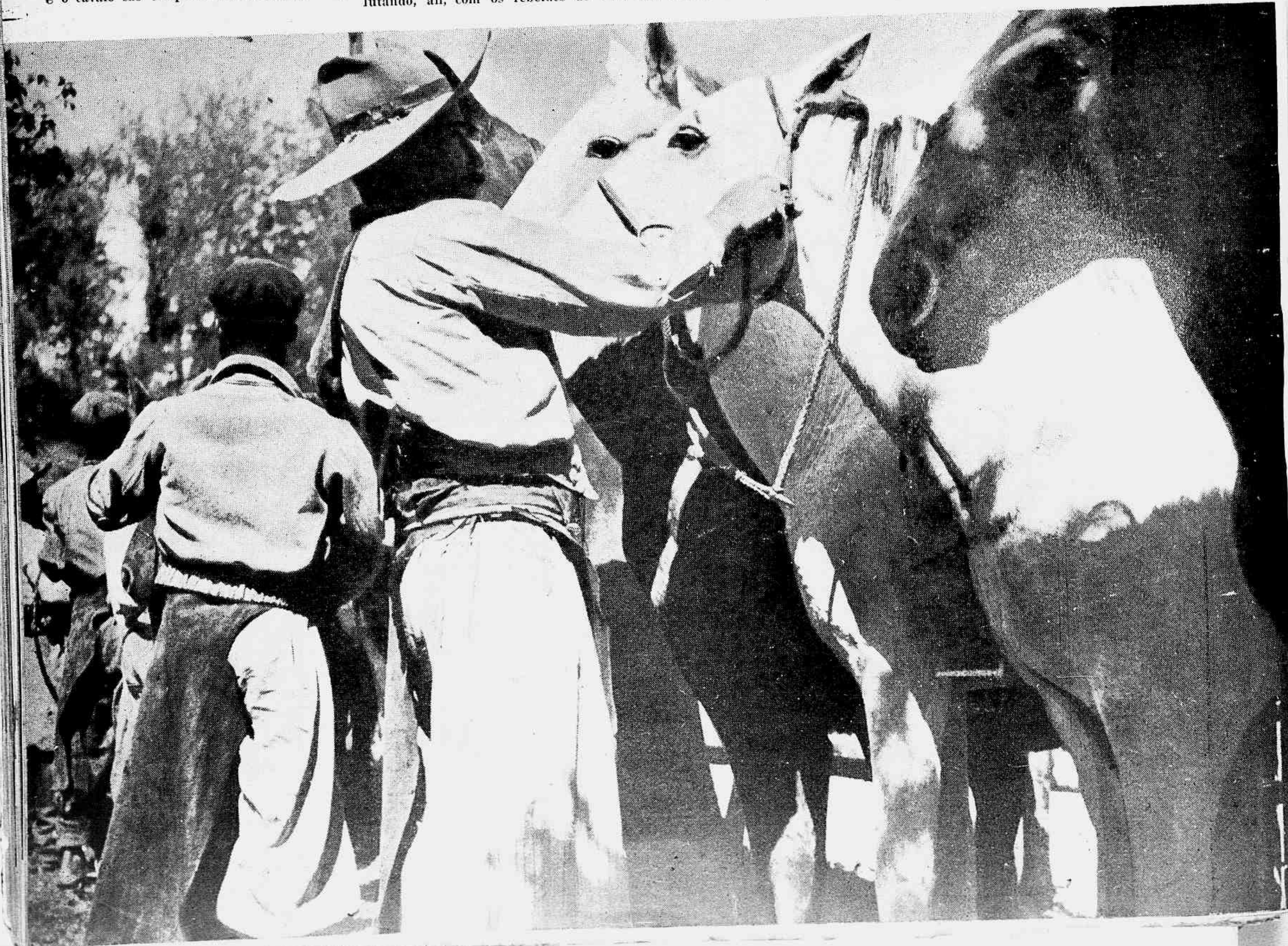


Um vaqueiro gaúcho, com um cordeiro arrebatado ao rebanho sob sua guarda, e um velho peão tocando sanfona, à sombra de uma árvore. Na página à direita: um peão tomando o "amargo" (mate sem açúcar)





EM CIMA: Num encontro, no interior do Rio Grande do Sul, os gauchos se apeiam e se sentam para calaquear, deixando que os cavalos descansem. Em baixo: o gaúcho e o cavalo são companheiros inseparáveis. Quem é mau cavaleiro, é ali chamado pejorativamente de "baiano". Lembranças, talvez, de soldados da Bahia que andaram lutando, ali, com os rebeldes de uma das muitas revoluções riograndenses





Estado singular, o Rio Grande do Sul é único, no Brasil, em que a civilização penetrou do oeste para leste. Foi com as Missões Jesuíticas que começou, na verdade, a sua colonização. As atividades agro-pecuárias são a fonte de sua economia

de hoje se ergue Caxias, eram rudimentares não apenas os meios de comunicação, mas os próprios meios de vida, os recursos da exploração do solo. A tudo isso, o trabalho superou; os juros foram bem pagos e o capital empregado teve nobre destinação. De sol a sol, o colono amanha a gleba, onde ainda hoje a mecanização é um mito. A enxada e a pá representam toda a sua equipagem, e por aí se pode avaliar a dureza da tarefa, não adstrita ao homem, mas extensiva à mulher, que a esposa, as filhas, noras e sobrinhas, todas formam a procissão que, precedendo o sol, já o saudam em plena faina agrícola. O colono italiano ergue sua casa de madeira no próprio local do trabalho. Cercada de parreirais, não tem certos requintes de comodidade que se notam na residência do colono alemão. O essencial é ter casa. Hoje, essa região se industrializou, e embora a uva continue a ser sua fonte de renda principal pela fabricação de vinhos de toda casta, outras atividades a preocupam como a metalurgia, de que é exemplo a fábrica Eberle, a

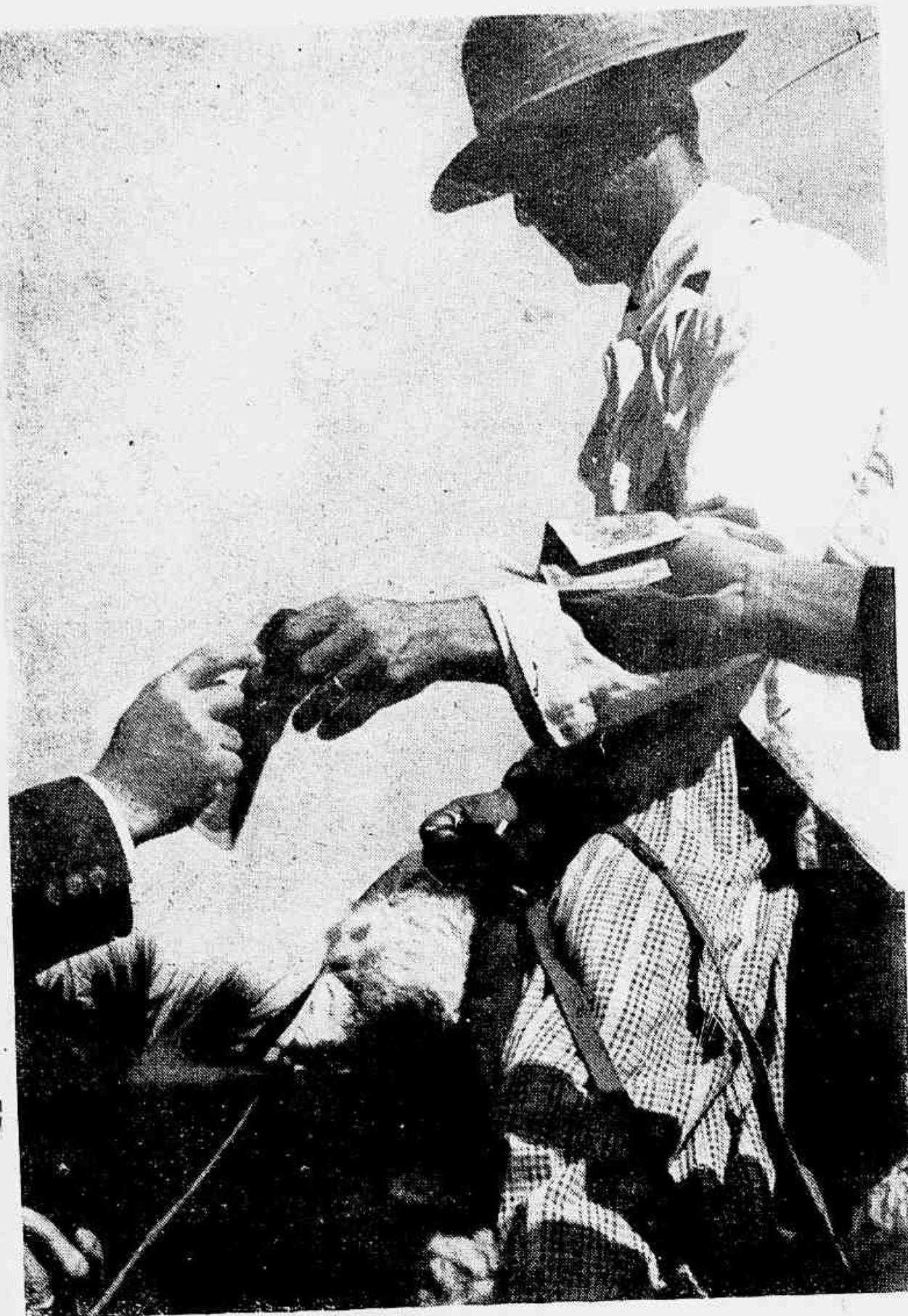
exploração da madeira e o plantio do trigo. A divisão da terra, arduamente trabalhada, constitui o êxito deste progresso, e sem medo de erro, pode se dizer, com referência a todo o Rio Grande, que essa circunstância é o índice da sua marcha ascensional.

Na zona colonial alemã, mais extensa, de vida urbana mais ativa, com preocupações de conforto notórias, não apenas para o domicílio isolado, mas para as cidades, a atividade do homem se fixou, desde 1824, quando chegaram os primeiros colonos, na indústria de laticínios, e na dos couros e na suinocultura do que propriamente no amanho da terra, embora este cuidado também seja ponderável. A lavoura do fumo, considerável em Santa Cruz, que disputa com S. Leopoldo, o primado das cidades de origem teutônica, em Venâncio Aires e outros locais, forma ao lado da cultura de cereais, mas é interessante observar que nenhuma grande extensão de trigo é vista na zona alemã. A preferência pela indústria é característica do germânico, e daí a intensidade com



Em cima: num rancho pastoreando uma manada de animais. Em baixo: nas cidades do interior do Rio Grande do Sul existem, ainda, a par dos automóveis mais modernos, alguns dos tilburis mais antiquados





Na fronteira, circulam várias moedas: a do Brasil, a do Uruguai e a da Argentina — e não há controle possível. Em baixo: um aspecto colhido no Rio Grande, para documentar a película "Caminhos do Sul", da Capital Filmes



Em cima: o contraste das pequenas cidades fronteiriças: o automóvel, símbolo do progresso, e o cavalo e as bombachas, símbolos da tradição

O GAÚCHO

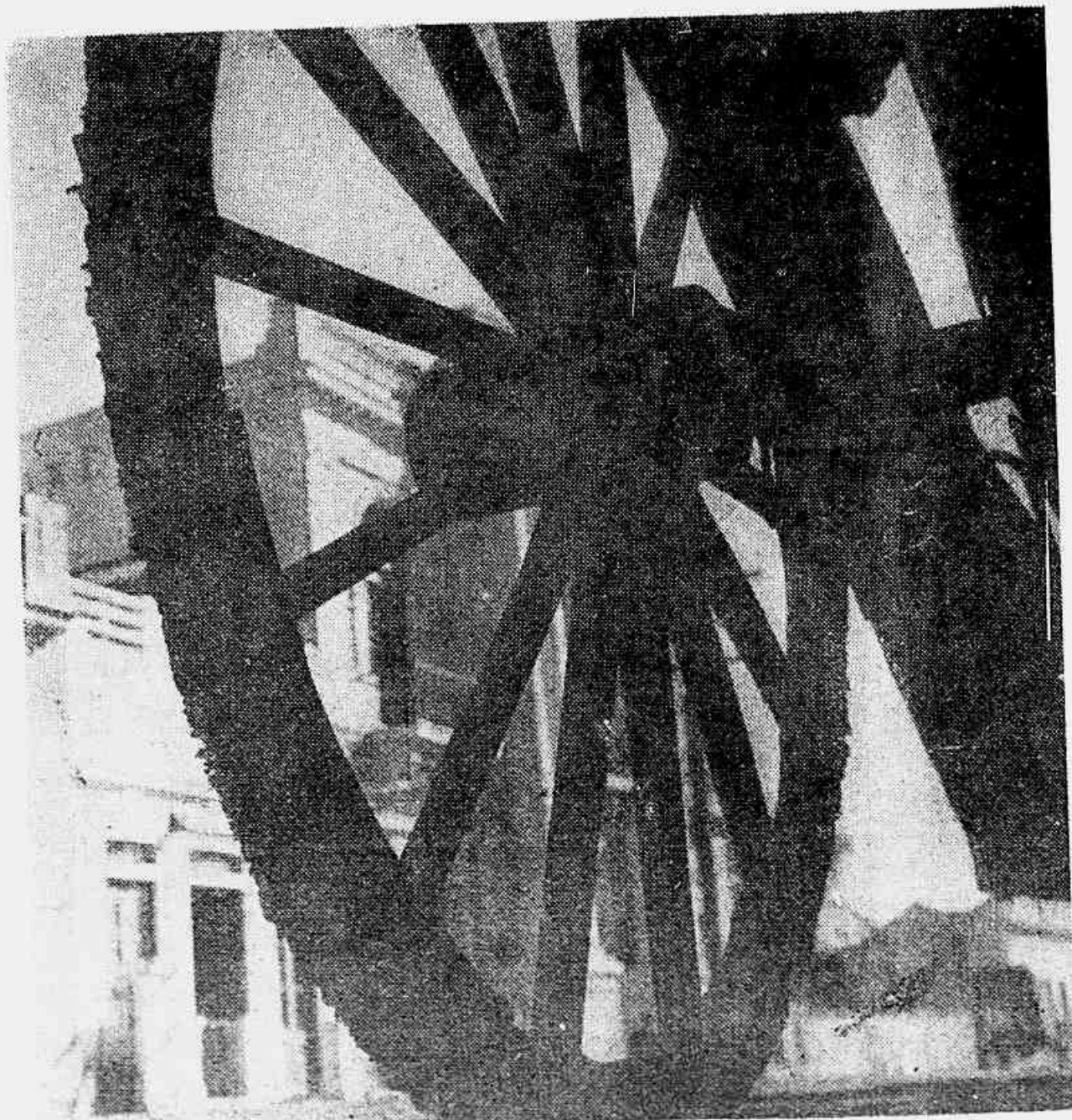
que ergueram cidades, industriais, muitas das quais avultam como padrões no cenário riograndense do sul: S. Leopoldo, Santa Cruz, Novo Hamburgo, Lageado, Estrela, Arroio do Meio, Taquara, Montenegro, Venâncio Aires, Cai, sem falar em Porto Alegre, onde parte respeitável do comércio está em mãos de descendentes de alemães, sendo igualmente forte a parcela de italianos. A indústria do couro, por exemplo, que tem em Novo Hamburgo, o município de maior intensidade populacional e de produção do Brasil, e S. Leopoldo, do qual foi desmembrado há 20 anos, o ponto mais alto da espiral, está quase totalmente à feição de descendentes de alemães.

As duas zonas oferecem, assim, característicos próprios, mas a contribuição de ambas para a riqueza do Rio Grande deflue no mesmo esforço constante e ativo. Hoje, novos municípios desfrutam os benefícios da colonização, como Carazinho e Santa Rosa, de criação autônoma mais ou menos nova, mas onde o progresso marcha com botas de sete leguas.

Mas o fundo racial do Rio Grande, a base do seu sangue generoso está no tipo que se define como gaúcho, de etnia conhecida, mistura que se galvanizou ao calor de refregas e que transplantou para o sul, fundida noutro clima e ao sabor de novas aspirações, a nobre semente da Iberia. Quem compara o homem do sul com o do norte, e Euclides fixou-lhes a diferença, sentenciando que o sertanejo, é, antes de tudo, um forte, não terá completado a análise se não estendê-la além dos limites mesóclícos em que é ordinariamente feita. Estou longe de pretender ultrapassá-los, mas é de importância acentuar que a civilização, no norte, foi e continua sendo mais ou menos litorânea: no Rio Grande, sem litoral marítimo abor-dável, ela logo se interiorizou. Feito mais tarde do que no norte, mas com maior intensidade, este contacto criou diferenças que deram, pelo trabalho e pela

(Continua na pág. 51)

Fotografia artística tirada no Rio Grande do Sul para documentar a filmagem de "Caminhos do Sul", película em produção, extraída do romance do escritor gaúcho Ivan Pedro de Martins





Mas nem tudo, no Rio Grande do Sul, é campina rasa, com rebanhos pastando, carretas movendo-se lentamente e cavaleiros em disparada. Têm os gauchos igualmente grandes, belas e prósperas cidades, como a de Porto Alegre, a capital do Estado, de cujo progresso todos se orgulham. Localizada às margens do Guaíba, é um grande porto fluvial, metrópole moderníssima e centro de intensa vida cultural. É onde viveu o grande nome da nossa literatura. Ao alto, veem-se as docas de Porto Alegre e, em baixo, um panorama aéreo da cidade



A VIDA DE WHISTLER

(JAMES ABBOT MCNEILL WHISTLER — 1834-1903)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

JAMES Abbott McNeill Whistler, quando cadete em West Point, era muito fraco em química. Um dia, num exame oral, o seu professor pediu-lhe que dissesse sobre as propriedades da sílica.

— A sílica — disse Whistler — é um gás.

— Isto me basta, sr. Whistler — gritou o examinador.

Foi sem nenhum sentimento de remorso que Whistler, por fracassar em química, se viu expulso da academia militar. "Pense nisso", disse ele muitos anos depois. "Se a sílica fosse um gás, eu me teria tornado um major-general".

Imaginemos Whistler restringido à disciplina de uma unidade militar. Imagine-mos um furacão encerrado num frasco de vidro. A vida de um soldado teria sido a última carreira do mundo para este cidadão de meia dúzia de países, indisciplinado, irreprimível, auto-suficiente e iconoclasta. Nascido na América e educado na Rússia, viveu em várias épocas na Itália e nos Países Baixos e a maior parte de sua vida na França e na Inglaterra.

Seu pai, na época do nascimento de Whistler (10 de julho de 1834) era um engenheiro civil que vivia em Lowell, Massachusetts. A natureza de seu trabalho transformou sua família numa tribo de ciganos. Estava sempre indo de Lowell, em Massachusetts, para Stonington, em Connecticut; de Stonington, em Connecticut, para Springfield, em Massachusetts; e de Springfield, em Massachusetts, para São Petersburgo, na Rússia. James tinha oito anos, quando sua família chegou a essa cidade imperial de vodka, de vaidade e de vício. Ali assimilou os elementos da religião de sua mãe, que principiava a rotina diária para seus filhos com a recitação dos Salmos, e os rudimentos de arte dos professores da Academia Imperial. Durante toda sua vida, a religião e a arte permaneceram suas duas paixões absorventes. Embora raramente frequentasse igrejas, foi sempre um profundo crente. Seu atelier era seu altar. E as telas, preces piedosas do pincel — hinos de adoração à glória e à beleza do mundo.

Sua religião, entretanto, diferente da de sua mãe, era mais pagã do que puritana. Era uma religião alegre. Nos dias claros ou no mau tempo, nos breves momentos de prosperidade, tanto quanto nos longos dias de fome, usava esta alegria como uma flor na lapela. Sua alegria e seus conhecimentos. Uma sinfonia em preto e branco. Como tantos de seus quadros, Whistler foi um dos supremos satíricos e ao mesmo tempo um dos filósofos mais observadores do século dezenove. Os satíricos, lembra-nos Gilbert K. Chesterton, são as pessoas mais sérias do mundo.

As mais sérias e as mais impopulares. Mesmo quando criança, escandalizava os oficiais russos e causava à mãe uma ansiedade sem fim com sua verbosidade e seu riso cínico, que feria a vaidade dos que o ouviam como a repentina explosão de bombas de fogo. Sua mãe prevenia-o de que perderia amigos com este cinismo exagerado. "Quem se importa com tais amigos?" retorquia, enquanto sua mãe meneava a cabeça. Não havia obstáculo para o espírito ultra-brincalhão de seu filho.

O espírito ultra-brincalhão era a sua característica mais notável no Pomphret School, em Connecticut, para onde sua família voltara, depois da morte de seu pai, em 1849. Era sua característica principal em West Point.

— O que! — gritava o professor de História. — Então vai me dizer que não sabe a data da Batalha de Buena Vista? Suponhamos que fosse a um jantar e a conversa se encaminhasse para a Guerra do México, e suponhamos que alguém perguntasse a você, um cadete de West Point, a data da Batalha de Buena Vista? Que faria?

— O que faria? — replicou Whistler. — Ora, nada teria de fazer com pessoas que falassem sobre tais coisas à mesa do jantar.

— Boa resolução — exclamaram as autoridades de West Point, quando Whistler foi expulso da Academia. — E' inútil tentar fazer um soldado de um jovem com um senso de humor como este!

II

Por algum tempo trabalhou como gravador de mapas no Escritório Geodésico dos Estados Unidos. Mas entremeava os desenhos geográficos com as caricaturas de seus superiores. Mandaram-no embora. Disseram-lhe, nos Estados Unidos, que só havia um lugar conveniente para um indivíduo tão estranho quanto ele — a cidade de Paris.

Foi para Paris. Levou sua alegria ao mais alegre de todos os lugares, o Bairro Latino, e tornou-se logo o seu guia — o sem-cerimonioso mestre de cerimônias da vagabundagem boêmia, a "brigada sem camisa". Alugando um quarto num sexto andar, "empenhava o casaco e comia o lavatório e o guarda-roupa", como explicou a um amigo solícito; vestia-se como ninguém mais, flertava com as grisettes, conduzia as danças nos bailes de estudantes e ganhava a reputação de ser o "Aprendiz Vadio dos pequenos Ociosos Parisienses". Mas esta reputação era inmerecida porque Whistler adorava pintar tanto quanto se divertir. Com sua larga blusa preta, seu chapéu de feltro de abas largas na mão, seria capaz de sentar-se durante horas no Louvre, diante de um quadro de Velasquez, assimilando, medindo cada linha, analisando cada matiz, decorando a sua beleza. Foi durante esses anos que Whistler adquiriu sua prodigiosa memória visual. Conhecía de cor um quadro de Velasquez, exatamente como um Toscanini sabe de cor toda uma sinfonia de Beethoven. Aprendera a transcrever de memória cada sutileza técnica e cada gradação de tons dos quadros que estudou no Louvre. E fez cópias perfeitas de alguns desses quadros — cópias que dificilmente se distinguem do original.

Não era, entretanto, como copista que Whistler estava ansioso por triunfar. Porque o seu gênio era individual, nada convencional, único. Mesmo em seus primeiros quadros, *Ao Piano* e *A Menina de Branco*, por exemplo, achamos esse traço individualista que faz um quadro de Whistler tão diferente de qualquer outro quadro do mundo. Ao

musselina branca e o triste rosto branco da jovem, a manta branca, o cabelo vermelho, a caixa branca laqueada sobre a chaminé e um raminho de azáleas avermelhadas que servem na tela de arranjo decorativo. Há também no quadro manchas de outras cores — um vaso azul e branco sobre a manta e um leque japonês de várias tonalidades que a moça segura com o braço estendido. Mas o branco e o vermelho predominam. Quando Swinburne viu *A Menina de Branco* pela primeira vez, foi movido a traduzir em palavras a constante impressão deste quadro:

Come snow, come wind or thunder.
High up in the air
I watch my face and wonder
At my bright hair.
Naught else exalts or grieves
The rose at heart that heaves
With love of our own leaves, and lips that pair.

I cannot tell what pleasures
Or what pains were,
What pale new loves and treasures
New years will bear,
What beam will fall, what shower
Whit grief or joy for dower.
But one thing knows the flower, the flower is fair. (*)

Whistler ficou profundamente comovido com esta homenagem, e escreveu os versos sobre a moldura do quadro. "Observo meu rosto e admiro meu cabelo lustroso". Isso, numa frase, é a chave para a arte de Whistler — a Natureza contemplando-se num espelho e contendo a respiração com o reflexo da própria beleza.

III

O mundo acadêmico foi lento em aceitar o gênio de Whistler. Recusado pelo Salão de Paris, foi obrigado, primeiro, a exibir seus quadros no Salão des Refusés. Ali estava em boa companhia. Lado a lado com seus próprios quadros, ficavam os de alguns dos maiores artistas franceses, cujo trabalho os acadêmicos não possuíam competência necessária para compreender. A exibição dos *Recusados* foi artisticamente, se não financeiramente, cheia de sucesso. Napoleão III apadrinhou-a e a Imperatriz Eugênia e toda a corte vieram vê-la.

Whistler começava agora a ser reconhecido em Paris como um pintor fora do comum, embora incompreensível. Mas, enquanto seus ouvidos se enchiam de louvores, seus bolsos continuavam vazios. Decidiu procurar fortuna em Londres.

Sua chegada a Londres foi um sucesso. Sua alegria dissipava as neblinas de Londres e assustava os londrinos. Não podiam compreender sua arte, sua personalidade, nem suas roupas. Ficaram escandalizados numa manhã de verão, quando ele apareceu nas ruas com dois guarda-chuvas — um branco e um preto. Quando lhe pediram uma explicação, disse que contra o tempo traiçoeiro de Londres queria ser protegido tanto contra possíveis raios de sol como prováveis chuvas. Chamavam-no saltimbanco charlatão, poseur. Era todas estas coisas, mas era também um pintor magnífico. E em seus quadros nada havia de charlatanismo. Na realidade, aqueles que o conheciam mais intimamente insistiam que era insincero em seu comportamento para conseguir de um mundo indiferente que apreciasse a insinceridade de sua arte.

E, depois de algum tempo, conseguiu vencer. No princípio o povo ria de suas excentricidades. Apontavam-no como um dos personagens de Londres — um personagem que parecia ter saído das páginas de um romance de Dickens. Caçoavam de seu chapéu, colocado no alto da cabeça grande de mais, sua bengala comprida de bambu, parecendo uma cana de pescar, seu traje de noite no teatro, sem gravata mas limpo, seu cacho de cabelo branco que penteava e torcia numa altura exagerada. Vinham a suas exposições, nas quais ele se empenhava com uma pomposidade demonstrada, meio rei e meio palhaço. E pouco a pouco os olhares se voltaram do estranho artista para sua estranha arte. Estranha, mas sincera. Estranhamente sincera. Aumentando a sinceridade.

(Continua na pág. 54)



WHISTLER

(*) Venha vento, neve ou tempestade, lá no alto, bem no ar. Olho o meu rosto e me assombro do brilho dos meus cabelos. Nada mais exalta, nada mais aflige a rosa do coração, que palpita por nossa ausência e por nossos lábios que se unem.

Não posso dizer que prazeres ou que dores passaram. Ou que pálidos novos amores, que tesouros o ano novo trará. Não sabe a flor o que virá com o sol ou a chuva, alegria ou pesar, mas uma coisa ela sabe, a flor é bela.



Para a tarde é este elegante modelo em seda clara com estampados vivos. Blusa drapeada com traspasse, sala reta. Criação de Pierre Balmain

UM TRABALHO A REALIZAR

HA infelizmente, entre nós, uma certa indiferença por tudo o que não nos atinja diretamente. Em geral a mulher, mesmo a de excelentes condições financeiras, não se preocupa em olhar ao redor e tentar fazer "alguma coisa". Basta-lhe saber que o guarda-roupa está cheio; os chapéus representam as últimas novidades, e os sapatos também estão em dia com a moda. Enchem o tempo com cabeleireiros, manicures, amigas, cinemas, "cocktails", "pliff-puffs", etc. Que se cuidem, amigas, que se embelezem, que se divirtam, que andem na moda, enfim, que façam tudo o que a sua situação lhes permita, mas que dediquem também alguns minutos e alguns cruzeiros à realização de alguma coisa útil aos seus semelhantes. Sem grande prejuízo de tempo e dinheiro, poderia, a par das suas costumeiras atividades, contribuir para que a outros menos privilegiados fosse levado um pouco de amor e conforto. Há, por exemplo, uma campanha que está exigindo a colaboração de todos; é a Campanha Nacional da Criança. Melhor maneira de se empregar tempo e dinheiro não poderá existir do que essa de se auxiliar o governo a reduzir a mortalidade infantil, a dar maior assistência às mães e aos filhos necessitados, a de aliviar tanta miséria existente por aí. Num país como o nosso, onde a criança foi sempre tão esquecida e abandonada, um movimento desta natureza deveria, forçosamente, congrega todos os

brasileiros e despertar naqueles que desfrutaram uma situação melhor, o espírito de solidariedade, o sentimento de humanidade que levariam a campanha a um êxito completo.

Há muita descrença, é verdade, nos projetos dessa natureza; há, porém, nessa descrença uma desculpa para fugir à própria participação, à própria responsabilidade. Muitos dizem não colaborar por não acreditarem nas boas intenções daqueles que se comprometem a realizar uma obra como esta. Há, no entanto, nessas declarações a visível intenção de "tirar o corpo fora", de negar o seu auxílio, de não cooperar, seja de que maneira for. Desta vez, julgamos, é bom acreditar. Uma campanha de tão grande interesse para a nação, não poderia ficar em projeto. Ela já tomou forma, mas não pode prescindir da ajuda de todos. A desculpa, portanto, já não vale; mesmo porque, com o nosso apoio deixaremos os organizadores da campanha em situação de não poder fracassar... Cabe às mulheres importante papel nessa campanha; que sacudam um pouco a sua indiferença, que dediquem um pouco do seu tempo e dinheiro auxiliando o combate à miséria, às doenças, à morte, a todos os males, enfim, que atinjam a essa tão abandonada criança do Brasil. E, ao se olharem no espelho, talvez pareçam até mais bonitas, porque haverá em seus olhares o reflexo da bondade e nos seus sorrisos a certeza de haverem "feito alguma coisa"...

O. B.

NOS BASTIDORES FEMININOS



A GRANDE RAQUEL

Jornal ou revista que contem com a colaboração de Raquel de Queiroz, têm milhares de leitores garantidos por este Brasil a fora. Gente que a acompanha através da imprensa, como devoto seguindo procissão, como menino acompanhando filme em série. E a confraria dos amigos de Raquel é tão unida que uns telefonam aos outros: — "Você leu aquela crônica assim, assim? Não leu? Pois eu vou recortá-la para você".

A esse número pertencia Monteiro Lobato: chamava-a, simplesmente, "gênio". Depois disso, que podemos dizer nós outros? Nada. E' só lê-la, humildes e caladinhos. Nem tentativa de ninguém para imitá-la, porque quem tem o vício daquele jeito especial de narrar, de descrever, de xingar, sabe que o estilo da cearense é só dela. Como a risada. Como o ritmo da fala. Como a incrível simplicidade.

Começou a escrever aos dezoito anos. E fez logo um livro que havia de ficar entre os maiores daquele ciclo literário: "O Quinze". Tão original, tão rico, tão revolucionário, que os donos da literatura provinciana resolveram destruí-lo em três penadas. Por sinal que o crítico mais impiedoso da mocinha romancista foi um sujeito que usava o nome de Mário de Andrade, mas tinha a honestidade de esclarecer o público, acrescentando "do Norte". E Raquel era tão simples, tão humilde, que se julgou fracassada na primeira tentativa literária.

Acontece que o livrinho chegou ao Rio: fizeram rodas para disputá-lo de mão em mão: os mestres da crítica nacional acharam que aquilo era uma obra-prima e não podia morrer no Ceará. O verdadeiro Mário de Andrade disse dele o que de melhor se podia dizer de um autor novo: José Olímpio propôs um contrato de edição: e Graca Aranha o premiou como a melhor obra publicada no Brasil naquele ano. Aos dezoito anos, Raquel de Queiroz chegara onde muita gente não chega aos cinquenta. E desde então não parou. "João Miguel", "Caminho de Pedras", "As Três Marias", são os marcos de sua obra de ficção. Ficção, aliás, é modo de dizer, porque a grande força da nossa maior escritora é exatamente a verdade humana e social das suas criaturas, das suas paisagens, das suas histórias.

Daf, dessa capacidade de misturar arte e realidade, vem essa maravilha que é Raquel cronista. O fato mais pequenino, a coisa mais banal, às vezes a coisa mais fútil, na pena dessa moça se transfigura, se enche de força, abre as idéias da gente sobre coisas antes escondidas. De uma outra romancista que entrevistei para esta coluna, ouvi há poucos dias: — Nos anos que sucederam a guerra, li muitos livros antigos e modernos; entretanto, de todas aquelas leituras, a impressão mais forte que me ficou, a que até hoje perdura, foi a série de artigos políticos de Raquel de Queiroz.

O ministro José Linhares ganhou muitos discursos, muitas homenagens, muitas saudações pomposas quando era presidente: mas de tudo o que mais o comoveu, o que recortou amorosamente e guardou no arquivo das preciosidades, foi aquela crônica de Raquel, em "O Jornal", a crônica evocativa da paisagem cearense, com seu inverno rápido, seu verde efêmero e aquelas "cercas de rosa mole" que até hoje ficam perfumando a memória dos não-cearenses.

Essas crônicas foram agora reunidas num livro. "A donzela e a moura torta", sucesso de livraria garantido como os "Três romances". Mas estamos esperando algumas promessas antigas: um drama sobre Lampião, um romance chamado "Aleluia", que há muitos anos foi anunciado. Quando virão?

Não vou contar que Raquel mora na Ilha do Governador, porque todo mundo sabe que pela ilha, e especialmente pela "Cova da Onça", Raquel briga com Deus e o mundo. Direi que é uma grande cozinheira e que se orgulha de suas receitas, como a mais simples das donas de casa. E que grande dona de casa ela é, recebendo os amigos como se os recebesse no coração.

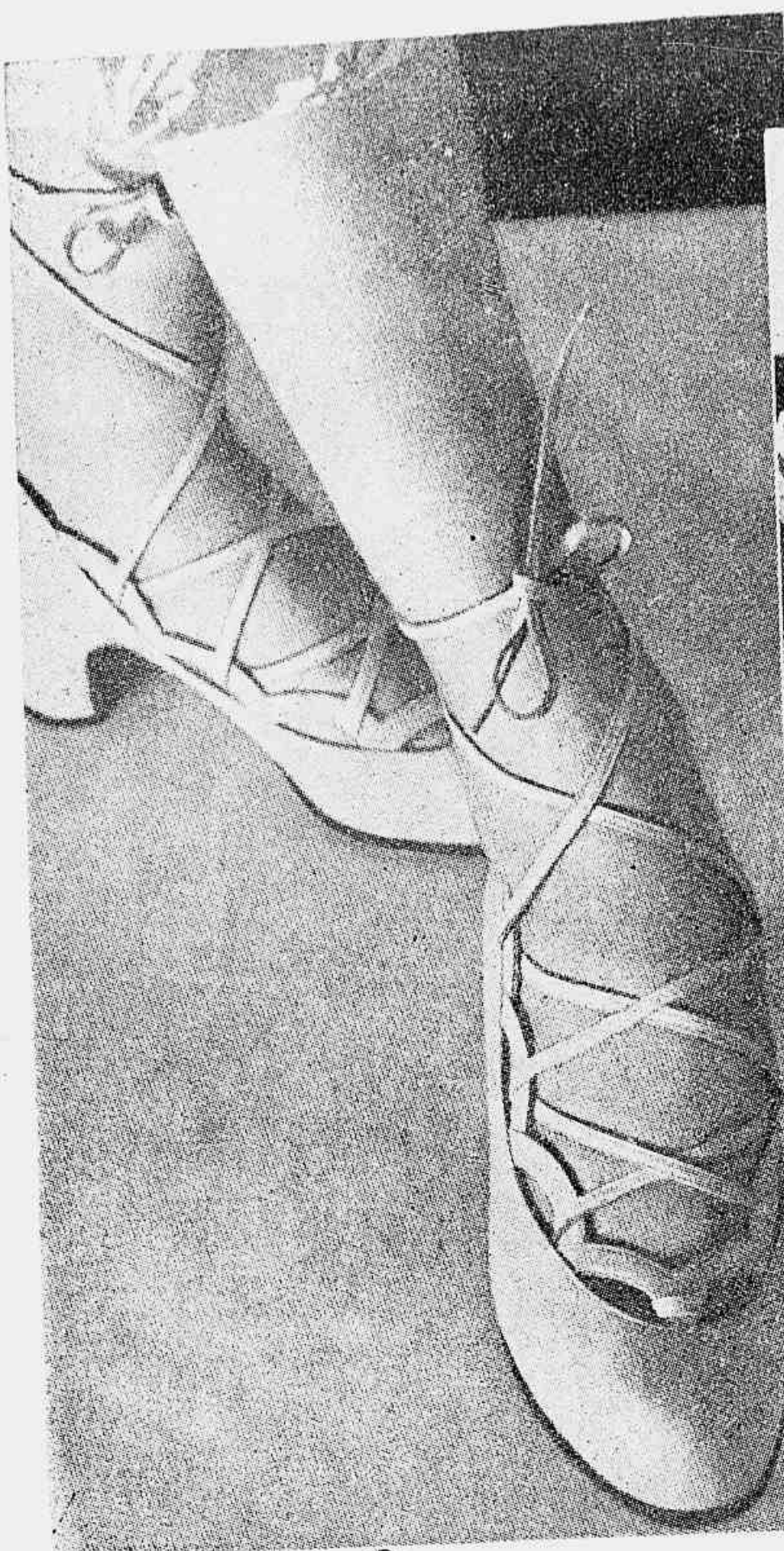
Mas preciso dizer que ela foi, no Ceará, uma jornalista de tempera, tão corajosa e independente que mereceu as honras do xadrez em prisão especial, durante o Estado Novo. Aliás, ainda agora, ela investe com a mesma bravura contra os deuses de barro e os homens de lama. E leva, pelo talento, uma vantagem sobre a maioria: numa frase, às vezes numa palavra, atinge em cheio o alvo.

Devem-lhe muito os negros brasileiros: foi ela a pioneira e tem sido um soldado ativo na luta contra os preconceitos de raça que andamos copiando dos americanos. A propósito, certa carta aberta ao diretor da Telefônica, sobre a moça Vitória, a jovem negra que queria ser telefonista, foi a coisa mais bonita que já se escreveu contra o arianismo caboclo.

E agora, voltando a Monteiro Lobato: adolescente, nos longos serões da fazenda paterna, Raquel o encontrou e dele se embebou.

Será de mais dizer que essas longas leituras foram uma sementeira?

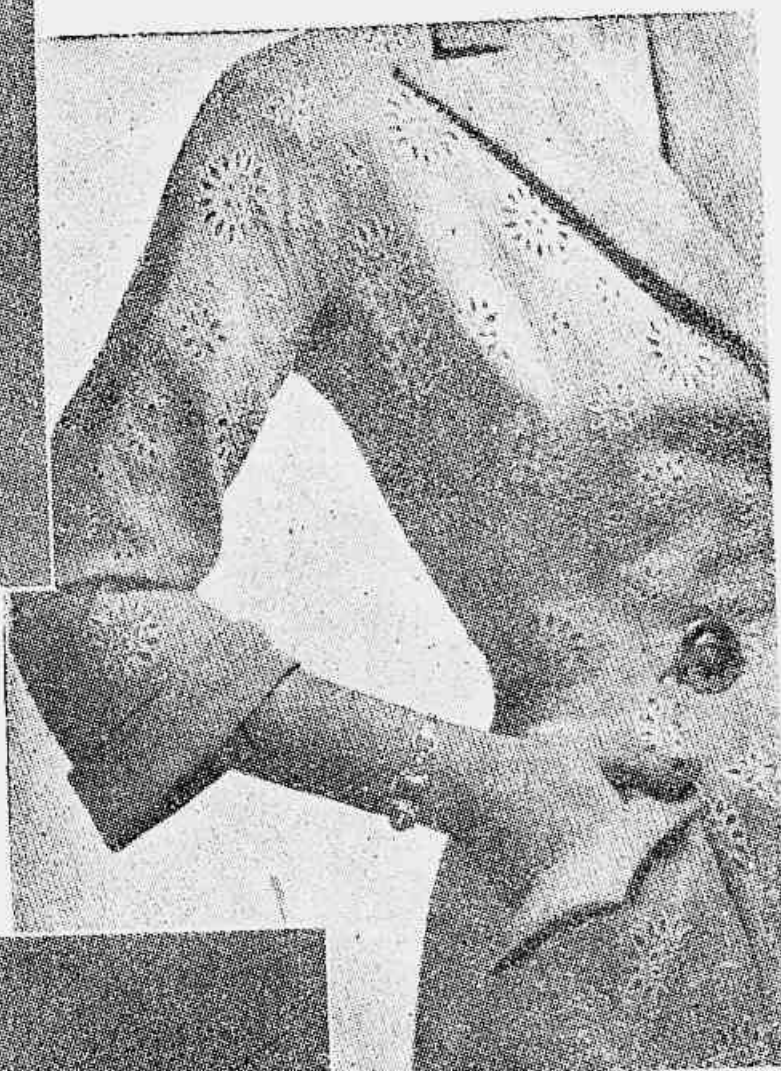
Sarah Marques



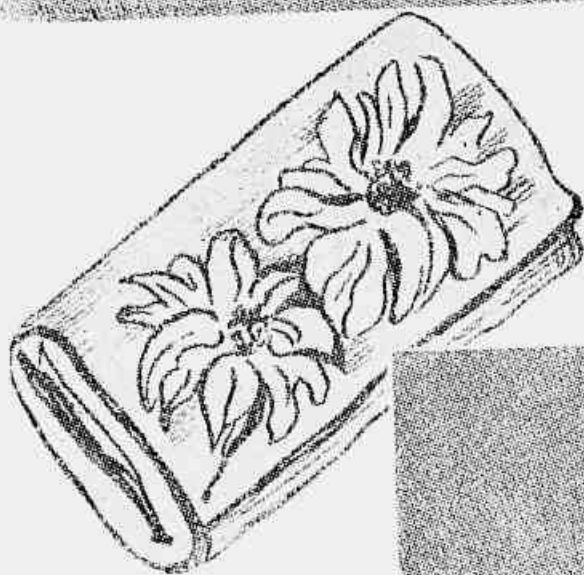
A direita: Para a próxima estação, a primavera, aqui está um moderníssimo sapato branco, ideal para vestidos estampados



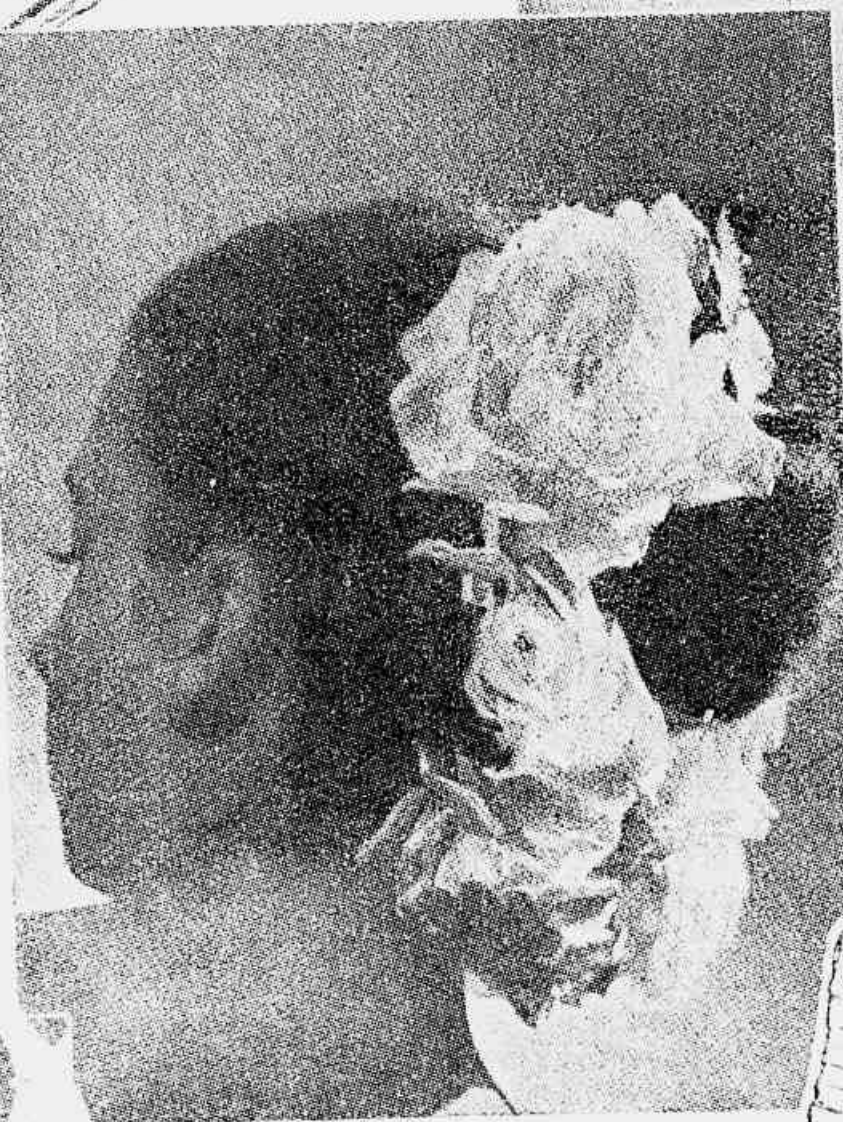
Um "tailleur" austero adquire mais feminilidade com esta belíssima gola de organdi e renda



Um jaqueta de linho rosa bordado à inglesa, poderá ser usada com uma saia preta, compondo um elegante conjunto para passeio



Sobre uma bolsa de "taille" preto, são aplicadas grandes flores em cores vivas. Em baixo: para o seu modelo esportivo, bolsos de aba dupla, com botões em madeira



Ao alto: Para uma festa à noite, coroa de rosas enfeitando os cabelos. A direita: blusa muito vaporosa em organdi, com pala de renda e pregas horizontais



DETALHES E NOVIDADES

Chapert's PRIMAVERIS



JANE
BLANCHOT



FLORENCE



Arlene Dahl (M.G.M.)



MAUD ET NANO



SYGUR



LE MONNIER

Sugestões de Paris



ROBERT PIGUET

O bolero dá um "ar" bastante **habillé** a este modelo de Robert Piguet, em crepe de seda preto, com saia muito ampla e o corpete, muito justo, em **piqué** de seda

DE Paris aqui estão alguns novos e elegantísimos modelos. São modelos sóbrios e de grande elegância, próprios para passeio e seguem à risca o que há de mais moderno dentro do tão discutido "new-look".



JEANNE LANVIN

À esquerda, "duas-peças" em **faille** cinza com **pois** negros, bordados. Jaqueta abotoando com um só botão. Saia **godet**. À direita, modelo em seda rosa com grandes pastilhas brancas. Corpo longo, saia **godet** e franzida



VERA BOREA

Um elegante **tailleur** executado em **albéne** branco, estampado com ramagens pretas. A saia é de linhas retas. O casaco forma drapeado dos lados, imitando bolsos. Cintura justa, gola de **smocking** e botões do mesmo tecido



JACQUES GRIFFE

O **tailleur** de Jacques Griffe é em otomano preto ou marinho, completado por gola de fustão branco com viés vermelho. A jaqueta, muito justa na cintura, é arredondada sobre os quadris e um pouco mais longa atrás. Saia **godet**



MARCELLE MORMOY

Um modelo clássico, para a primavera e verão. É executado em **surah** rosa com pastilhas brancas. A blusa abotoa na frente e tem mangas japonesas, com ombros arredondados. Cinto de verniz preto. Saia formando pregas



JACQUES HEIM

Modêlo em sêda rosa com **pois** pretos. O bolero é de grande originalidade, pois é muito mais longo atrás, terminando quase em ponta. Na frente, é arrematado por grande laço de veludo negro. A saia é feita em **godet**



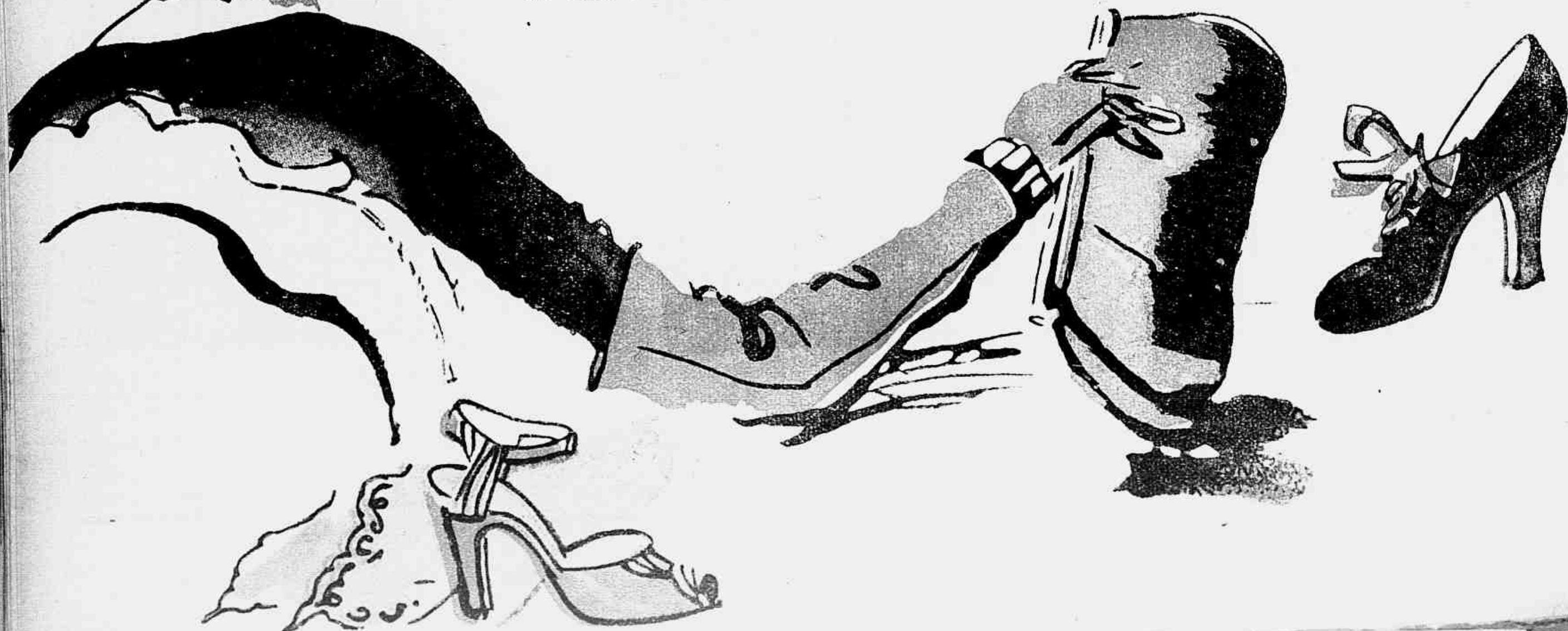
PAQUIN

Eis o **tailleur** clássico, para toda hora. O casaco é longo, com cinto do mesmo tecido. Quatro botões fingem abotoar os quatro bolsos. A saia é feita em panos enviesados, com costuras internas e externas, dando idéia de **plissé**



Para o seu vestido preto

Pouquíssimas são aquelas que não tenham no guarda-roupa pelo menos um vestido preto. E, pouquíssimas são também as que não tenham tido a idéia de alegrá-lo, de vez em quando, com um detalhe vivo. Para essas, sugerimos, nestas páginas, uma gola em organdi branco, acompanhando o decote. Longas luvas de camurça verde, bolsas e sapatos da mesma cor; colares de grandes contas, em tons vivos, como o amarelo, o coral, etc. Cintos, luvas, "palastrons", em tons contrastantes. Jóias vistosas, chapéus com enfeites em cores vivas, etc. Como vêem, muito se pode fazer para alegrar um vestido preto.





TAMBÉM os modelos para a noite sofrem a influência desse trimestre florido. Os modelos são mais vaporosos e, em geral, em tonalidades claras. Ao alto, à esquerda: Elegantíssimo modelo em tafetá branco, com tule negro. À direita: De Jacques Fath, corpete em cetim bordado e pedrarias. Saia de "tulle". Em baixo: De Christina Dior, modelo em "tulle" azul-céu. Ramos de rosas caem da cintura até quase a barra da saia.

NOITES DE PRIMAVERA



CONSELHO DIFÍCIL DE DAR

Nunca me senti em tamanha dificuldade como diante da resposta que devo dar a você, minha cara Luiza Maria.

Há casos em que um simples conselho pode ser tão importante, tão decisivo, que precisamos refletir muito, antes de esboçá-lo, mesmo levemente. Não por temor à responsabilidade, mas, principalmente, porque o desconhecimento de vários importantes fatores impossibilita um mais completo julgamento. Todos nós sabemos o que é certo, em linhas gerais; mas nem sempre a regra pode aplicar-se a certas exceções, como parece ser o seu caso.

Luiza Maria, se estivéssemos perto e pudéssemos conversar, creio que da sua pessoa me viriam as sugestões para o que mais lhe conviria fazer, segundo as suas tendências e possibilidades. Assim de longe, será sempre uma opinião imperfeita a que lhe posso dar. Em todo caso, lá vai ela, inspirada por uma enorme boa vontade e pelo desejo sincero de ajudá-la.

Não é bem verdade que a mulher esteja, na sua situação, num dilema inevitável, entre a solidão e a vida dissoluta, principalmente porque a pior solidão está justamente na vida dissoluta, em que o comércio com muitos corpos serve apenas para maior ausência de todos os bons sentimentos humanos. O dilema, portanto, o dilema autêntico, está entre a solidão e a própria solidão, que nos cerca por todos os lados. Por mais temperamental que seja a mulher (a não ser em casos patológicos), nunca a solidão será resolvida pela solução do problema meramente físico. Este é apenas uma projeção do mais vasto problema da individualidade, em seus atributos espirituais e afetivos.

Caindo na solidão pura e simples, Luiza Maria, você está caindo no âmago do problema que não é apenas seu, mas de muitas mulheres e muitos homens. Em vez de julgar a dissolução uma saída, considere-a apenas como a pior das chaves para a mesma onipresente solidão. Contra esta é que você precisa aprender a lutar, minha cara. E essa luta está sendo travada ao mesmo tempo por milhares de criaturas dos dois sexos, nem sempre com bons resultados...

Não posso dar-lhe uma receita tipo Dale Carnegie para conjurar a solidão, porque essa receita não existe. Gostaria de vê-la em pessoa, pois assim teria melhor idéia do que lhe provoca, principalmente, essa sensação de isolamento. Se as condições que realmente a cercam, se o seu egoísmo, se a sua imaginação...

Por isso, o mais que lhe posso recomendar aqui é um exame de si mesma, de seu passado, e do seu presente, para averiguar melhor a origem dessa melancolia que a abate e que a impede de ligar-se a outras criaturas por laços menos superficiais. Você me dá a entender que se sente culpada, e que essa culpa faz com que se sinta pouco à vontade perto dos outros.

Não creio que a base de seu isolamento esteja aí. Creio, sim, que seja essa ânsia de comunicação que a levou aos erros que cometeu, na ilusão de que através da carne poderia encontrar-se em outrem. Mas só existe entendimento no plano espiritual. Luiza Maria, quando nos conseguimos desprender do desejo, da ânsia de dominar, de possuir, e de todos os egoísmos, ao mesmo tempo que outra criatura. Abençoada é a afeição que assim se forma, — mas tão difícil, tão difícil!

Impossível aconselhá-la sobre os pormenores que aventa. Prefiro esperar que leia o que lhe digo nestas breves linhas, e que depois de lê-las você novamente me escreva, para que através da sua reação eu possa avaliar melhor o terreno que estou pisando, e que boas idéias nele serão possível se-mear.

Afetuosamente,

Confidente



HORROR AOS HOTEIS

Katherine Mansfield, que, enferma, perambulava pela Europa, especialmente pela França e pela Suíça, à procura de clima melhor que o de Londres, anotou nas suas "Cartas":

"Ah, os hotéis! Os hotéis desconhecidos! Que horror!... A careta com que temos que agradecer cada serviço e as frases eternas: 'Quer fazer o favor de mandar-me a correspondência logo que chegar?'... E as camas desconhecidas e as pessoas que se encontram no corredor, indo e vindo dos lavados!... Oh, como eu odeio os hotéis! Tenho a certeza de que hei de acabar por morrer num. Na minha frente terei um pano de croché a cobrir uma mesa. Apanharei do chão um grampo esquecido pela hóspede que me antecedeu... e morrerei de pausa! Chega a ser curioso: gostando, como gosto, de quartos confortáveis, de cores bonitas, de móveis conhecidos, andar sempre de um lado para outro, metida em quartos forrados de papel com pássaros desenhados, com flores, com pequenas urnas de onde saem montões de fitas, — por quartos com móveis de palhinha ou de vime e cortinas de renda feitas à máquina... E a claridade que entra pelas janelas? Claridade horrível, que chega a toda parte e nos dá a impressão de não haver um cantinho sequer onde nos possamos esconder!"

A FORÇA DE DICKENS

Conceito de Katherine Mansfield, nas "Cartas", sobre o romancista inglês Charles Dickens, dirigindo-se a Lady Ottoline Morrell:

"Não é verdade que 'David Copperfield' é um livro adorável? Gosto da própria Dora e de sua amiga Júlia. E' tão animada! Enternece-me tanto! Charles Dickens apresenta os homens mesquinhos ainda mais mesquinhos, não é verdade?"

MONTE-CARLO, PARAISO DO JOGO

São estas as impressões de Katherine Mansfield sobre Monte-Carlo, em carta a seu marido, J. M. Murray, datada de fevereiro de 1920:

"Evidentemente tudo aqui é artificial. Não há vestígio de imaginação em parte alguma. Monte-Carlo é verdadeiramente a imagem do inferno. E' a terra mais limpa e mais polida que já vi em dias de minha vida. As vilas são enormes, quase todas ornamentadas com torres sinistras. Há alpendres atufalhados de papoilas enormes e as rosas, mais os gerânios, são aos montões. Não se encontra uma loja que não seja um 'magazin de luxe': roupas, perfumes, cosméticos. — isto sem falar das casas de penhores e das confeitarias. As salas de jogo são o quartel general do Diabo. Em pleno dia têm as janelas fechadas e a luz elétrica acesa. Nos degraus da entrada há um tapete onde desfila um cortejo contínuo de prostitutas, de alcoviteiras, de governantes com luvas de algodão, de judeus, de megeras, de velhos com a cabeça completamente branca, respirando fundo para subir as escadas, de capitalistas gordos, de mulheres que se fingem de crianças... Perto das salas de jogo existe um enorme café ao ar livre, o famoso Café de Paris, onde verdadeiros diabos, escondendo a cauda debaixo do avental, se amaldiçoam entre si, enquanto vendem bebidas. E' neste café que vêm sentar-se os 'condenados'. Ninguém me tinha falado de Monte-Carlo e não podia imaginar que existisse um lugar assim. Agora, desejo ver o que se passa nas salas de jogo. E' horrível, mas fascina-me..."

OS FRANCESES E O DINHEIRO...

Numa carta escrita na França, a 2 de fevereiro de 1921, dizia Katherine Mansfield:

"Sinto-me terrivelmente mal disposta para com tudo quanto me cerca. Refiro-me tanto à terra como à gente francesa. E' ignóbil a vida aqui. Só se pensa em dinheiro. Só se vive para o dinheiro. Quando leio Balzac sinto sempre esta mesma irritação, porque, na sua opinião, o dinheiro é o que importa. Afinal, ele tem razão. E' essa a opinião de todos os franceses. Só queria que esta velha e detestável Riviera caísse ao mar! Dá-me a impressão de uma exposição onde fosse preciso pagar o bilhete cada vez que se dá uma volta. Desde que cheguei não faço outra coisa senão pagar."

A PORTA GIGANTE...

Referindo-se à porta monumental do Hotel The-lusson, notável pelo mau gosto de seus interiores, dizia a atriz Sophie Arnould:

— E' uma enorme boca que se abre apenas para dizer uma tolice...

MORTE DE RAINHA

Maria Antonieta, a caminho do cadafalso, disse à multidão curiosa que se comprimia para assistir à execução:

— Minhas dificuldades estão terminando... As vossas agora é que vão começar...

INFLUÊNCIA

Talvez nenhum livro americano tenha tido o poder de comover de tal forma o mundo como "A cabana do pai Tomaz". Tendo sido traduzido para várias línguas, encontrou em todos os países a mesma frenética acolhida. No São, uma senhora da corte, depois de o ter lido, libertou seus cento e vinte escravos. E declarou que seu maior desejo era o de ter um coração tão grande como o da autora de tal livro.

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA)



E A
Pin



Com ela os vestidos alegres e juvenis, em tecidos claros e vistosos bordados com os que aqui apresentamos: — À esquerda: De Christian Dior, modelo em popeline creme, enriquecido por um bordado de ouro. Grandes bolsos na saia. A direita, Marggy Rouff apresentou na sua coleção de primavera este juvenil modelo em bordado inglês. Chapéu de "faillie" branco. Em baixo: Em "shantung" amarelo canário, com pregas de alto a baixo. Criação de Lucien Lelong. E voltam também com a primavera as cassas e os organdis... Para "garden-party", ou outras festas da época, dois modelos, um de Workh e outro de Bruyere. O primeiro em "cassa" branca com babados e enfeitado de fita e cetim marinho com "pois" brancos. O segundo em organdi estampado, faixa de "gros-grain"



EXCESSO OU FALTA DE CARINHO

Conta uma anedota que um médico pediatra, depois de examinar por vários dias uma criança de aparência enferrujada numa creche, escreveu textualmente: "Uma dose de carinho — q. s. (isto é, quanto baste) — de três em três horas".

Compreendera o atilado facultativo que a deficiência da criança enferrujada não tinha base numa simples avitaminose ou descalcificação, mas numa necessidade humana de afeto e estímulo, coisas que os mais científicos cuidados médicos não podem suprir. A história não diz se a criança grã recebeu ou não o remédio indicado, mas nos serve como argumento para a nossa digressão semanal.

Desde a mais tenra idade a criança precisa de compreensão e carinho. Martinho da Rocha, este grande pediatra brasileiro, aconselha que se tire o bebê mais de uma vez da cama, para que se lhe desperte o apetite; é claro que esta sugestão não pode ser uma desculpa permanente para as mães ou tias que gostam de embalar a criança e trazê-la sempre ao colo.

Imaginemos agora todo o tremendo esforço que a criança emprega na sua instintiva aprendizagem da fala, da marcha, como nos demais hábitos da vida humana; veremos então como cabe sempre palavras de estímulo a cada sucesso pessoal da criança; por estímulo, entenda-se a palavra elogiosa, adequada e empregada realmente quando a criança faz jus ao louvor; tendo sempre bastante cuidado no asseverar atitudes, porque muito se abusa dos extremos em matéria de educação.

Passados os primeiros anos de vida, quando a criança deixou de ser um bebê e já toma consciência da sua personalidade, há uma tendência em muitos pais para tratarem a criança com mais rigor; quando entra na adolescência, e se é um rapaz, então o exagêro se torna flagrante, porque se admite que a severidade deva ser uma linha natural de conduta entre pai e filho. É claro que os pais não precisam fazer festinhas nos filhos crescidos para testemunhar-lhes carinho, mas nem só nas palavras ou nos gestos está a expressão de carinho e é a ausência dele que gera o clima de incompreensão e falta de confiança, que se estabelece como que automaticamente, desde que a criança começa a se tornar adulta.

Era preciso que eu fosse um psicólogo experimentado ou um filólogo de fôlego para precisar a essência do sentimento através da expressão carinho e que se adapta tão bem entre pais e filhos! Infelizmente não sou nem uma coisa nem outra, mas vou dizer assim mesmo com os meus poucos recursos: é preciso que os pais revelem aos filhos crescidos, sem se envergonharem disto, a ligação realmente sentimental que os une. "Minha mãe não gosta mais de mim!... Meu pai não quer saber de mim!...". Estas são as queixas mais constantes dos adolescentes com problemas; eles se sentem desamparados e sem afetos, perdidos em suas sensações, sem uma base real, presente e consciente de carinho, em que se apoiarem na nova fase de vida que encetam.

Receiam, muitas vezes, os pais a perda de autoridade, se passam a demonstrar o quanto lhes importa os atos e as opiniões dos filhos; mas isto é uma suspeita vã, porque não é o saber-se querido, mas câmbios de conduta, oscilação no prêmio e no castigo que criam o desrespeito à autoridade paterna. Todo mundo atual debate-se em neurose coletiva, e o que ocasionou este aflitivo estado emocional foram as variações da moral moderna, a luta, não mais entre o bem e o mal, como nos primeiros tempos, mas em se saber se o bem é realmente um bem e o mal é realmente o mal. A expectativa e a indecisão é que criam a angústia; é preciso pois que se dê marcos de conduta, tanto às crianças e adolescentes, para que eles possam caminhar com firmeza.

Gostaria de me estender ainda sobre o assunto-carinho, porque é bastante ampla a idéia, e a ela tornarei mais tarde, mas preciso terminar também a crônica e rematarei com um fato esclarecedor: um menor delinquente, tido e havido por um indisciplinado, modificou radicalmente a sua atitude, depois que teve uma palestra com o juiz de menores. Interessado pela transformação, o juiz indagou do menino:

— Folgo muito que você tenha melhorado; mas diga-me por que só agora resolveu proceder bem?

— Porque foi a primeira vez que alguém falou a mim com algum carinho — respondeu em lágrimas o "incorrigível" menor.

Isto diz alguma coisa, pois não?

Zóia de Laet



Numerosas são as pessoas que dizem não ter "mão para bolo", isto porque todas as vezes que se metem a fazer um bolo este ou fica "solado", ou não cresce, — enfim, há sempre um defeito qualquer. Para ajudá-las, reunimos os seguintes dados: pode ser que o forno tenha sido aberto antes de vinte minutos. Ou porque a quantidade de açúcar ou de manteiga tenha sido excessiva. Ou porque se lhe tenha acrescentado muito fermento. Este último é calculado na base de uma colherinha por xícara de farinha. Quando um bolo afunda no meio, é por que a farinha foi pouca, ou porque está cru. Para saber se um bolo está bem cozido, basta introduzir um palito; saindo seco, o bolo está pronto. Quanto mais se bate o açúcar com a manteiga, melhores são os resultados. O mesmo deve ser feito com os ovos. A última coisa que se deve acrescentar à massa são as claras batidas em neve, toda vez, é claro, que na receita constarem e'aras. A farinha de trigo deverá ser peneirada diversas vezes com o fermento e em seguida adicionada à massa vagarosamente. Terminada a massa, esta deverá logo ser colocada no forno e nunca deverá "repousar". Quando um bolo se abre, é porque a farinha foi mal misturada com o fermento. O forno, no início da coção deverá estar regularmente quente e em seguida mais suave. A maior parte dos bolos levam no forno uma hora e meia, dependendo do seu tamanho. Quando a receita leva chocolate, este deverá ser dissolvido, previamente, num pouco de leite. O chocolate em pó torna os bolos mais leves. Os bolos com muitos ovos, chocolates e nozes, queimam mais facilmente. E agora, depois destas instruções, vamos tentar novamente?

BOLO DE XICARA

Ingredientes — 240 grs. de açúcar, 300 grs. de farinha de trigo; 160 grs. de manteiga, 1 xícara, das de chá, de leite de côco, 4 ovos, 1 colher, das de chá, de fermento.

Preparação — Bate-se muito bem a manteiga com o açúcar e depois juntam-se-lhes as gemas, uma a uma, o leite, a farinha peneirada três vezes com o fermento, e por último as claras em neve. Mistura-se tudo, põe-se numa forma untada com manteiga e leva-se ao forno.

ENGORDA MARIDO

Ingredientes: 750 grs. de açúcar; 200 grs. de farinha de trigo, 100 grs. de manteiga, 2 côcos, 6 ovos, casca de 1 limão.

Preparação — Batem-se muito bem os ovos com o açúcar e a casca do limão. Em seguida juntam-se-lhes a farinha e a manteiga. Continua-se a bater e acrescenta-se por último o leite dos côcos, extraído com quatro xícaras de água morna. Mistura-se tudo, põe-se numa forma untada com manteiga e leva-se ao forno.

BOLINHOS BRANCOS

Ingredientes — 7 claras, 150 grs. de açúcar, 150 grs. de fubá de arroz, 150 grs. de manteiga.

Preparação — Batem-se as claras em neve. Em seguida, batendo-se sempre, juntam-se-lhes o açúcar e a manteiga. Continua-se a bater e quando estiver bem leve, acrescenta-se o fubá. Mistura-se tudo, põem-se em forminhas untadas e leva-se ao forno.

BOLINHOS VIENENSES

Ingredientes — 250 grs. de manteiga, 125 grs. de farinha de trigo, 125 grs. de amêndoas descascadas, 50 grs. de açúcar, 3 ovos, 2 gemas.

Preparação — Bate-se muito bem a manteiga com o açúcar. Em seguida, batendo-se sempre, juntam-se-lhes os ovos, as gemas, as amêndoas anteriormente peladas e socadas e a farinha. Mistura-se tudo, põe-se em forminhas untadas com manteiga e leva-se ao forno.



OS estampados em "pois" são a grande moda para a nova estação. Os figurinos franceses estão repletos de modelos ellegantíssimos para os quais o "pois" é empregado. As cores são as mais variadas possíveis; vê-se muito cinza e branco, branco e preto, verde e branco, mostarda e branco, marinho e branco.



USE "POIS"

Primavera

À direita: De Lucille Manguin é este modelo branco com pois verdes. Saia plissada. Gola esportiva, bastante larga. À esquerda: Azul marinho e branco é o modelo de Pierre Balmain. Uma larga fita de cetim rosa quadrada a blusa e faz dois laços; um no decote e outro nos quadris. Em baixo: Cinza com "pois" branco e vermelhos. Cinto de veludo vermelho. Saia original, com babados unidos.



NA

averga

À esquerda: Elegantíssimo modelo de Jeanne Lanvin, "duas-pegas" marinho e branco. À direita: Este modelo de Molyneux, é branco com "pois" pretos. O decote em "V" é arrematado por vistosas flores em mousseline vermelha. Saia com pregas soltas. Em baixo: De Jacques Griffe em rosa pálido e "pois" brancos. Grande laço arrematando a gola. Saia plissada.



PRINCÍPIO DE CONVERSA

Um velho dito popular reza que de poeta, de médico e de louco cada um tem um pouco. Ao menos no Brasil, isto é mais do que verdadeiro, é axiomático.

Temos a superstição dos remédios, e, na avalanche dos que surgem dia após dia, não há quem não saiba receitar, na ponta da língua, o remédio exato e infalível para cada coisa que nos aflige o corpo ou a alma.

Muito comum, então, que com o conselho venha também a prova: Fulano que se curou de sua neurose assim ou assim; Beltrano que ficou bom de seu achaque com essa ou aquela aplicação. E assim tudo o mais.

O mais citado dos autores, nesses últimos tempos, as "Seleções" são quase sempre a autoridade suprema, o magister dixit, a réplica nos dias que correm do velho Chernoviz, de saudosa memória.

Bem pensado, justifica-se essa preocupação com a saúde e os remédios.

Nunca, tanto como hoje, talvez, a humanidade sofreu tanto.

Pareceu, há anos, que éramos um povo de doentes porque existiam as verminoses, o paludismo, a moléstia do barbeiro. Mas não é isso que faz, hoje, a maioria dos doentes, porém outras causas mais civilizadas, senão exclusivamente da Civilização.

O mal é pois da época, e sobretudo são os distúrbios do sistema nervoso — as distonias dos médicos, as nevroses dos psiquiatras, os recalques ou complexos dos psicanalistas, os males que afligem todos, e com especialidade os que têm mais do que um estômago, mas uma cabeça também.

Não somos um povo de doentes porque estamos no Brasil, mas porque pertencemos ao nosso século e a uma geração que já assistiu a duas guerras com seu cortejo universal de lágrima, suor e sangue.

Veja-se os Estados Unidos. Ali, como aliás em todos os países civilizados, morre-se menos de doenças infecciosas, porém mais de doenças degenerativas, que são mais dolorosas e longas. Ali, para uma população de 120 milhões, há anualmente cerca de 100 milhões de casos de doença.

Decerto, a varíola, a difteria, a febre tifóide e infecções outras já não devastam tanto, graças aos progressos da higiene moderna e da engenharia sanitária comandando as cidades. Mas as novas condições de existência, com sua agitação e tumulto constantes, criaram outras oportunidades para as perturbações orgânicas e funcionais como nunca.

As doenças do sistema nervoso central não têm conta, escreveu Carrel a esse respeito. Todos os indivíduos sofrem no correr da existência, de qualquer acesso de neurastenia, de depressão nervosa, causados pela fadiga, pelo ruído, pelas inquietações e pelo excesso de trabalho. Embora a higiene moderna tenha aumentado muito a duração média da vida, está longe de ter suprimido as doenças, mas apenas modificou sua natureza.

De fato, que é que vemos? Se diminuídas as doenças infecciosas, estão aumentadas as doenças degenerativas. Admite-se, até, que, sob a influência das novas maneiras de existência, transformações sobrevieram na constituição de nossos tecidos e humores, favorecendo as novas doenças de nossos dias.

A isso não seria indiferente a mesma ruindade daquilo que comemos, como do ar que respiramos, como do movimento que nos cerca. "As galinhas, escreve aquele sábio, foram forçadas, por meio de uma alimentação artificial, à produção em massa dos ovos". E pergunta: "A qualidade destes ovos não será diferente?"

Nada, portanto, mais unilateral na fase atual do que procurar apenas nos remédios o socorro preciso à saúde alterada, já que tantos fatores profundamente ambientais concorrem para esse resultado.

Já a propósito da boa medicina do repouso para as grandes nevroses das cidades, que atingem o homem moderno, escreveu um autor francês, dizendo que as férias no campo representam para a maior parte dos cidadãos verdadeiros "tratamentos de saúde".

Ninguém ignora quantos assim se curam e ao voltarem à cidade passam de novo a sofrer seus antigos padecimentos e achaques.

E — coisa interessante — o que ocorre com o adulto também se reproduz com a criança. Muitas com inapetência, regurgitações, vômitos, perturbações digestivas diversas, melhoram rapidamente com a simples mudança de ambiente citadino?

Por outro lado, domina hoje, vitoriosamente, em medicina, o conhecimento de muitas moléstias, até orgânicas, que têm sua verdadeira origem num estado meramente psíquico, e cuja cura, portanto, e deve processar apenas por influência do moral.

E' a medicina psico-somática que se especializa, hoje, no diagnóstico e cura desses estados, particularmente favorecidos com as condições atuais de nossa existência assoberbante e inquieta, portanto predispondo às nevroses. Criado o impulso inicial destas, a perturbação se faz idéia fixa e com o tempo verdadeira doença.

E então cabe a pergunta: onde o remédio a esses males que a Civilização cria para o homem moderno? Será que se impõe uma nova marcha para o oeste, isto é, para o campo, em nome da medicina? Mas isto é impossível. Que cada um se vá adaptando aos novos tempos e neutralizando, quanto possa e como possa, tais consequências da vida agitada e a um tempo perturbadora.

E' já um lugar comum a afirmação de que a higiene é a medicina do futuro. Mas quando chega este futuro? Parece que já é tempo. A orientação, por este lado, é o caminho certo. E' por aí que pretendemos ir com esta seção.

Dr. Sabóia Ribeiro



Uma opereta de Vila-Lobos — Estranha música — Mignone e a Orquestra Sinfônica Brasileira — Anatole Kitain

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A opereta de Vila-Lobos, estreada recentemente nos Estados Unidos, não entusiasmou a crítica "yankee". Nova York amava não a viu, pois, seguindo o sistema norte-americano, o empresário experimentou, primeiro, o espetáculo, numa pequena cidade, a fim de verificar a aceitação do público e dar os últimos retoques — cortes, substituição de elementos do elenco, pequenas alterações — antes de submeter à aprovação do exigente público da grande cidade o trabalho de nosso patrio.

Deram-lhe, segundo nos informam, um libreto ingrato. Um jornalista chegou, mesmo, a classificá-lo como "tecido de imbecilidades". O elenco, por outro lado, foi escolhido com cuidado e consta, entre outros, com Gerhard Pechner, aquele magnífico baixo alemão que já participou de mais de uma temporada lírica no Teatro Municipal. Entretanto, inteiramente deslocados dentro de uma história absurda e inverossímil a que, informa-se ainda, faltam qualidades de fantasia que compensem as extravagâncias das situações, os bons artistas não conseguiram merecer os aplausos que, melhor aproveitados, seu inegável talento teria rendido.

Não há nada mais insípido do que uma fantasia sem graça e, ao que parece, foi o que os libretistas ofereceram a Vila Lobos.

A coreografia, depuseram ainda os que estiveram presentes, poderia ser melhorada.

ESTRANHA MÚSICA

O público achou a música "estranha". Cecil Smith, numa crônica a respeito, explica: Vila Lobos não poupou dissonâncias e outras liberdades que soam mal aos ouvidos afeitos à melodia acucarada da música ligeira. Por outro lado, a opereta, segundo a opinião dos críticos, não se eleva acima do nível médio do gênero. Assim, demasiado complexa e audaciosa para agradar a quem quer coisa fácil e leve, não chega a satisfazer a outros paladares mais requintados.

Contudo, as resenhas do espetáculo terminam com cumprimentos ao compositor pelo seu "trabalho competente". Não é grande o consolo...

Resta saber se a partitura encontrará recepção mais cordial quando for levada a Nova York.

MIGNONE E A ORQUESTRA SINFÔNICA

Temos acompanhado, com simpatia, a luta da Orquestra Sinfônica Brasileira. A crise que aquela associação vem atravessando quase a destruiu, mas o esforço perseverante dos seus diretores, com a colaboração dos músicos, está encaminhando o conjunto no sentido de readquirir o seu prestígio.

Já assinalamos o propósito de renovar o repertório oferecendo aos seus sócios novas obras, novos elementos de interesse, com a composição cuidadosa dos programas. Assim, sempre sob a direção de Szekler, a O.S.B. tem procurado reconquistar o seu público.

O concerto mais recente da O.S.B. reservou para os amantes da música sinfônica a primeira audição da "2ª Fantasia Brasileira", de Mignone.

Trata-se de uma obra de grande brilho, bem instrumentada, colorida. Há ritmos familiares, pois o trabalho pertence ao período em que Mignone estava mais próspero a um nacionalismo um tanto superficial. Por isso mesmo, pode-se dizer que não é uma fantasia brasileira, é uma fantasia brasileira, liga-se mais a apresentação, no ritmo e na melodia, de uma visão exótica e pitoresca do Brasil.

De qualquer forma, porém, impõe-se a obra pela vivacidade.

A interpretação, a cargo da Orquestra, com Heitor Alimonda como solista, conseguiu destacar as qualidades da peça, que foi muito aplaudida.

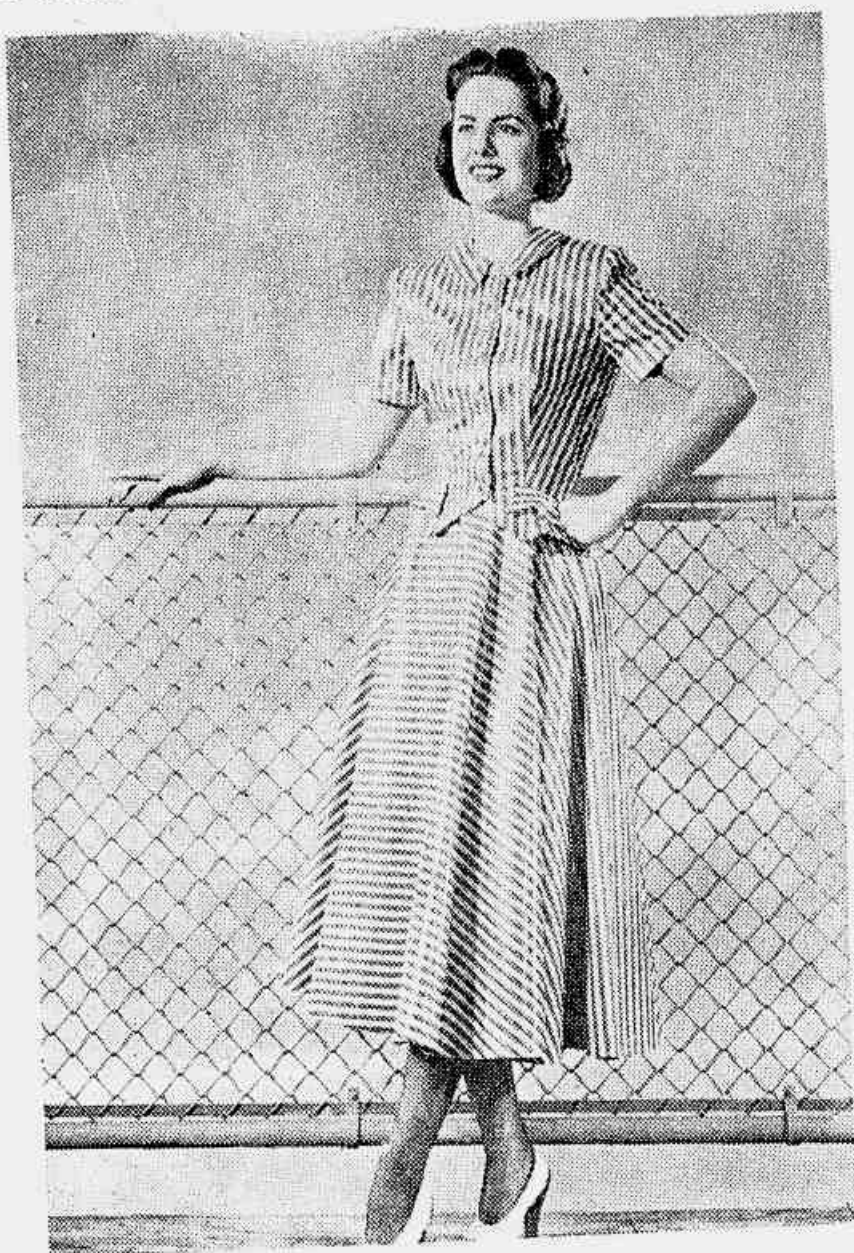
ANATOLE KITAIN

Grande decepção foi o pianista Anatole Kitain, que se apresentou ao público carioca, recentemente.

A propaganda criara uma expectativa cheia de simpatia. Infelizmente, Kitain desiludiu. Não se nota nele a segurança de um intérprete perfeito. Não se sente o pianista identificado com cada obra executada, traduzindo o estilo de cada compositor. Kitain nos deu um programa eclético, em cuja variedade não lhe foi possível encontrar mais do que alguns momentos menos infelizes.



A esquerda: O vestido de Shirley Johns, por exemplo, é em jersey branco com figuras modernas pintadas à mão. A direita: Este outro vestido é em tecido quadriculado, predominando o vermelho. Decote caindo sobre os ombros.



A esquerda: As listras estarão em grande moda. O modelinho de Martha Hyer, da RKO é em "chintz" verde e branco. A direita: Conjunto muito gracioso em panamá branco, usado por Barbara Pale, da RKO. A blusa é em tecido listrado em cores vivas.

PRIMAVERA EM HOLLYWOOD

HOLLYWOOD também se preparou para receber a primavera. Aqui vemos algumas de suas stars ostentando modelos alegres e juvenis, leves e coloridos, tudo dentro de espírito da nova estação, que está para chegar.

Em "shantung" azul pálido é o vestido de Gloria Grahame. O "decote" em "V" é guarnecido de uma gola que cai em "godet". No seu babado franzido.



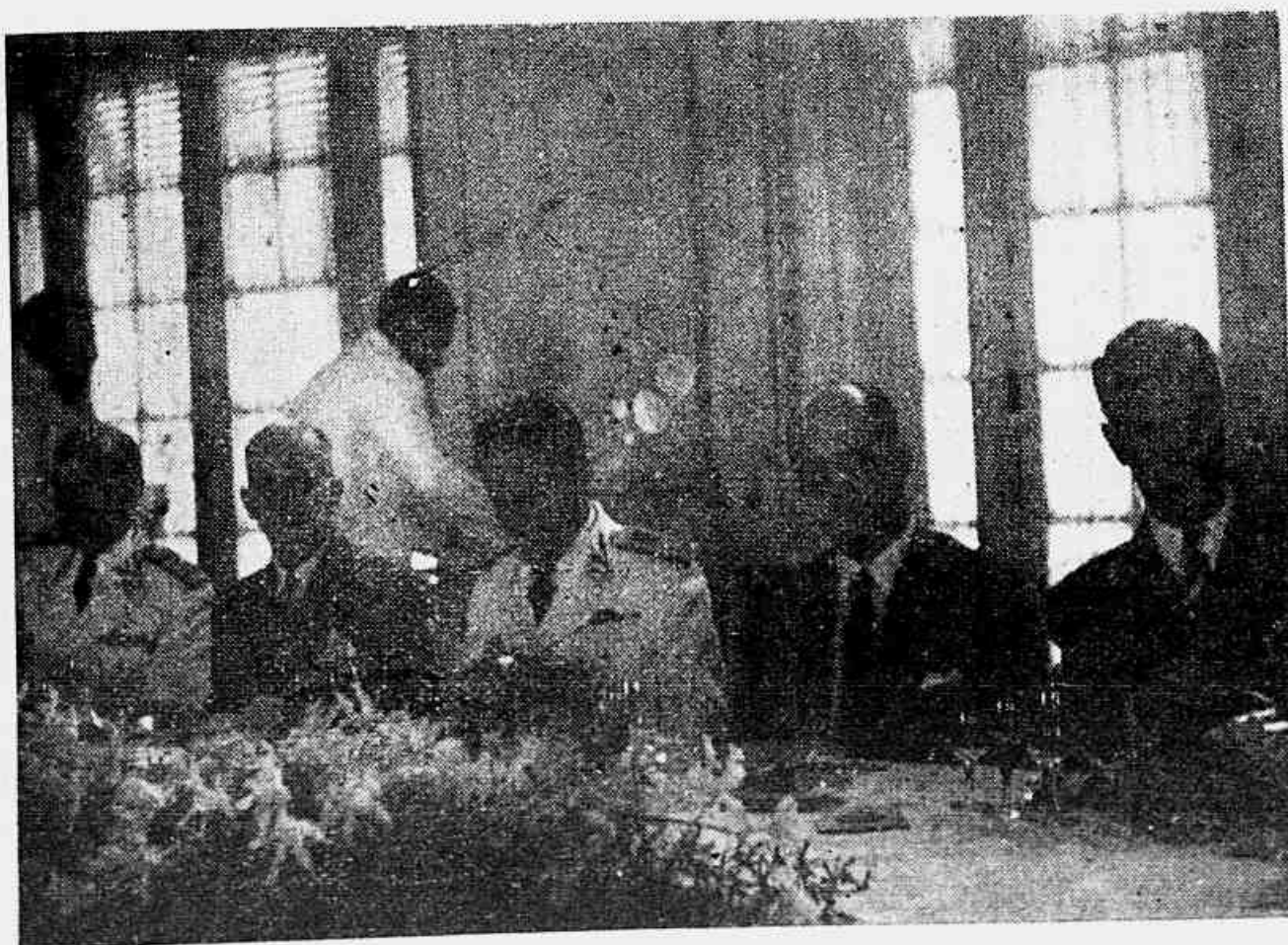
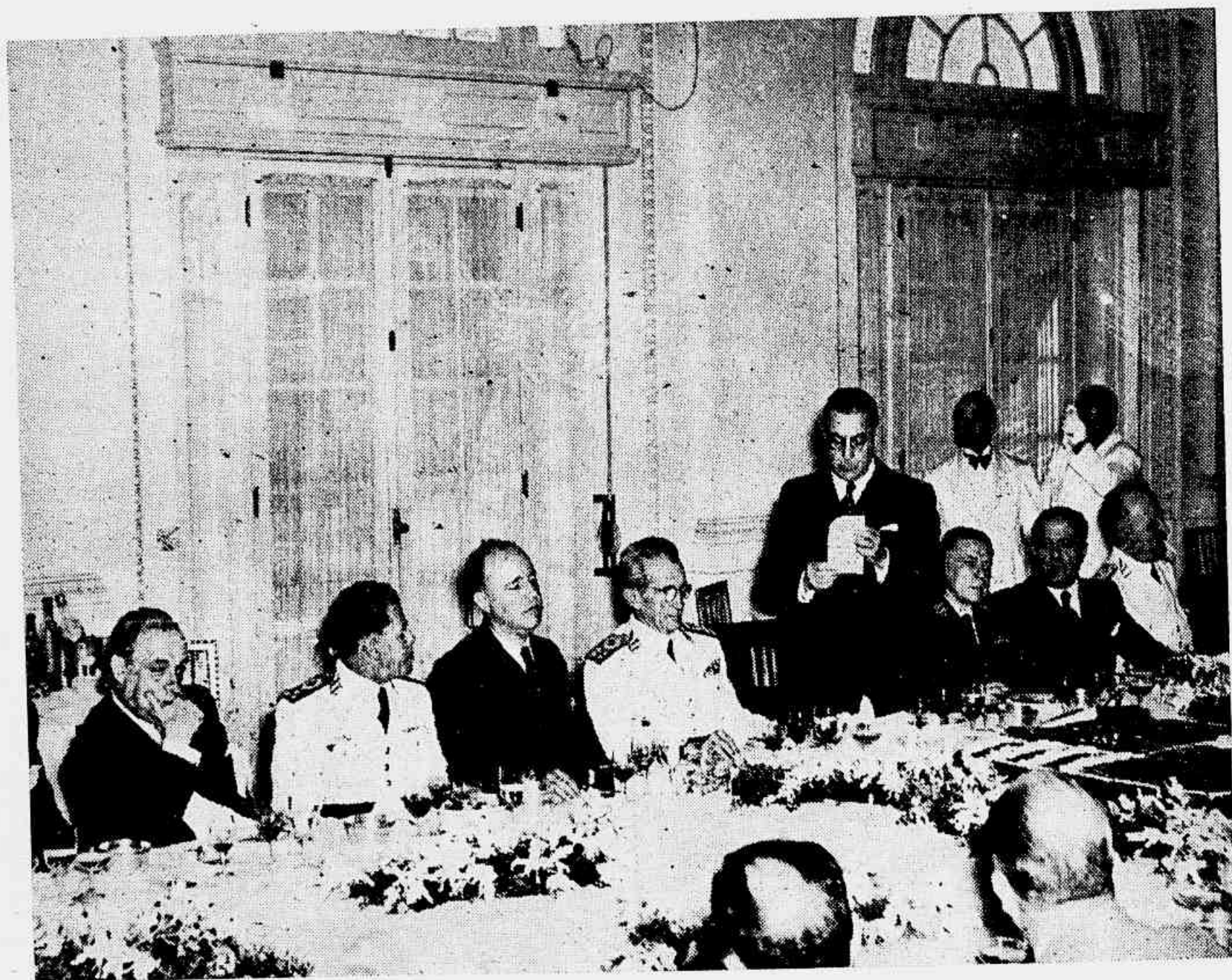
A black and white portrait of a man with a mustache, looking slightly to the right. The image is grainy and has a high-contrast, almost stencil-like appearance.

João do Rio, considerado no seu tempo o príncipe dos cronistas brasileiros



A HOMENAGEM DO JOCKEY CLUB AO EXÉRCITO NACIONAL

Nas comemorações que anualmente consagram o Patrono do Exército Nacional, o Duque de Caxias, vem o Jockey Club Brasileiro tomando parte de alguns anos atrás até hoje, constituindo um dos já tradicionais acontecimentos da Semana de Caxias. Neste ano, como tem acontecido nos anteriores, a nossa principal sociedade turfista dedicou uma de suas reuniões ao grande ídolo das nossas forças de terra, fazendo correr o Grande Prêmio "Duque de Caxias", agora definitivamente incorporado ao calendário turfista da metrópole, oferecendo ainda um grande banquete às figuras proeminentes do nosso Exército, e que foi uma festa de alto cunho social e patriótico. Falou, saudando o Exército Brasileiro, o sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club, respondendo, em agradecimento, o general Newton Cavalcante, em nome do ministro da Guerra. São do aludido banquete as fotos que ilustram esta página, vendo-se na de cima o general Newton Cavalcante, e na do centro o sr. João Borges Filho, quando proferiam os seus discursos.





Ritmos para o trabalhador

EVIDENCIA-SE, cada semana que passa, o interesse despertado pela música nas diferentes classes sociais. Enquanto o burguês recorre ao gênero clássico, reunindo em harmoniosa companhia estrelas do "Metropolitan House" com famosos do "Scala de Milão", a classe média divide-se entre a música leve e a popular, lançando mão de Tino Rossi, Carmen Miranda, Pedro Vargas, Araci de Almeida. E a maneira de distrair o espírito, buscando nas páginas musicais dos compositores conhecidos, tudo quanto possa alegrar a alma.

A música, aliás, já deixou o terreno social para entrar no setor trabalhista. É que os nossos amigos da América, pesquisando a influência exercida por determinadas melodias no ânimo do operário, chegaram à conclusão de que elas aumentam a produção. Tanto basta para que importantes firmas, em colaboração com técnicos no assunto, dessem suas oficinas da aparelhagem indispensável à transmissão de escolhidos números musicais. E o "batente" com música, na opinião dos próprios operários, passou a ser mais agradável, fazendo-os esquecer as horas de labuta.

No Brasil, por deficiência técnica ou má vontade dos grandes industriais, o operário continua a produzir sem música, embora uma de nossas emissoras oficiais, a Rádio Roquete Pinto, mantenha um programa especializado, sob o título "Ritmos para o trabalhador". Essa audição, organizada com o máximo esmero e obedecendo rigorosos preceitos musicais, bem poderia ser utilizada pelas nossas grandes fábricas. Bastar-lhe-ia a instalação de um aparelho receptor ao qual seriam ligados alguns amplificadores, a fim de que a música pudesse ser distribuída pelas diferentes seções. Com esse sistema, não somente lucrariam os operários, também a fábrica auferiria maiores vantagens, levando-se em conta o aumento de produção. Sim, porque com música o trabalho rende mais.

A. Migueis.

CIDADE DO INTERIOR

Samba de M. Pinto e Mário Rossi

Cidade do interior
Tem a sua estação de trem,
Um clube, a matriz, um jardim
e um baile mensal familiar.
Tem um cinema modesto
e um pequeno jornal

Cidades do interior
têm um grupo escolar também
e um rio que passa cantando
espelhando o luar
e o ideal que todos têm no interior
é crescer e casar
Pra saber o que é o amor.

★
ANOTHER NIGHT LIKE THIS
Bolero de Harry Ruby e Ernesto Lecuona

Another night like this, is what I'm
[wishing for]
The moon above would gladly give
[it's night]
To another like this.
I've never known such bliss, how
[could I hope for more]
My heart and I would glory in the
[sight]

Of another night like this
There must be some reason
Why you came along;
And turned a sigh into a song.
But I won't know until
I've known the thrill of your kiss.
Nobody else but you, could make me
[wish come true]
So promise me that you'll make ev'ry
[night]
Just another night like this.

★
YOUR HEART CALLING MINE
Fox, de Frank Loesser

In the call of the thrush, on the
[blossoming bough]
I hear your heart calling mine;
In the sigh of the breeze, that caresses me now
[stream]
I hear your heart calling mine.
There is laughter in the woodland
[stream]
As it hurries on its way;
May the laughter in the woodland
[stream]
Tell me darling of the joy
That I'm feeling today, for the call
[of the thrush]
On the blossoming bough
Brings me a song so divine.
I hear your heart calling mine.

Visita para o jantar

(Continuação da pág. 22)

mais e pior do que possam dizer de si.

★

Ei-lo à mesa, monopolizando a palavra e a paciência de todos. Numa sequência implacável enuncia seus feitos, suas opiniões, seus planos. Notadamente os planos do coronel são penosos de aturar, abrangendo, como as opiniões, desde a política internacional até a arborização pública.

Penitencio-me de não participar da admirativa impressão geral que causa o coronel Leopoldo. Quatro virtudes lhe são especificamente atribuídas: apuro no falar-se, traquejo social, honestidade e amor ao trabalho.

O coronel sabe disso e se tornou o mais copioso e o mais sincero apregoador destas suas quatro virtudes capitais. Eu, desgraçadamente, não consigo acompanhá-lo nem aos demais nessa maciça consagração. Contudo, quem me visse à mesa, ouvindo-o e aprovando-o tão cordialmente, havia de dizer:

— Que extraordinário privilégio ter visita para o jantar!

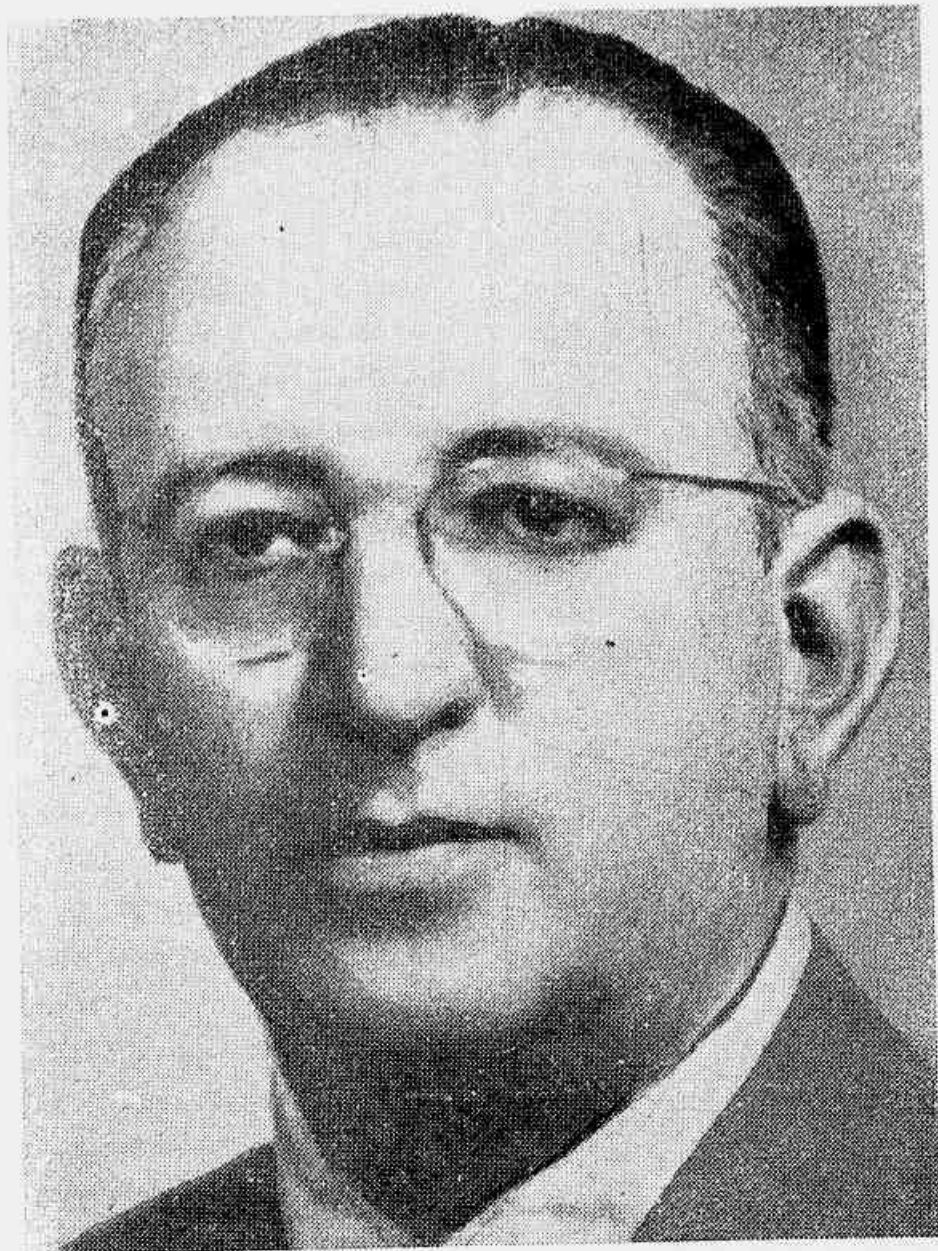
Tipos e aspectos do R. G. Sul

(Continuação da página 34)

luta, pela alimentação e pelo sentido de vigilância permanente, uma couraça que revestiu o homem do Pampa de uma tempera de que pode orgulhar-se. O campo foi sempre sua atividade e dela o gaúcho, pela ausência das condições que tornam a cantiga inóspita, soube retirar os meios de vida e de riqueza que lhe permitiram existência digna e farta. Nunca conheceu a fome, a seca e as epidemias, e o próprio braço escravo foi passageiro, mas conheceu amido a guerra, as revoluções, com seu cortejo de intranquilidade.

Açorianos foram os primeiros colonizadores do Rio Grande, e Laguna, em S. Catarina, o primeiro trago de união vivificante entre o mar e a campina. Quase ao mesmo tempo, descendentes de paulistas desceram para o sul, contribuindo para a expansão do elemento nacional às atividades nativas.

A culpa do conhecimento tardio do Rio Grande e de sua incorporação efetiva ainda mais tardia à unidade colonial que Cabral esboçou deve-se a que a parte brasileira que interessava aos portugueses, inclusive pelo teor de Tordesillas, não ia além de um ponto marítimo nas proximidades de Paranaguá. Ali se fixavam os extremos limites meridionais. Apesar disso, e desde que a Espanha começou a tomar interesse pelo Prata, aguçou-se a vista dos capitães portugueses, sendo de notar que o padre Roque Gonzalez, já em 1625 fundava missões religiosas na zona hoje compreendida no oeste riograndense. A fúria de Pombal destruiu esta grande obra. Não há razões para que não se o culpe do erro irremediável, que atrasou o Rio Grande consideravelmente. As primeiras forças militares organizadas foram, no sul, as que investiram contra as Missões e as primeiras estâncias resultaram das sesmarias concedidas aos homens comandados por Gomes Freire de Andrade, o conde de Bobadela, que se fixaram no território conquistado. Os primeiros pontos fixos, de ordem militar, foram o presidio do Rio Grande e o núcleo de Viadão. Datam de 1737 e representam, segundo Oliveira Viana, o ponto inicial do assalto às planícies platinas. Mas não se pode falar do gaúcho sem referir sua liberdade, e aqui vale a afirmação de que o cavalo é o meio mais fácil de evadir-se, de fugir à fixação, de poder locomover-se



O sr. Mervan Dias de Figueiredo, Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, cujo aniversário natalício transcorre nesta data



Exposição de Sylvia Meyer. Já nos referimos, em tópico, à exposição da festeja. A pintora Sylvia Meyer, no salão nobre da Câmara Legislativa do Distrito Federal. A esta exposição, pertencem o trabalho acima, que é o retrato da senhora Carmen Nize Pereira, filha do nosso prezado colega de imprensa Gil Pereira Coelho, diretor de "A Noite".

OS FARRAPOS

à vontade, sem presilhas sociais, sem compromissos de radicação. Talvez esta circunstância não esteja ainda bem definida no exame dos contatos entre o homem e o cavalo, mas é certo que o animal representa muito no conceito de livre movimentação do gaúcho, uma das facetas da liberdade por ele bem compreendida e amada.

Posta de lado a interpretação apressada, superficial e não verdadeira de que a rebeldia de 1835 visou separar o Rio Grande do Brasil, é de se afirmar que os movimentos de rebeldia do Rio Grande visaram quase sempre sua vida interna, a solução dos seus próprios problemas po-



Defenda-se da PIORRÉIA

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se nota que as gengivas sangram ao escovar os dentes... se as tem moles e sensíveis — defenda-se da Piorréia! São sinais de alarma desta terrível enfermidade — que mina as gengivas e afrouxa os dentes.

Defenda-se da Piorréia com o método *experimentado* Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorréia. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram uma surpreendente melhora com apenas um mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista com frequência e siga os conselhos dele. E para o embelezamento dos dentes e a saúde e vigor das gengivas — comece a usar *hoje mesmo* o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com **Forhan's**



4FP1

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer a pele e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas S. A.

líticos. Se a revolução de 1893 atingiu Santa Catarina e Paraná, não teve intuito de restabelecer a monarquia, como há quem assoalhe, e sua extensão se deu em circunstâncias especialíssimas. O de 30 não foi um movimento regional; teve caráter mais amplo. O de 1923 foi exclusivamente estadual, oriundo de interpretação localista. Fora disto, a participação do Rio Grande foi sempre em defesa da nacionalidade ameaçada, como na guerra de Rosas e na luta do Paraguai. Mas o movimento que serviu para fixar a personalidade do gaúcho, dando-lhe os contornos de rebeldia, coragem e amor à liberdade que ainda hoje lhe constituem os traços característicos, foi o Farroupilha, e Bento Gonçalves representa, com orgulho nosso, o tipo representativo da gente do sul. Nascido na freguesia de Bom Jesus do Triunfo em 23 de setembro de 1788 e morto, de pleurisia, em Pedras Brancas, hoje Guaíba, fronteiro a Porto Alegre, a 18 de julho de 1847, o herói rio-grandense domina largo período da história da sua terra, de que pode ser considerado paradigma, pela bravura, honradez de caráter, pureza de sentimentos e dotes de patriotismo.

Sua vida tem foros de lenda. Desde a ocupação de Porto Alegre, a 20 de setembro de 1835, até a paz de Ponche Verde, que Caxias conseguiu em 28 de fevereiro de 1845, desdobrou-se Bento Gonçalves na direção da campanha. Preso e mandado a Bahia, dali se evadiu, retornando, no sul, o lugar de responsabilidade que lhe cabia. Patriota de alto quilate, denominador comum das qualidades e defeitos de sua gente, Bento Gonçalves foi a alma do movimento de 35, e seu encontro com Caxias, depois de firmada a paz, em março de 1845, pôs frente a frente duas figuras singulares da história brasileira.

USOS E COSTUMES

Os costumes tradicionais do Rio Grande persistem, embora muitos deles se venjam paulatinamente abandonados ou atenuados, por fatores diversos. É preciso distinguir nos hábitos do homem do sul, aqueles que dizem respeito à sua alimentação, morada e agitação de vida e aqueles que, não sendo intrínsecos e necessários, se revestem dum caráter, digamos, ornamental. A predominância da carne na sua alimentação decorre das facilidades que encontrou para tanto. Era mais fácil carregar à garupa um churrasquito, conservá-lo por mais tempo, do que buscar outro alimento. Além disso, sempre que era necessário pegar em armas, o boi fornecia tudo. Acrescentem-se as dificuldades de encontrar gêneros, como arroz, feijão, trigo e outros, e teremos explicação para esse domínio carnívoro. Até hoje, no interior do Rio Grande, a carne é o alimento básico, mau grado o desenvolvimento que, em certas zonas, teve o cultivo de cereais. O mate-chimarrão, tido como nota característica do gaúcho, não descuroou sua predominância na família das suas preferências, e é bom acentuar que os elementos que, vindos do exterior, tanto contribuíram para o progresso do sul, como alemães e italianos, logo entraram a fundo nos hábitos da carne e do chimarrão.

Também na lavoura, os colonos se assenhorearam das botas e bombachas, do lenço e do pancho. E hoje, mesmo na zona colonial, vêm-se cavalos aperados com tanto gosto como na campanha. Esmeram-se os colonos no trato do cavalo, nos petrechos para ensilhar, e com que garbo se envaldecem de manter essas tradições do Rio Grande! Costumes de vida, na campanha mantem-se os de antigamente. Levantar cedo, parar rodeio, tirar leite, pastorear o gado, derrubá-lo para marcação, banhá-lo contra o carrapato, separá-lo em internadas e, mais tarde, para o matadouro. Pouco se alterou esta sequência, em que, nas lides do campo, se avassalou a utilização do cavalo, companheiro de todas as horas, que tanto contribuiu para dar ao gaúcho a noção de liberdade, de andar vagueando, nômade e sem destino, ao leão das suas aventuras.

"Corajosos são os filhos desta capitania, diz Saint-Hilaire, mas é difícil sujeitá-los a uma disciplina regular. Para combater, deixarão sem pesar sua casa e a família, mas, depois da vitória, querem voltar para seus lares". O pensamento do psicólogo está vivo na realidade do tempo. Voltando, hoje, para o trabalho construtivo, que faz do Rio Grande um panorama rico de vitalidade econômica, social e literária, o gaúcho, solado pela fatalidade geográfica que por tanto tempo o afastou do cerrado convívio nacional, constrói, no extremo sul, uma civilização que honra o Brasil, na sua disposição dignificante de trabalho.

A DOLOROSA VERDADE

(Continuação da página 19)

— Olhe, pois tenho cá as minhas dúvidas. E nada lisonjeiras, por sinal...

A obrigação de não prorrogar indefinidamente os meus serviços externos impediu-me de pedir esclarecimentos a Silênio. Deixei-o.

Mas depois, pensando nele, imaginando um pouco, não tive dificuldades em perceber alguma coisa. Silênio é um camarada realista. Ladrão pra ele é ladrão; político é político. Com ele nada de ambiguidades! Quer sempre é a verdade, procura-a febrilmente, ao risco da saúde e do respeito próprio. Seguindo a sua linha de dedução, percebi que havia alguma diferença entre os mendigos de verdade (ou falsos) e os pedintes que me perseguiram. Dessa percepção veio-me a certeza de que os meus eram simplesmente mordedores profissionais. E como não pode haver discussão possível quanto à aparência das vítimas desses cavaleiros, fiquei profundamente chocado com a descoberta. Teria eu cara de "pato"? Fui para casa e passei meia hora diante do espelho. Não me convenci. Minha cara não é evidentemente a de nenhum sabidão, mas também não é a de nenhum antônimo... E além disso, era impossível que Silênio tivesse mais experiência no ramo do que eu!

No dia seguinte acordei disposto a travar debate com Silênio. Procurei-o e fui direto ao assunto. "Ouvindo-me sorridente. Depois pediu quinze minutos para explicação pessoal e expôs a sua via-crúcia no



mundo dos mordedores. Era algo digno de respeito... Frisou bem a diferença entre os chamados mendigos e os outros, os nossos. Os mendigos pedem a todos, indistintamente; se não, já não são bem mendigos. Os outros, os nossos, escolhem psicologicamente os seus possíveis benfeitores. Diante de um espelho, com a imparcialidade e a auto-crítica engrenadas em terceira, chegara à conclusão de que tinha cara era de otário, de "barbada" para qualquer boa "papa". Não me queria ofender, não; mas garantia que eu era um seu perfeito irmão na desdita, pelos meus caracteres fisionômicos, pela expressão do meu olhar, pela postura das minhas mãos. Estudara minuciosamente o assunto, provocara experiências, enfim: sabia o que estava dizendo. Agora, se bem que visse em mim um respeitável concorrente, apostava qualquer coisa como a sua (dele) cara era muito mais de "pato" do que a minha. Eu já tivera uma amostra da sua supremacia no caso do shakespeariano. Que me lembrasse de que fora ele o escolhido!

Propôs-me então uma dupla prova. Andaríamos juntos até que fôssemos assediados. Aí então o preferido, o mais "pato", faria a pergunta decisiva. Qualquer que fosse a resposta, não deixaria de nos servir aos dois.

Era razoável. Concordei.

E seguimos pela rua, esperando alguma abordagem... Diante da minha expressão, porém, Silênio protestou. Assim também não! Eu parecia até que ia devorar alguém, tal a avidez com que encarava cada transeunte! Serenei um pouco.

Nesse dia, talvez pela minha atitude combativa, ninguém nos tentou morder. Começamos a andar juntos, eu e Silênio.



1º. ANIVERSARIO

Setembro 1948
Ofertas Especiais
— e —
Especiais Descontos
— na —

JOALHERIA SALGADO
Rua Álvaro Alvim, 37
Rio de Janeiro



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedrês pomos nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

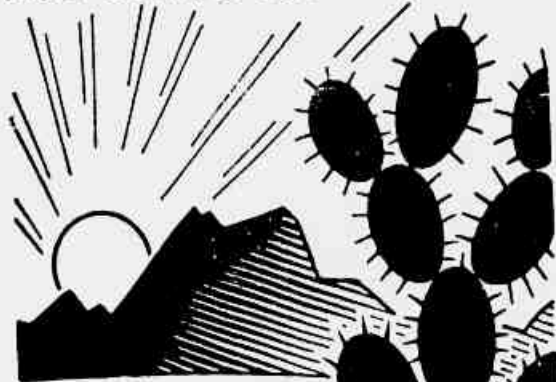
NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

NOS CLIMAS TROPICAIS...



...AS PELES DELICADAS PEDEM
A Polvilho Antisséptico
GRANADO

BROTUEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS

©TARQUINO

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

Perambulávamos por ruas e praças, estas o campo de ação predileto dos nossos rapazes, segundo o meu amigo. Nessa época passei noites terríveis de ansiedade, torturado por uma dúvida que já nem era mais dúvida, era certeza.

Custou um pouco mas afinal chegou a dia. Já parecia até que a turma estava veraneando fora da cidade...

Foi na praça Paris, numa tarde de sábado, bem em frente ao Supremo Tribunal. Era um mulato de uns trinta anos, ar inteligente, e — suprema afronta! — com um quepi de continuo ministerial, cosses que muita gente usa para não pagar bonde.

Vinha em direção oposta à nossa. Quando nos viu, diminuiu a marcha e assumiu um ar de grande concentração. Olhei para Silêncio; ele para mim. Conhecíamos os sintomas... Os olhos do mulato é que trabalhavam, — de mim para Silêncio, dele para mim — numa dramática indecisão. Afinal escolheu...

Era modesto, o camarada; mas que audácia! Pediu justamente dez tostões para tomar o bonde "Praça da Bandeira". Tomaria também um cafézinho, pois estava sem almoço, e se algum dos "doutores" fumasse (com um gesto incluíu-me no bachearelato)... aceitaria um hollywoodezinho para fumar no bonde.

Silêncio me olhou, resplandecente, e voltou ao nosso paraninfo.

— Olhe cá, meu amigo. Responda com a maior franqueza! Cinco mangos para dizer a verdade. Verdade no duro... Topa?

O paraninfo balançou a cabeça, um tanto pálido, topando... embora sem saber o que.

Silêncio então brandiu-lhe no nariz a notinha de cinco. — Eu tenho cara de bonzinho... ou de otário?

O paraninfo vacilou, espantado; intimidado talvez. Mas depois sorriu, refazendo-se, um sorriso alegre com qualquer coisa de irônico, e decretou, decisivo:

— De otário.

E agarrando a pele, raspou-se com tanta urgência que nem ouviu o comovido "Obrigado" de Silêncio. Aquela verdade dolorosa, já agora líquida e insofismável, comovera-o de maneira tocante.

Vencido, reconheci minha completa derrota: — Ganhaste, velho; duplamente. — E em minha voz, creio, transparecia uma pontinha de desilusão. E' que não gosto de perder (embora tivesse perdido no "olho mecânico"), nem mesmo quando o troféu ao vencedor seja um atestado de imbecilidade fisiológica, passado por um especialista na matéria.

A VIDA DE WHISTLER

(Continuação da pág. 36)

tência como uma moeda do mais puro ouro. Nada de pedante neste crente inspirado que se sentava em veneração nos bancos do Tâmis, recordando a beleza, delineando em sua alma a própria essência da noite, a luz das estrelas lançando trêmulos raios de mágico azul e prata sobre a Ponte de Battersea, o cais de Wapping ou o cais do Leão Negro. Sinfonias e sonatas silenciosas, nas quais a Terra canta seus segredos ao coração compreensivo. Nem uma simples linha sem valor, uma cor falsa ou pensamento desonesto nestes pedaços pintados do Salmo da Vida. Se alguma vez houve um pintor sério e sincero, este pintor foi o Whistler dos Noturnos. Ou o Whistler daqueles ou-

tros reflexos na alma humana — os quadros que ele chamou suas Sinfonias em Branco, em Cinza e Verde, em Rosa e Púrpura, em Negro e Ouro, e aquelas duas supremas façanhas em retrato os Estudos em Preto e Cinza. Estes dois Estudos são os famosos retratos de Carlyle e da mãe de Whistler. A impaciência e a serenidade da velhice, o homem do mundo, cansado, desiludido, cínico, desgostoso da vida que promete tanto e dá tão pouco; e a mulher do lar, descansada, esperançosa, devota, resignada com a vida que traz a amargura da morte e as alegrias da maternidade. Filosóficos ambos. Um o apóstolo da sabedoria, mística, outro uma divulgadora do senso comum doméstico. Carlyle, o adorador de heróis; Matilde Whistler, a amante de crianças.

Estes dois retratos, como muitos outros quadros de Whistler, são tão simples que parecem ter sido esboçados com poucas vinceladas inspiradas. Mas são o resultado de um trabalho longo e laborioso. Uma vez perguntaram a Tennyson, o mestre da frase fácil, o que fazia para burlar as perfeitas expressões com tão espontânea facilidade.

"Espontânea"? disse o poeta da Távola Redonda, enquanto bafava em seu cachimbo. E mostrando a primeira linha de seus Atravessando a Barreira, com uma simplicidade quase infantil — "ora homem, recisei vinte cachimbadas para escrever esta única frase".

Existe a simplicidade de ignorância e a simplicidade de gênio. Custou a Whistler muitas horas de ansiedade adquirir a "naturalidade sem esforço" de seu estilo. Durante o tempo em que pintava o retrato de Carlyle estava também ocupado com o retrato de uma criança, Miss Alexander. Um dia o velho e a menina encontraram-se na porta de seu estúdio. Carlyle acabara de finalizar uma pose e Henrietta Alexander chegava para outra. O idoso filósofo olhou para a criança, sacudiu a cabeça e murmurou: "Pobre menina! Pobre menina!" E não era de admirar que se compadecesse dela. Porque a criança foi obrigada a ter setenta poses antes de Whistler ficar completamente satisfeito com seu trabalho.

E entretanto havia momentos em que, apesar de todo seu trabalho, era incapaz de satisfazer seus aborrecidos retratados. Possuía extrema facilidade para revelar suas verdadeiras características. Todas as vezes que eles tomavam a liberdade de criticar seu trabalho, sua língua não era mais lisonjeira do que o pincel!

— Considera isto uma boa obra de arte? — perguntou um de seus retratados insofismavelmente.

— Bem, — replicou Whistler com um sorriso sarcasticamente diabólico, — você se considera uma boa obra da natureza?

IV

Whistler lutava duramente, tão duramente quanto costumava se divertir e trabalhar. Era impiedoso para com seus críticos, especialmente para com aqueles cuja crítica considerava tanto estúpida quanto injusta.

P. G. Hamerton, o decano dos críticos britânicos, escreveu uma ocasião um artigo áustico sobre um de seus quadros, Sinfonia em Branco n. III: "Uma Sinfonia em Branco, na verdade... Tem cabelo avermelhado, e, naturalmente, um colorido de carne em seu rosto". Esta espécie de julgamento pouco esclarecido ultrapassou o que Whistler poderia suportar. "Meu Deus!", escreveu ao editor da Saturday Review. "Esperava esta sábia criatura cabelos brancos e faces de cal?". E julgou, então, em sua espantosa clarividência que sinfonia em F não contém outra nota, senão uma contínua repetição de fa, fa, fa?... tolo!"

Nunca iniciava uma briga. Mas nunca evitava uma se alguém a começava. Odiava lascívia. Mas também odiava a hipocrisia. Um dos Anthony Comstocks da Academia de Londres, chamado Horsley, atacava o hábito de pintar modelos nus, do natural. Em vista disto, Whistler pintou um nu e mandou-o à Exposição de Artistas Britânicos. Em baixo do quadro escreveu: "Horsley soit qui mal y pense".

Ridicularizava a estupidez em qualquer lugar onde a encontrasse, tanto entre seus alunos quanto entre seus críticos. Alguns de seus alunos se dirigiam a ele não porque tivessem talento para pintar, mas por desejarem que seus amigos lhes admirassem os quadros. Para estes sinceros adoradores do templo da arte guardava alguns dos mais penetrantes dardos de seu

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL é formidável
porque com um só creme

LIMPA, CLAREIA E
EMBELEZA A PELE!

O Creme Rugol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cutis e lhe dá um encanto irresistível. É excelente, também, como base para a maquiagem. Rugol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas camadas sub-cutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele

Aplique Rugol
todas as noites,
com massagens
de 3 a 5 minutos



CREME
Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo

Tratar com
JARBAS DE FREITAS
GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217
Fone: 6-6718



Seu futuro depende do presente — da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iodo, tanino e vitaminas — os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar — Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.

TÔNICO INFANTIL



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

espírito. Um deles insistia em fumar cachimbo enquanto pintava. "Mogo", dizia Whistler, "é melhor você parar de pintar. Porque pode tomar interesse pelo trabalho e o cachimbo poderá se apagar". Outra aluna, uma jovem senhora, objetou as críticas que fez ao seu trabalho. "Mr. Whistler", disse ela, "pinto o que vejo". "Sei", replicou ele, "mas espere até ver o que pinta".

Outras vezes transformava a defesa de seu sarcasmo em armas de um contra-ataque. Isto acontecia principalmente quando seus críticos tornavam-se tão injuriosos quanto destrutivos. Quando expôs seu famoso *Noturno em Preto e Ouro* — um foguete queimando através da noite — estabeleceu para ele o preço de 200 guinéus. A propósito, John Ruskin, usualmente tão leal em suas críticas, publicou o seguinte ataque imprudente ao quadro: "Para o bem de Mr. Whistler, não menos do que para proteger os compradores, Sir Coutts Lindsey não deveria ter admitido, na galeria, trabalhos nos quais a mal-educada epinião do artista tão de perto se aproxima do aspecto de embuste premeditado. Tenho visto e ouvido muita insolência cínica hoje em dia; mas nunca esperei ouvir um pintor pedir duzentos guinéus para lançar um pote de tinta no rosto do público."

Furioso, e com razão, com esta gratuita punhalada nas costas, Whistler acionou Ruskin por difamação. Durante os debates no processo o promotor público, aconselhado pelo advogado do réu, tentou atormentar Whistler. Foi uma batalha de espíritos.

O procurador geral — Pode me dizer quanto tempo levou para terminar aquele *Noturno*?

Whistler — Como?

O procurador geral — Temo estar usando um termo que talvez se aplica mais ao meu próprio trabalho...

Whistler — Se estou me lembrando, bem levei mais ou menos um dia... Poderia ter pôsto ainda alguns toques no dia seguinte se o quadro não estivesse seco. Digo melhor, então, que trabalhei dois dias nele.

O procurador geral — E' pelo trabalho de dois dias, então, que pede duzentos guinéus?

Whistler — Não, peço-os pela aprendizagem de toda uma vida.

Whistler ganhou a questão, mas teve simplesmente uma vitória moral. O juiz ordenou a Ruskin que pagasse a Whistler o cumprimento de uma desculpa e nada mais.

V

Whistler fazia amigos facilmente e facilmente as perdia. "Estou sempre sendo convidado para jantar", dizia ele, "mas nunca me convidam duas vezes para a mesma casa". Um dos homens com quem jantava frequentemente, no entanto, era

Oscar Wilde. Todas as vezes que se reuniam, seus companheiros sabiam que eram convidados para um duelo de espíritos. Porque Jimmie Whistler e Oscar Wilde tinham as duas línguas mais afiadas das Ilhas Britânicas. Um crítico do *Times* de Londres escreveu um notável sumário quase inteiramente verdadeiro da diferença entre os dois homens: "Com um espírito nada menos penetrante do que o de Whistler, Oscar Wilde não tinha nenhuma das convicções, nem a alta fé pelas quais Whistler achava digno desafiar a multidão. Wilde se havia disposto a atrair a multidão. E a diferença era que, enquanto Whistler, um profeta, gostava de passar por Pierrot, Wilde, um Pierrot, gostava de passar por profeta".

Whistler não foi assim tão santo nem Wilde tão diabólico como os pintaram neste pequeno estudo inteligente de contrastes. Na realidade eram ambos indivíduos muito humanos que cordialmente gostavam de um riso à custa do outro. Era quase sempre Whistler que dava a última risada. Seu humor era mais espontâneo, menos polido, mais explosivo e mais original que o de Oscar Wilde, que geralmente utilizava as melhores piadas de seus amigos. "Cêus", exclamou Oscar Wilde, a respeito de um dos melhores epigramas de Whistler. "Gostaria de ter inventado isto!" "Você o fará", replicou Whistler sarcasticamente.

Uma vez, em uma discussão acalorada, Oscar observou: "Quanto a mim, agarro as minhas vantagens onde as encontro". "Excelente", retorquiu Whistler. "Este epigrama não necessita mais do que a mudança de uma simples palavra para se tornar perfeito. O que devia ter dito era isto: Agarro as vantagens dele, onde as encontro".

Um escritor do *Punch* referiu-se uma vez ao amplo alcance dos assuntos discutidos nas conversações destes dois homens de espírito mais avançado de Londres. Oscar, que estava em Exeter na ocasião, mandou o seguinte telegrama a Whistler: "O *Punch* é exageradamente ridículo — quando você e eu estamos juntos nunca falamos sobre nada a não ser sobre nós mesmos". Em resposta Whistler telegrafou: "Não, não Oscar, você se esquece — quando você e eu estamos juntos nunca falamos sobre nada a não ser sobre mim".

Os golpes de Whistler contra Oscar, embora maliciosos, eram bem intencionados. Mais acariaciavam do que apunhalavam. Mas os gracejos de Oscar contra Whistler eram quase sempre tão acerbos quanto maldosos. Suas setas levavam veneno nas pontas. Whistler jamais pôde esquecer daquele injurioso epigrama de Wilde que toda Londres teve satisfação em adotar: "Com o nosso James", disse Wilde, "a vulgaridade começa em casa; devia ter parado aí".

Perido vivamente com esta grosseira punhalada, Whistler aprou a pancada com outro de seus agudos golpes: "Uma coisa

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

**A LÂMINA DE
MAIOR
VENDA MUNDIAL**

TRADE **Gillette** MARK

fraca, Oscar, porém pela primeira vez, suponho que seja sua".

A amizade entre Whistler e Oscar Wilde, como muitas das amizades de Whistler, dissolveu-se afinal. A uma senhora que se queixava dos aborrecimentos que seus amigos lhe davam, Whistler observou: "Faça o que faço, minha senhora, perca-os".

Nenhum outro homem na Inglaterra, na realidade, possuía tanta capacidade para perder amigos. Sofria das consequências de uma honestidade excessiva. "Sofria", entretanto, não é a palavra exata. Na verdade, gostava das consequências de sua honesta franqueza. Uma das mais alegres sátiras do século dezenove é o seu pequeno folheto intitulado *A Nobre Arte de Fazer Inimigos*.

VI

E assim pintou e expôs, divertiu-se, fez amizades e as perdeu, desafiou os críticos e viveu ora em Londres ora em Paris, atraindo uma pequena mas entusiástica escola de artistas, abençoados com "olhos musicais", conseguindo uma vida confortável, embora sem prodigalidade. Por fim com a idade de cinquenta e três anos, arranhou uma esposa. Casou-se em 11 de agosto de 1888.

O casamento foi muito feliz, durando porém pouco tempo. Sua mulher morreu de câncer exatamente três meses antes de seu décimo aniversário de casamento. Whistler nunca mais foi o mesmo depois da morte da esposa. Perdeu a velha alegria. Raramente, agora, derrubava a cabeça para trás naquele cínico riso. Tornou-se um homem triste e judicioso que olhava o Tâmesis das janelas de seus aposentos no Savoy. Raramente procurava a companhia de seus amigos, mas ficava pintando, gravando o rio turbulento que flutuava para trás e para frente diante de seus olhos. O Tâmesis era um palco sobre o qual a procissão da vida passava constantemente e Whistler recordava os momentos mais empolgantes da eterna procissão. Até o fim permaneceu fiel à sua tendência — tendência de um pintor profeta — tornar a ciência em arte e a arte em ciência. Toda arte, dizia ele, deve ser tratada como uma ciência, "a ciência do Belo". Não era esta senão outra maneira de desenvolver a imortal idéia de John Keats: "A Beleza é a verdade", "a verdade é a beleza". "Eis tudo", dizia Whistler, "o que um artista necessita saber".

E agora que desenhava diante de seu próprio crepúsculo, Whistler ficou mais do que nunca empolgado pela noite. Expressou a profunda emoção que sentia pela noite em palavras quase tão sublimes quanto seus quadros:

"E quando o nevoeiro da tarde veste a beira do rio de poesia, como se fosse um véu, as pobres construções perdem-se no céu escuro, as altas chaminés tornam-se campanários, os armazéns são palácios na noite, a cidade inteira pendura-se no céu, e a terra das fadas aparece diante de nós — então transeuntes apressam-se em ir para casa; os operários e o médico, o homem do prazer e o homem prudente cessam de compreender, como haviam cessado de ver. E a Natureza, que uma vez cantada uma canção, canta um canto estranho para o artista solitário, seu filho e seu mestre — seu filho porque a ama, seu mestre porque a conhece".

VII

Passou os últimos poucos anos de sua vida em uma procura desesperada de saúde. Foi para Bath, para Córsega, para Iolanda. Empreendeu uma casual viagem marítima, mas sua mocidade perdida não estava em lugar algum para ser reencontrada. As vezes uma chama do velho fogo lesabrochava das cinzas de sua vida decedente. Um dia, em uma conferência, encontrou um crítico de arte, que no passado fizera o possível para rebaixá-lo. "Vamos agora, Mr. Whistler", disse o crítico, "seja um gentleman e apertemos as mãos". Whistler impertigou-se e com o velho reinir sarcástico de sua voz replicou: "E mesmo por ser um gentleman que me recuso a apertar sua mão".

Mas estas explosões tornaram-se cada vez mais raras. O fogo se extinguia. Ele que nunca tivera medo da vida tinha agora um terrível medo da morte. Não podia se conformar com a idéia de que toda sua lembrada beleza tivesse de permanecer no esquecimento. Seus quadros eram agora requentemente interrompidos por longos períodos na cama. Estava trabalhando em um quadro chamado *A Filha da Tarde*. Sentia-se doente havia algum tempo. Porque a primavera de 1903 fora fria, e a neblina de Londres havia penetrado em seus ossos. Mas reanimou-se quando o mês de julho trouxe os dias de verão. A 7 pediu um carro para dar um passeio. Quando voltou começou a trabalhar. Poucos minutos depois o pincel caía de sua mão.

Recusara a honra de um enterro em Westminster Abbey. Mas recebeu honra maior. Porque seu corpo foi descansar em Old Chiswick Graveyard, o mesmo cemitério que guarda os restos de William Hogarth. E Hogarth era o homem que Whistler havia sempre venerado como o upremo pintor da Inglaterra.

(Do livro "Vidas de grandes pintores".)

A PREVENÇÃO DUMA CATÁSTROFE

Muitas vezes temos visto no reino vegetal como a imprudência do homem ameaça extirpar o útil, enquanto é quase impossível extirpar o que é inútil. Nas regiões tropicais, por exemplo, é quase impossível abrir-se caminho e mantê-lo aberto numa selva onde abundam os hexucos, totalmente superfluos e muito prejudiciais. Por outra parte e a consequência dum descuido atrevida, e.ó. nos Estados Unidos, o homem tem provocado o perigo das inundações.

Outra exploração atrevida que tivesse tido consequências catastróficas, se não tivesse intervindo a tempo, foi a da quina na América do Sul. Nos tempos dos descobrimentos espanhóis, conheceu-se na Europa a ação saudável da casca da quina nos que padeciam de sezoniismo. Durante alguns séculos se importavam na Europa grandes quantidades da casca da quina, sem pensar numa nova plantação desta árvore. Felizmente, antes de que a quina desaparecesse totalmente, umas pessoas conceberam a idéia de iniciar a plantação das noutras regiões do mesmo clima, por exemplo, nas Índias Holandesas e Inglesas. Felizmente, foi favorável o resultado deste cultivo. Hoje em dia a quina teria sido uma catástrofe invencível para a humanidade. Hoje em dia a quina — ou seja um dos elementos mais ativos da casca da quina — considera-se o melhor remédio contra o sezoniismo, devido à sua ação segura e porque quase nunca produz toxicidade. Além disso, o conhecimento do uso dela está muito divulgado. A Comissão muito competente de Impuludismo da antiga Liga das Nações, prescreve a título de profilaxia uma "dosis" diária de 400 mgs. de quina durante todo o tempo que durar a doença e algum tempo depois e quina durante uma "dosis" diária de 1 - 1,3 gramas de quina durante para o tratamento; uma "dosis" diária de 5 - 7 dias. Não se aplicam curas secundárias, mas cada reincidência se trata 5 - 7 dias. Não se aplicam curas secundárias, mas cada reincidência se trata da mesma maneira. E sendo o sezoniismo uma das doenças mais perigosas que conhecemos, podemos imaginar-nos qual seria a catástrofe se já não houvesse quina.

L. B.



OS ASTROS REVELAM AS TENDÊNCIAS E ORIENTAM O FUTURO DOS SERES HUMANOS

Este lindo e precioso anel, com **SIGNO, PLANETA e PEDRA DO MES DE NASCIMENTO**, agora no valor de cem cruzeiros, lhe será remetido pelo **REEMBOLSO POSTAL** num belo e artístico estojo. Não se trata apenas de uma jóia de rara beleza, porque, antes de tudo, deve ser considerada a poderosa influência benéfica que ela exerce sobre a vida de todas as pessoas que a possuírem e usarem constantemente. A remessa do anel será acompanhada do competente **HORÓSCOPO**, para o que é necessário mandar nome por extenso, data do nascimento e endereço com absoluta clareza.

Se deseja conhecer suas tendências, as grandes possibilidades de êxito de sua vida e alcançar ainda as condições excepcionais aqui oferecidas, escreva hoje mesmo para **ASTRÓLOGO** — Caixa Postal nº 5.273 — Rio.

MANDE A MEDIDA DO SEU DEDO NUM PEDAÇO DE BARBANTE.



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro de Receitas "OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.

AMIDO DE MILHO
MAIZENA DURYEA
MARCAS REGISTRADAS ▲ LITA

Verifique o acampamento índio e o nome MAIZENA

A "MAIZENA DURYEA" 50-11
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____



OLEO DE PEROBA — a vida nova da mobília antiga, e a vida longa da mobília nova



Foi inaugurada, em 4 do corrente, a primeira linha aérea regular entre este País e a Suíça, ligando o Rio a Zurique. Essa nova rota, que está sendo operada pelos quadrimotores "Bandeirantes" da Panair do Brasil, foi aberta ao tráfego das aeronaves transatlânticas nacionais em virtude do acordo recentemente assinado, em Berna, entre os governos da Federação Helvética e o do Brasil, este representado pelo brigadeiro Hugo Cunha Machado, presidente da Comissão de Estudos Relativos à Navegação Aérea Internacional. Os aviões que fazem a nova rota, cobrindo um percurso de 9.605 quilômetros, escalam em Recife, Dakar, Lisboa e Madrid.

Notícias de Buenos Aires informam que o governo argentino publicou um decreto dispondo sobre a aceitação de um aparelho "III-6", doado pelo governo brasileiro à Aeronáutica Civil da Argentina.

Foi oficialmente noticiado em Buenos Aires que o "Nancu", avião de caça noturno de fabricação exclusivamente argentina, realizará um voo à Europa, tocando no Brasil, na África Ocidental Francesa, nas Canárias, em Madrid, Londres, Paris e Roma.

Na última semana de agosto, numerosos aviões transoceânicos que se dirigiam a Montevideu e Buenos Aires ficaram retidos em Porto Alegre, em consequência do denso nevoeiro reinante naquelas duas capitais. Não obstante os aperfeiçoamentos da técnica, as condições atmosféricas ainda continuam sendo um problema para a navegação aérea.

Acaba de ser fundado o Aero Clube de São João Nepomuceno, no Estado de Minas Gerais, tendo sido aclamado seu presidente provisório o prefeito da cidade, sr. Joaquim Ferreira Campos; vice-presidente, o sr. Nagib Camilo Aiupe; 1º secretário, o sr. Gomes de Freitas; 2º secretário, o sr. Gabriel Procópio; tesoureiro, o sr. José Garibaldi Lobaglio, e a comissão de redação dos estatutos, composta dos srs. Crisóstomo Ferreira, Francisco Zagari e Sebastião Goupil.

A Pan American World Airways informou que, por motivo da abertura de suas gigantescas oficinas de reparações aeronáuticas em Miami, Flórida, haverá um próximo aumento em suas folhas de pagamento, que ascende à importância de 6 milhões de dólares anuais. Assim, o total dos salários do pessoal da empresa, que até agora era de 20 milhões de dólares anuais, passará a ser de 26 milhões.

O anuário norte-americano "World Aviation Annual", divulgando informações sobre as forças aéreas de todos os países, para 1948, fornece, quanto à aviação soviética, os seguintes dados: Aviação Soviética: Efetivos do Exército do Ar — 400.000 homens. Aparelhos, inclusive aviões de retropropulsão a jato — 14.000. Potencial de fabricação para o ano em curso — 1.000 bombardeiros tipo B-29. Cadência da fabricação dos caças de propulsão a jato — 200 aparelhos por mês.

No que se refere à aviação civil, constata o "World Aviation Annual" que todas as cidades importantes da União Soviética presentemente são servidas por linhas aéreas. Salienta ainda a referida publicação os serviços meteorológicos, que se baseiam em dados fornecidos por 79 estações árticas.

Há poucos dias, em Rapid City, Dakota do Sul, Estados Unidos, caiu um bombardeiro "B-29" do Exército norte-americano, que, ao chocar-se contra o solo, foi envolvido pelas chamas e destruído. O aparelho sofreu o acidente quando acabava de largar a pista do aeródromo militar daquela cidade. Os 17 tripulantes que se achavam a bordo pereceram.

O comando da zona de ocupação americana da Alemanha anunciou, a 24 de agosto último, que dois aviões quadrimotores "C-54" da Força Aérea dos Estados Unidos colidiram no ar, caindo ambos nas proximidades de Frankfurt.

A Pan American World Airways tem atualmente em serviço nas suas rotas internacionais 50 transportes tipo "DC-4" e "DC-6", 18 "Constellations" e 20 "Convair".

A frota de "Strato-cruisers" de dois andares da Pan American World Airways, que em breve entrará em operação, será constituída de 20 unidades. Para atender aos serviços de reparação desses aparelhos serão necessários 800 mecânicos.

(Noticiário compilado por E. de Oliveira, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

O CAMINHO DA SALVAÇÃO

(Continuação da página 14)

uma cidade que surge no quilômetro 47. Com o ramal elétrico que partirá de Campo Grande ficará a uma hora de Rio. O ex-Ministro Gustavo Capanema foi convidado várias vezes pelo senhor Fernando Costa para que instalasse no local, confinando com os terrenos da Escola de Agronomia, a já lendária Cidade Universitária. Dizem que achou aquilo muito longe da cidade. Preferiria, talvez, uma Cidade Universitária dentro do asfalto, a dois passos da Cinelândia. Criou-se a Rural que é hoje uma das poucas coisas de que o nosso governo pode se orgulhar enquanto que a outra anda ainda desenhada no papel. Os alunos que querem descer diariamente para a cidade, os externos, têm caminhonetes e ônibus especiais que os levam gratuitamente até Campo Grande.

ALGUMA COISA QUE JA' FEZ PELO PAIS

A Universidade Rural ao mesmo tempo que prepara agrônomos, veterinários e técnicos para o Brasil, vai distribuindo muita coisa do que produz. O Instituto de Zootecnia, utilizando-se da disseminação artificial, inseminou gratuitamente cem mil ovelhas dos rebanhos riograndenses, aproveitando carneiros de alto preço. O aviário produz mil e seiscentos ovos por dia, vendidos para o Distrito Federal a sete cruzeiros a dúzia. Tem nos seus modernos galinheiros dez mil aves e a produção de pintos em cada temporada é de quarenta mil. No pavilhão de sericultura selecionam espécies de maior resistência, sendo apreciável o montante de fio produzido. No apiário, o mais moderno do país, produzem cerca de duas mil e quinhentas rainhas por ano, enviadas gratuitamente, para todos os pontos do Brasil. Além da produção de rainhas selecionadas, que é a principal finalidade do setor, põe à venda outros produtos da apicultura, como o mel a cera alveolada, o hidromel, o citromel e o vinagre de mel. É tão bem feita a cultura neste setor que o mesmo vem deixando um saldo líquido de doze mil cruzeiros por ano, depois de pagas todas as despesas que o serviço acarreta. Estes são alguns dos muitos serviços que a Universidade vem prestando ao país. Bem maior é a formação de agrônomos e veterinários e o incremento que dará à agricultura científica. Deixaremos para outras reportagens a focalização de aspectos parciais. Contaremos para tanto com a boa vontade e o perfeito conhecimento de tudo quanto se refere àquela mundo universitário do nosso amigo Hardman Araújo Torres. Hardman foi escolhido pelo reitor para ficar como cicerone oficial, incumbido de mostrar a Universidade aos visitantes. Estes chegam ali todos os dias, engenheiros, agrônomos, políticos, missões científicas e jornalistas. A entrada dos campos da Universidade o reitor poderia mandar colocar uma placa com os dizeres: *Isto aqui é Brasil*. Evitaria confusões dos que por dever do ofício, como nós, tornaram-se pessimistas.

Invasão Portuguesa...

(Continuação da página 9)

com o charuto!", representa o espírito da Mouraria. Mas seus fados foram aplaudidos apenas discretamente, porque, antes, esse grande ator dramático que é João Villaret, já esgotara as emoções do público com seu admirável fado falado. Eunice Colbert, Maria Adelina, Virginia de Noronha, Saluquia Rentini, o acordeonista Antônio Mestre e outros artistas se impuseram à admiração da platéia. Entre os mais aplaudidos, entretanto, figuram as bailarinas da companhia, que dançaram magistralmente o "Corridinho" e cantaram de forma igualmente elogiável a canção "Margarida vai à fonte".

Desde sua estréia, a Companhia Portuguesa de Revistas vem batendo verdadeiros "records" de bilheteria, ultrapassando todas as expectativas. É muito natural. É a primeira companhia portuguesa que visita o nosso país desde a época em que estalou a guerra. Há mais de dez anos não

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

Publicidade para a REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar
-- Sala 217 -- Fone: 6-6718

vinha ao Rio um desses elencos, — e a colônia lusa, especialmente, andava roída de saudades, querendo ver os bizarros trajes regionais e ouvir as melodias populares de sua terra. Se os próprios navios portugueses, quando chegam ao nosso porto, despertam um interesse especial, havendo quem vá ao cais afagar-lhes o casco antes lavado pelas águas do Tejo, como não haviam de fazer, muito mais ainda, as figuras esbeltas e os olhos brejeiros das garotas que Portugal mandou, de avião, como reforço à batalha da praça Tiradentes? Mas não se pense, entretanto, que se trata apenas de coisa de portugueses, por portugueses e para portugueses. Não. A companhia do Carlos Gomes tem condições para agradar amplamente aos brasileiros, e sem dúvida muitos destes estão se associando, todas as noites, aos que aplaudem Irene Isidro, João Villaret, Antônio Silva, Ribeirinho, Maria Adelina e seus companheiros.

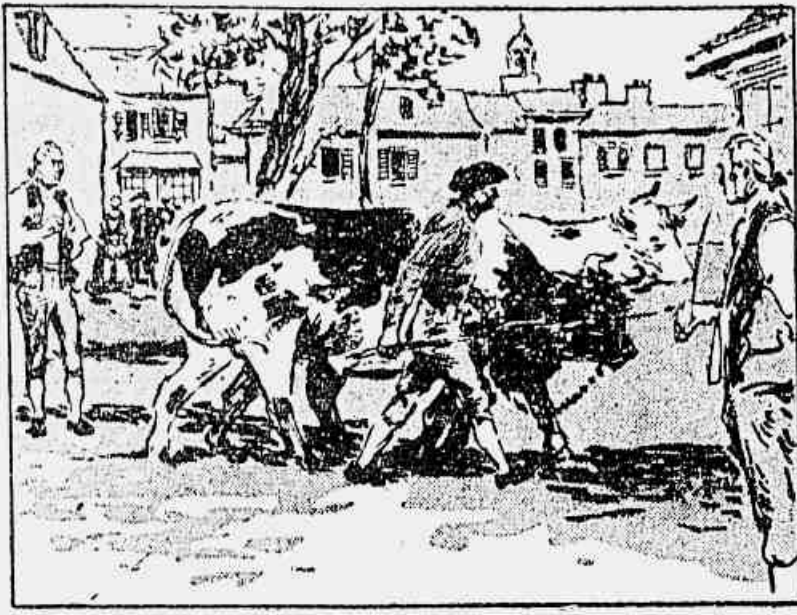
AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

"MELISSA"

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Feature Syndicate.

História de LE GRAND CANNON JR. — Desenhos de JOHN FULTON



A guerra era tão longe...

Beede reparou que Whit estava desarmado

A milícia lutara bem. Matara muitos inimigos...

Hez Hackett, o caçador, apareceu em Novembro. Admirou muito o pequenino, dizendo a Whit que era melhor ter filhos homens. Conversaram sobre caçadas e outras coisas. Hackett falou nas dificuldades surgidas em Boston com os britânicos, mas Whit não prestou muita atenção. Era tão longe... Depois desta visita, Whit e Melissa não viram mais ninguém senão os vizinhos até a primavera. Em meados de maio Whit precisou ir a Sandwich, buscar os bois que combinara comprar de Daniel Beede. Disse a Melissa, antes de partir, que daria um pulinho à casa dos Moore, de quem há muito não tinham notícias. Passou de fato pela casa

de Jonas, depois do que foi ao encontro de Beede. Quería os bois; queria ter a certeza de que os possuía... Beede reparou que Whit estava desarmado, e quando ele afinal saiu muito solene com os animais, comentou: — Agora sim, você parece um lavrador!

Whit chegou em casa com novidades: — Andaram lutando lá para as bandas de Boston, — disse molemente. — Batalha de verdade, como na guerra. Soldados britânicos contra a milícia. — Quem vencera? — Os britânicos, creio. Pelo menos estavam por cima no final. Mas a milícia lutou muito bem. Mataram mui-

to mais do que se esperava... — Conversaram ainda um pouco sobre a luta e nada mais souberam até que veio a notícia de que os britânicos haviam incendiado Falmouth... uns cento e vinte quilômetros a leste da casa deles. Os habitantes de Portsmouth acharam que seriam a próxima vítima dos britânicos. Meteram seus pertences nas carroças e partiram para o interior, para longe do litoral, onde estariam mais seguros. Entre Tamworth e Falmouth nada havia senão florestas. E não havendo rios navegáveis, a luta se desviou para o sul. Ninguém em Tamworth conhecia Falmouth. No entanto... a guerra se aproximava!



— Já ouviu falar na independência?

Em Sandwich, discutia-se a valer...

— Talvez agora arranchemos alguma coisa...

E no inverno, como seria?

Em fevereiro, Jonas e Ida apareceram de visita. Whit mostrou a Jonas o seu celeiro e o gado e voltaram para casa, para perto do fogo. — Já ouviu alguma coisa sobre independência, e coisa e tal? — perguntou Jonas. — Já sim, de vez em quando. Mas pouco... — Jonas queria saber de que lado estava. — Em nenhum dos dois. Para mim não fazem grande diferença...

Após a partida de Ida e Jonas, Whit não teve muito tempo para cuidar de acontecimentos tão distantes. Passou o inverno e veio a primavera, época de plantio. Mas havia alguns homens que, quando em julho ouviram dizer que o Congresso votara pela independência,

— Liberdade e coisas parecidas — acharam que isso era importante. Em Sandwich discutiu-se a valer. Whit soube das novidades pela boca de Hez Hackett, o caçador, que acrescentou: — Talvez agora consigamos alguma coisa. — Whit não concordava. — Porque? — perguntou. — Você acha que o trigo vai ficar melhor se o New Hampshire passar de província para estado? E aonde estará a nossa independência se tivermos compromissos com esse pessoal de York, da Virginia, de Connecticut e de... bem, seja lá de onde for? — Hackett disse que não sabia e a discussão terminou ali... Whit e Melissa continuaram a ouvir falar da guerra através de todo o verão, se bem que ainda estivesse

muito longe, lá para o sul. Em agosto souberam que mil homens haviam morrido num lugar chamado Long Island. O pequenino exército do general George Washington fora forçado a sucessivas retiradas, depois de encontros com os britânicos. Em setembro, suas forças tinham evacuado Nova York. E ninguém sabia como é que aquela tropa cansada e faminta atravessaria o inverno, já próximo. Mas quaisquer que fossem as suas razões, aqueles homens distantes resistiam ferreamente. Até que numa noite de dezembro atravessaram um rio de surpresa e não deixaram vivo um só soldado de um batalhão inimigo. Isso foi na noite de Natal. Só assim a guerra continuou.



— Tomaram Forte Ti

Tem índios, também...

Whit ficou preocupado

Já a saudade a tudo superava...

O inverno passou vagarosamente, mas a primavera, com suas mil ocupações, num instante. Agora em julho, Whit voltava de sua primeira pescaria. Quando entrou em casa Melissa disse logo: — Whit, esteve um homem aqui que disse que os britânicos tomaram Forte Ti. — Whit ficou calado, pensativo, enquanto se lixava os apetrechos de pesca. — Onde é esse Forte Ti, Whit? Não faço a menor ideia... — Ele explicou que ficava uns duzentos e tantos quilômetros a oeste. — Será que eles chegarão até aqui? — Whit respondeu que não e foi para a porta. Não estava preocupado

com os britânicos; eles andavam devagar. Os índios é que lhe davam o que pensar. Melissa não desistiu: — Por que eles não podem vir até aqui? — Nada que lhes interesse, filha. Querem as cidades grandes. — Ouvi dizer que os índios estão com eles, — Whit falou rapidamente: — Ouvi dizer isso mesmo. Mas ninguém pode ter certeza...

— Duzentos quilômetros, — comentou Melissa, — não são muita coisa para um índio. Eu sei o que eles fazem, Whit: queimam e torturam. Quando penso nisso chego a me sentir mal. — Aqui Whit tratou de mudar

de assunto, mas no dia seguinte foi a Sandwich em busca de novidades. Quando regressou, ela viu que estava preocupado. — Bem, — disse ele, — já começaram. Mataram uma mulher perto de Ti, os índios. Beede, quem me disse. — Houve uma longa pausa. Depois ele disse: — Prefiro ir ao encontro deles do que esperá-los aqui. Vou me alistar. — Discutiram calmamente o caso. Três dias depois ele partia. Melissa o acompanhou até a mata. Pararam um pouco; abraçaram-se. Melissa sabia que se ele partia era porque acreditava estar agindo bem... Então a dor da separação superou todos os outros pensamentos.

"MELISSA"

Este folhetim termina no presente número

Tradução de **JORGE A. FORTES**
especialmente para
REVISTA DA SEMANA



O acampamento não foi difícil de achar...



— Whit, que vigor!

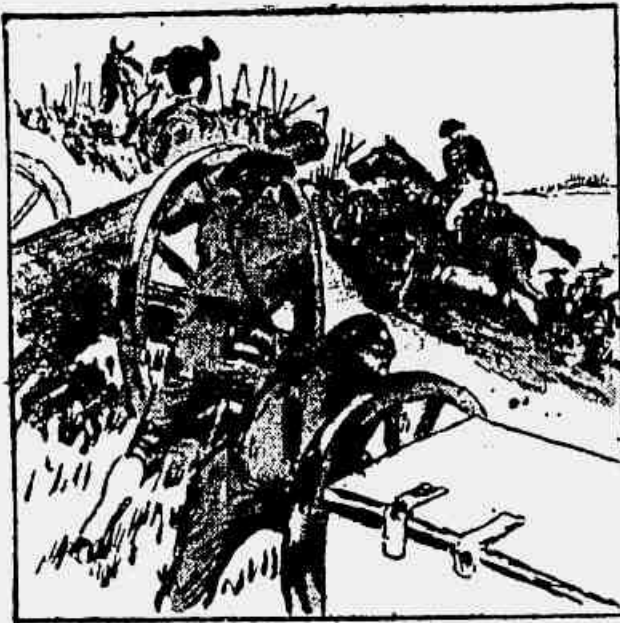


Arregalaram-se os olhos de Joe Felipe...

Whit parou na casa de Beede, para adquirir pólvora, e soube que o coronel Stark fora para Manchester. Disse que iria até lá. Quando quis pagar, Beede se recusou a receber. Whit saiu então a caminho. A jornada foi difícil, mas uma vez perto de Manchester foi fácil encontrar o acampamento, com seus doze mil homens e trezentas fogueiras. A excitação era grande por todos os lados e logo tomou conta dele. Afinal, la tomar parte num grande acontecimento... Quando chegou aos limites do acampamento, quase voltou. Era

demais para ele: doze mil homens reunidos! Enquanto vacilava, foi visto pelo "Marujo" Lord. — Olha só quem temos aqui! E que vigor! Como vai Melissa? — Whit deu notícias. — O "Marujo" então quis saber em que companhia ele estava. Em nenhuma. — Quer entrar para uma boa companhia? — Olhe, "Marujo", não sei. Estava pensando apenas em me aguentar por aqui até o fim da guerra; depois voltar para casa. Ainda tenho muito o que colher nos meus campos. — Assim também todos nós, Whit. Todos pensam como você. Mas

você não pode ficar sozinho. Venha comigo. Temos bons homens e um bom capitão. — Saíram os dois pelo acampamento, até que chegaram a um grupinho de homens reunido em torno de uma bigorna. Lord perguntou e falou alto: — Trouxe um recruta, — e todos se viraram para conhecer o novo soldado. Num velho avental de couro, empunhando tenaz e macho, ali estava Joe Felipe, encarando Whit. Os olhos do português abraçaram-se cada vez mais. Whit o ficou olhando, esperando.



Entraram em linha perto de Bennington Whit avançava com os companheiros

Ah, queriam trocar balas, não é?

Deixou-se cair... e rolou...

Mas o alarme e a surpresa nos olhos de Joe Felipe foram desaparecendo aos poucos. Um instante depois ele já parecia disposto a sorrir. Whit se afastou, para cuidar da vida.

Em pouco estava enquadrado na rotina da tropa. E dias depois marchava com os outros para a frente de batalha, perto de Bennington. Sentou-se num tronco deceitado, e pensou. Sentia-se desanimado. Em poucos minutos estariam combatendo. Stark e os índios, Melissa em casa. Britânicos, os filhos e o peso do rifle... tudo isso, lhe enchia a cabeça. Stark então discursou para a tropa. Uma grande ovação e os homens

recomeçaram a marcha — felizes e contentes — assim pareceu a Whit...

Us estampido forte, e surgiu um canhão no cimo do morro. Era a luta. — Lá vêm eles! — A frente, arumadinhos, surgiam os britânicos, ainda não muito visíveis por entre a fumaceira. Subiram os mosquetões e lá veio a primeira descarga... Ruidos secos um pouco atrás despertaram Whit para a luta. Tinham atirado contra ele! Então viu o ombro de um deles... Queriam trocar balas, não é? Muito bem! Ergueu o rifle e o ombro do sujeito desapareceu. Mas Whit sabia que acertara. Ai os companheiros começaram a correr

para a frente. Acompanhou-os. Chegaram ao cimo do morro. Viu então Joe Felipe, um pouco à frente, subir num barranco e brandir o mosquetão como se fosse um cacete... e saltar para o outro lado. Whit saiu-o. Dois britânicos, ombro a ombro, ergueram as balonetas para cravá-las nas costas de Joe. Joe parou um, esquivando-se da baloneta, e Whit sapeitou para a esquerda, em pleno rosto do segundo. Voltou-se então para a esquerda, viu o golpe que já não poderia deter, e deixou-se cair no chão. Rolou depressa para os pés do agressor, agarrou-os e sentiu que o homem descaía. Sacou a faca... e foi então que sentiu que uma explosão dentro da cabeça.



Whit sabia quem era: Joe Felipe!



— Que surra nós demos, menino!



Chegou ao entardecer à sua casa...



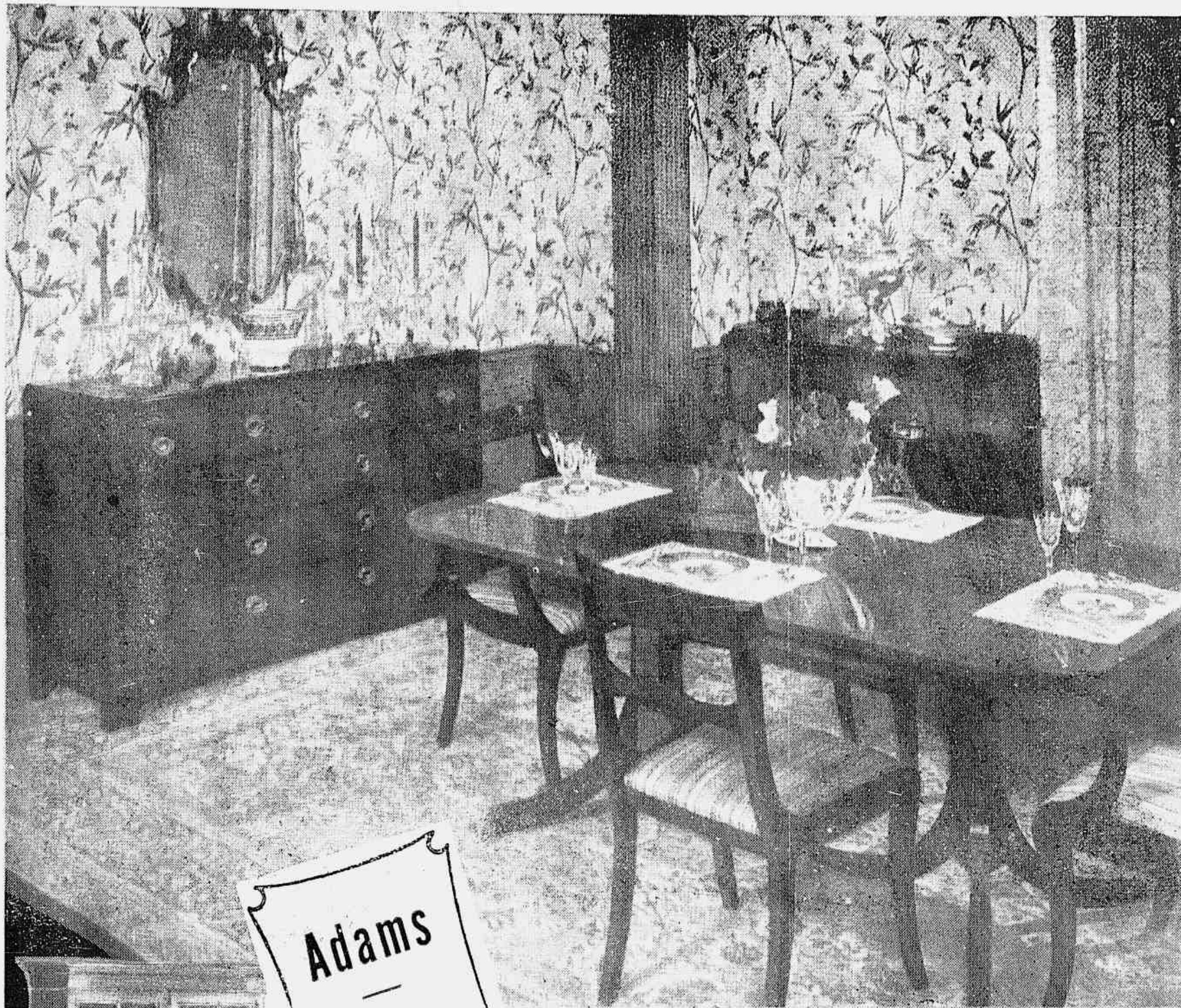
Estavam de novo juntos!

Caído de bruços no campo de batalha, Whit procurava imaginar o que acontecera. Lembrava-se de que tivera um inimigo nas mãos; mais nada. Abriu os olhos, mas sentiu tudo girando velozmente... Tornou a fechá-los; depois tentou se erguer. Quase o conseguiu.

Vinha um homem caminhando em sua direção. Whit olhou para o rosto dele e soube quem era: era Joe Felipe. Percebeu que Joe perguntava alguma coisa. Mas não tinha meios de saber o que, nem de responder. Sentiu-se bem olhando para Joe. Sorriu-lhe. Sentiu então que estava nos braços de Joe, em movimento... Recebendo um balde d'água no rosto, Whit falou alto:

— Não! Não! — Joe respondeu: — Você quebrou a cabeça. Vai ficar bom. Já vi muito disso. — Whit gritou que queria ficar descansando. — Está bem. Oh, Whit, que combate! Vencemos em toda a linha, menino! Olhe: eu não sabia que era você, não. Quando você caiu e tentou agarrar o cara... ai é que vi que era você. Não sei bem o que falei. Mas peguei o bruto! — Depois disso Whit só despertou quando alguém o chamou: — Whit, não me conhece mais? Sou o "Marujo" Lord. — Abriu os olhos. Estava escuro. — Onde está Joe? — Foi ele quem me mandou aqui, para buscá-lo. Pouco depois pegou o dele. Canhão, velho. Nem sentiu...

Lord o levou para uma igreja, que servia de onde Whit passou quinze dias. Sentiu-se então disposto a andar e insistiu em ir para casa. Dias de marcha... e uma bela tarde chegou à na. Apoiou-se no rifle e gritou alto. Melissa na porta, parou um pouco, viu-o. Tomou as mãos e desceu a colina como se fosse uma criança largou o rifle e abriu os braços, esperando um instantinho apenas. Logo vieram os dois. Jonas agarrou-se às pernas do pai, que e ergueu o pequenino Gowan nos braços. E ali ficaram os quatro, entrecalhando-se pela felicidade. Estavam de novo juntos.



Adams

o estilo
aristocrático

Exemplo de uma estilização Adams, em que o tom de magno dos móveis sobressai esplêndidamente na decoração ambiente: — tapete persa, cadeiras estofadas com damasco listado e respoteiros de damasco de sêda lavrada



**MOBILIÁRIOS E
DECORAÇÕES**
QUALIDADE E BELEZA
INCOMPARÁVEIS

Orçamentos
grátis, por
técnicos
especializados

ASA
MARCA

AINES
REGISTRADA

FUNDADA EM 1912

65 — RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

CURIOSIDADES Continental



O AMAZONAS percorre 5.800 quilômetros de sua nascente à foz, sendo o terceiro rio em extensão de todo o mundo e o que carrega em si o maior volume de águas. No Brasil são fumados diariamente 350 quilômetros de cigarros Continental. Para cobrir a extensão percorrida pelo Amazonas bastaria ligar os cigarros Continental fumados em 16 dias apenas em todo o Brasil

A ENORME preferência que se nota em todo o Brasil pelos cigarros Continental é o mais eloquente atestado de sua superior qualidade. Prefira também CONTINENTAL.

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE
O MELHOR EM SUA CLASSE



LISO E COM
PONTEIRA

COMPANHIA DE CIGARROS *Souza Cruz*